



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA – DAM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA – PPGA

EVELINE MARIA AMORIM BEZERRA

**ÀGUAS EM MOVIMENTO:**

Um olhar sobre as práticas sociais do pantaneiro no seu ambiente, o Pantanal

Recife  
2018

EVELINE MARIA AMORIM BEZERRA

**ÀGUAS EM MOVIMENTO:**

Um olhar sobre as práticas sociais do pantaneiro no seu ambiente, o Pantanal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Renato Athias

RECIFE  
2018

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

B574a Bezerra, Eveline Maria Amorim.  
Águas em movimento : um olhar sobre as práticas sociais do pantaneiro no seu ambiente, o Pantanal / Eveline Maria Amorim Bezerra. – 2018.  
105 p. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Renato Athias.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2018.  
Inclui referências e apêndice.

1. Antropologia. 2. Pantanal Mato-grossense (MT). 3. Pantaneiros. 4. Cultura. 5. Meio ambiente. I. Athias, Renato (Orientador). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2021-081)

**EVELINE MARIA AMORIM BEZERRA**

**ÀGUAS EM MOVIMENTO:**

Um olhar sobre as práticas sociais do pantaneiro no seu ambiente, o Pantanal

Relatório final, apresentado a Universidade Federal de Pernambuco, como parte das exigências para a obtenção do título de mestre em Antropologia.

Recife, 29 de Novembro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Renato Athias  
Programa de Pós-graduação em Antropologia

---

Prof. Dr. Alex Vailati  
Programa de Pós-graduação em Antropologia

---

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim  
Programa de Pós-graduação em Geografia

Dedico este trabalho aos meus pais, aos Pantaneiros, e todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento acadêmico

## **AGRADECIMENTOS**

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente:

Aos pantaneiros, que entende o meio ambiente.

Para meus pais, que sempre me ensinaram o valor dos estudos, do respeito ao outro e principalmente me deram força para nunca desistir.

As irmãs, que foram um exemplo para formação, mostrando o quão é importante a formação e o título de graduação para seguir em frente.

Ao meu namorado, que foi e está sendo meu maior incentivador para estudar e concluir essa dissertação.

A todos os meus familiares, principalmente a avó Maria Marques Bezerra (Dona Sinhazinha), que deixou muitas saudades e ensinamentos para vida, eternamente admirável, cuja convivência não pude compartilhar pelo tempo que gostaria.

Para meu orientador, pela dedicação e preocupação em ajudar-me a realizar este trabalho da melhor maneira possível.

A todos, que de alguma forma, contribuíram para o meu crescimento acadêmico e a construir os grandes momentos de minha vida.

Agradecimentos especiais para toda a comunidade Pantaneira, principalmente aos que mostraram um pouco sobre a vida e a cultura deles: Airton Pereira, Ana Maciel de Araújo, Aristides Edivino, Joaquim Santana Rodrigues, João Batista Taques, Maria José da Silva, Narciso Tadeu da Silva Amorim, Santana Rodrigues, Silvério Dias Gomes, Otoniel Gonçalves Padilha e Pedro Silvestre.

Que as minhas palavras não caiam de  
Louvamentos à exuberância do Pantanal.  
Que eu não descambe para o adjetival.  
Que o meu texto seja amparado de substantivos. Substantivos verbais.  
Quisera apenas dar sentido literário  
aos pássaros, ao sol, às águas e aos seres  
***quisera humanizar de mim as paisagens.***  
(Manoel de Barros, Para encontrar o azul eu uso pássaros, 1999)

“Pantaneiro sou sim, ando de pé descalço na mata, sei chegar na  
minha casa sem ajuda desses “aparelhos”, sei som de onça e conheço  
todos os bichos, até chamar com o barulho deles eu sei.. só vou sair  
daqui quando morrer e subir.”  
(Dona Maria, Pantaneira, Barão de Melgaço, 2017)

## RESUMO

Esta dissertação versa sobre os pantaneiros do Pantanal Norte, no município de Barão de Melgaço, Mato Grosso, Brasil. Este trabalho busca compreender a relação estabelecida entre os moradores do pantanal e a natureza, durante o período de seca e cheia, percebendo as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que os influenciam. Os resultados apresentados são provenientes de uma pesquisa antropológica, realizada através de observação participante e entrevistas com os pantaneiros durante o ano de 2017, e com uma análise documental envolvendo documentários, textos, documentos permitindo uma análise sobre a memória, imaginário e experiência social. Os entrevistados mostraram a dinâmica cultural que envolve o pantaneiro e os aspectos de seu meio ambiente. Nesse sentido este grupo social visto como heterogêneo, que deve ser entendido a partir de seu “locus”, não tendo um limite, de um Estado, um município. Portanto, a identidade do pantaneiro não se limita aos territórios tradicionais. O pantaneiro é o resultado e síntese de diversos espaços geo-político-sociais denominado de pantanais, com sua peculiaridade e diferenças, mas que tem sua similaridade na maneira de relacionar-se entre eles e com a natureza. No Pantanal, não apenas o gado perdeu sua liberdade através das novas fazendas e divisas criadas, mas o pantaneiro deve que se adaptar e criar novos “processos” nesse mundo globalizado que proíbe e fixa territórios que ele pode ou não habitar. Junto com esse trabalho encontra-se um filme que mostra através das memórias e narrativas da comunidade, a cultura deste grupo social modificado com o tempo-espaço, transformações ocorridas não apenas dentro da comunidade, mas principalmente, nas pessoas que ali vivem até hoje e demonstram que ali querem permanecer com essa identidade própria dessa região do Brasil.

**Palavras – Chave:** Cotidiano. Comunidades tradicionais. Pantanal.

## **ABSTRACT**

This dissertation is about the pantanal of the Pantanal Norte, in the municipality of Barão de Melgaço, Mato Grosso, Brazil. This work seeks to understand the relationship established between wetland dwellers and nature, during the drought and flood, perceiving the social, economic and cultural dynamics that influence them. The results presented come from an anthropological research, carried out through participant observation and interviews with the Pantanal during the year 2017, and with a documental analysis involving documentaries, texts, documents allowing an analysis on memory, imaginary and social experience. The interviewees showed the cultural dynamics that surround the pantaneiro and aspects of its environment. In this sense this social group seen as heterogeneous, which must be understood from its "locus", not having a limit, from a State, a municipality. Therefore, the identity of pantaneiro is not limited to traditional territories. The pantaneiro is the result and synthesis of several geographical-politic-social spaces denominated of wetlands, with its peculiarity and differences, but that has its similarity in the way of relating between them and with the nature. In the Pantanal, cattle have not lost their freedom through new farms and created currencies, but pantaneiro must adapt and create new "processes" in this globalized world that prohibits and fixes territories that it may or may not inhabit. Along with this work is a film that shows through the histories and narratives of the community, the culture of this social group modified with space-time, transformations occurred not only in the community, but mainly in the personalities that live there until now. demonstrate that they want to remain with this identity of this peculiar region of Brazil.

**Keyword:** Daily life. Traditional communities. Pantanal.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Pantaneiro e seu cavalo .....	22
<b>Figura 2</b>	Quatro estações ciclo .....	30
<b>Figura 3</b>	Seis Mapas das divisões do estado durante a história .....	42
<b>Figura 4</b>	Microrregiões do Mato Grosso .....	44
<b>Figura 5</b>	Microrregiões do Centro-sul Mato Grosso .....	45
<b>Figura 6</b>	Mesorregião Alto Pantanal .....	46
<b>Figura 7</b>	Mesorregião Alto Pantanal: Barão de Melgaço .....	47
<b>Figura 8</b>	Município de Barão de Melgaço .....	49
<b>Figura 9</b>	Início da Baía .....	51
<b>Figura 10</b>	Vazante do Rio .....	52
<b>Figura 11</b>	Corixo .....	52
<b>Figura 12</b>	Salinas .....	53
<b>Figura 13</b>	Turismo de exploração .....	55
<b>Figura 14</b>	O Pantaneiro e a água .....	69
<b>Figura 15</b>	Foto da etnia Guató .....	73
<b>Figura 16</b>	Foto do arquivo Público: Índio / Peão com o cavalo pantaneiro .....	74
<b>Figura 17</b>	Cavaleiro e sua boiada .....	77
<b>Figura 18</b>	Pantanal e seus mitos.....	79
<b>Figura 19</b>	Cavalo Pantaneiro .....	84
<b>Figura 20</b>	Cavaleiros do Pantanal .....	86
<b>Figura 21</b>	Pantaneiro e seu rebanho .....	89
<b>Figura 22</b>	Água luz .....	90

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa
CPP	Centro de Pesquisa do Pantanal
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNATURA	Fundação Pro-Natureza
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto de Geografia e Estatística
NUPAUB	Núcleo de Apoio a Pesquisa sobre Populações e Áreas Úmidas Brasileiras
PNPCT	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
SDS	Sociedade em Defesa do Pantanal
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>O PANTANEIRO E AS ÁGUAS</b> .....	20
2.1	Cultura .....	20
2.2	Organização Social .....	25
2.3	Água .....	29
<b>3</b>	<b>O PANTANAL E AS PESSOAS DO PANTANAL</b> .....	40
3.1	Compreender o passado para entender o presente .....	40
3.2	História do Mato Grosso .....	41
3.3	História de Barão de Melgaço .....	47
3.4	Aspectos Geográficos .....	50
3.5	Turismo .....	54
3.6	Paisagem .....	59
<b>4</b>	<b>BREVE HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO HUMANA NO PANTANAL</b> .....	61
<b>5</b>	<b>O PANTANEIRO</b> .....	69
5.1	Identidade .....	80
5.2	Pantaneiro e seus codinomes .....	91
5.3	Pantaneiro-peão-vaqueiro .....	92
5.4	Pantaneiro-ribeirinho .....	94
5.5	Pantaneiro-camponês .....	94
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	97
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	100
	<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	105

## 1 INTRODUÇÃO

*“Não era o homem que habitava o meio,  
mas o meio que habitava o homem?”*

*(EVELINE BEZERRA, 2018)*

O objetivo desta pesquisa foi as praticas sociais do pantaneiro com o ciclo de cheia no pantanal mato-grossense da região rural do município de Barão de Melgaço. Apresentando o ciclo das águas como fio condutor deste trabalho por ser importante para todas as formas de vida no Pantanal.

A pesquisa não começou durante o mestrado, foi toda uma construção da minha trajetória na área acadêmica. Na graduação de Comunicação social, escrevi sobre “São Gonçalo Beira Rio”, a primeira comunidade de Cuiabá, foi ali que a capital começou a crescer e desenvolver. Quis fazer essa pesquisa para entender como uma comunidade tão pequena poderia ser o berço da capital do Estado, e por causa dessa curiosidade descobri algo muito obvio: o rio.

Cuiabá cresceu em volta do Rio Cuiabá, pois era ali que tudo chegava para a região, porem devida a cheia, diversos moradores migraram para o bairro do Porto, que ganhou esse nome por ter o primeiro Porto de embarcações. Minha segunda graduação, no curso de Ciências Sociais, foi em cima dessa pesquisa: a ligação entre o crescimento da cidade através do rio.

Assim, a pesquisa no Porto e em São Gonçalo Beira Rio mostrou que o Rio influenciou e influencia até hoje na região, é através dele que vem boa parte da renda na região: pesca, transporte de carga, as plantações que precisam ser regadas, o turismo durante as secas e cheias.

Mas o rio não é algo estático, ele não nasce e morre em Cuiabá, percebi isso pelas narrativas dos moradores dessas regiões, que sempre estavam citando o Pantanal como o principal aliado no crescimento da capital, e por isso nas falas eles demonstravam uma preocupação com a degradação do meio ambiente, a pesca esportiva e excessiva e as plantações irregulares.

Eles colocavam que cada ano o rio Cuiabá secava mais, isso influencia diretamente o clima da capital que estava muito seco principalmente nos períodos de seca do Pantanal, afetando a todos que moravam ali. Sem contar que o alimento nesses períodos era bem mais difícil, pois o peixe é o principal alimento dos moradores. Mas por onde começar?

Para entender como e porque uma região alagada pode afetar tanto a vida dos moradores desse Estado, foi preciso “subir o rio”, conhecer as pessoas que moram no Pantanal e que convivem com essas mudanças, quem são essas pessoas, como elas se relacionam com o meio ambiente, pensar como a vida delas pode modificar durante o ano por causa da seca e vazante, e principalmente, porque o clima esta mudando tanto durante esses anos.

O objetivo era entender essa relação água e indivíduo, como um poderia afetar o outro, afetando todo o ambiente em seu entorno. No Pantanal, entendi que meu objetivo era algo mais conciso, mais objetivo, que era tentar compreender essa relação do morador do Pantanal, quem eram os moradores da região, como viviam, suas crenças, costumes, como era sua rotina, como chegaram ate ali, as mudanças que estavam acontecendo na região e de alguma forma atingindo seu dia-a-dia. Todas essas reflexões serviam para entender quem era “o pantaneiro” e sua relação direta com o meio ambiente.

No Pantanal percebi que acontece ao inverso, ao invés de pensar no homem em primeiro plano, logo vem a questão do ambiente (frases como a maior extensão de agua do mundo e com uma biodiversidade extraordinária ecoam nas pesquisas sobre a região), acabamos por esquecer que existem pessoas vivendo naquela local, podemos perceber claramente isso em uma rápida busca nas pesquisas já realizadas como se o homem fosse apenas algo passageiro.

A reflexão inicial era que “não era o homem que habitava o meio, mas o meio que habitava o homem”, para meus colaboradores isso era algo muito latente e provocante, colocavam que o Pantanal mudava a forma de pensar dos homens, transformando sua maneira de agir, pensar e ser. Um deles disse que quando “você observa aquela natureza presente em todos os lugares, a abundância de comida e agua fresca, sabe que chegou ao paraíso”, não citando os habitantes do local, apenas sua biodiversidade.

Sobre o conceito “sujeito pantaneiro”, refere-se não apenas aos homens mas também as mulheres que vivem na região do Pantanal, ou seja, todos os indivíduos que tenham sido provenientes ou não nesse espaço e alguns que, embora já o tenham deixado, porém mantêm algum tipo de vínculo com a região.

No inicio visitei alguns municípios e comunidades, mas a pesquisa sobre o pantaneiro e suas relações com o ambiente deveria ser limitada a alguma região, pois o Pantanal tem 140.000 (cento e quarenta mil) quilômetros quadrados de área, dividindo em dois estado: Mato Grosso (MT) e o Mato Grosso do Sul (MS), ambos na região Centro-Oeste,

e ainda tomando uma boa parte das terras vizinhas, Bolívia e Paraguai.

Delimitei a pesquisa no Estado de Mato Grosso (MT), especificamente no município de Barão de Melgaço conhecido como “porta de entrada” do Pantanal. O município foi escolhido por conter a famosa baía de Chacorore, conhecida pelos pescadores esportivos, pesquisadores sobre fauna, flora e sobre o Pantanal como um todo, pois é uma Baía que aparece durante o período de Cheia, mas na vazante se esvazia, chegando ao seu limite no período de seca, podendo até andar de carro onde apenas barcos passavam.

Como coloquei, comecei a pesquisa querendo saber mais sobre a relação do Pantaneiro com o meio ambiente, principalmente essa relação com a água, e como isso poderia influenciar tudo ao seu entorno.

O sujeito que mora no Pantanal tem uma forma de pensar sobre o tempo – espaço que era diferente do nosso, segunda algumas pesquisas que havia lido, citavam que ele por causa da seca e cheia, desses períodos definidos pela natureza, havia modificado sua forma de plantio, suas crenças e seus costumes, acostumando-se naquele meio, adaptando ao ambiente que estava vivendo.

A partir das pesquisas que li e conversando com meu orientador, aguicei ainda mais a vontade de entender esse contexto por meio de quem vivia e convivia diretamente ali. Hoje, vários estudos têm como foco o Pantanal, entre eles o Núcleo de Apoio a Pesquisa sobre Populações e Áreas Úmidas Brasileiras – NUPAUB; o trabalho de Galetti (1995), de título “Nos Confins da Civilização: sertão, fronteira e identidade sobre as representações sobre Mato Grosso”; e o de Castro e Galetti (1994), denominado “Um Histórico dos Usos da Biodiversidade em Mato Grosso”.

Nessas pesquisas, o ambiente é reverenciado principalmente por suas questões naturais: o ciclo das águas e a diversidade da fauna e da flora. No entanto, justamente pelo fato de os estudos focarem apenas no ambiente, a relação dos homens e mulheres que habitam a região tem sido abafada, bem como tem se ignorado as modificações que essas pessoas causam ao ambiente e os aprendizados desses indivíduos.

Nogueira (2009) define os sujeitos pantaneiros com uma formação de cultural híbrida, sendo estes um produto de diversas mesclas interculturais aos quais denomina de “senhores dos pantanais” que desempenham as mais diferentes funções:

“São fazendeiros, boiadeiros, capatazes de capôs, gerentes de fazenda, peões praieiros, peões campeiros, piloteiros, guieiros, todos representantes de uma população que está cada dia mais escassa e pressionada para a vida fora dos pantanais, afetados por questões

parecidas àquelas que influenciam a migração do campo para a cidade.”  
(NOGUEIRA, 2009, p. 151)

Por causa dessas pesquisas, que a pergunta sempre aparecia: não existe pessoas que vivem nessa região? Na maior parte das pesquisas fauna e flora apareciam, e intervenções humanas eram abafadas do contexto pantaneiro. Foi assim que surgiu meu problema metodológico: será que o indivíduo, morador, pantaneiro não tem influencia sobre o meio que vive?

O problema metodológico aumenta quando refletimos que nesse pantaneiro, uma compreensão diferenciada das coisas e até do mundo. Porém, é necessário ter cuidado, se o Pantanal é visto como “santuário ecológico”, um mundo diferente, não se pode resumir que seus moradores também constituam uma cultura completamente distinta e deslocada do mundo.

Esta pesquisa teve uma revisão bibliográfica em cima das da principal área temática da pesquisa, a relação do pantaneiro e o pantanal. Alguns autores como Proença e Nogueira foram essenciais para entender o contexto pantaneiro, sua história, geografia da região, modificações ao longo do tempo (paisagem, animal e humana) e construção da identidade desse indivíduo que mora naquela região. Pesquisei sobre a questão de não-humanos, usados para o entendimento da relação pantaneiro e boiada ou pantaneiro e peixe, as formas como ele mudou sua agencia e como personificou alguns animais daquela região.

Algumas pesquisas principais sobre as mudanças ocorridas na região foram feitas, temas principais como agronegócio e turismo foram o foco por estarem nas alterações climáticas, sociais, econômicas, geográficas e principalmente na mudança “humano-animal” (assuntos como elevação de esvaziamento da região dos moradores e morte de animais em demasiado)

Na abordagem qualitativa, o pesquisador busca a compreensão do fenômeno, nesse sentido, a abordagem qualitativa foi desenvolvida por meio da realização de um filme, que buscou compreender e verificar o modo de vida desse povo e preencher as lacunas das documentações, pois são muito importantes as continuidades de práticas sociais. Os documentos analisados são referentes a fontes locais, de arquivos e núcleos de documentação e também, atas de reuniões da comunidade. Vale ressaltar que os relatos orais são fontes valiosas para a memória dos habitantes daquela região.

Depois da pesquisa de campo, observação participante e das entrevistas semiestruturadas, a etnografia (descrição do trabalho de campo) estava quase pronta, faltava

apenas o processo de transcrição. Durante minha escrita para a dissertação, tentando sempre pensar em tudo que li na bibliografia, iniciei minha etnologia, que é a síntese dos conteúdos descritos em campo, inserindo conceitos de autores e refletindo sobre as falas dos entrevistados. Por meio da análise crítica, foi possível interpretar alguns fenômenos descritos, e na finalização, a divisão dessa dissertação foi idealizada.

No primeiro capítulo, uma contextualização do Pantanal e as águas, a cultura como compreensão primordial na antropologia e a base para entender qualquer sociedade estudada, além da organização social do pantaneiro com transcrição de trecho das entrevistas, finalizando com o papel da água para eles.

No segundo capítulo, o pantaneiro é apresentado através da economia, história da região, os aspectos geográficos que ele presencia todos os dias e principalmente o lugar que ele ocupa nas políticas da região, e como essas políticas sem estudo social e econômico vêm afetando drasticamente a vida dos moradores (humanos e animais)

No terceiro, a reflexão de identidade do pantaneiro através da história narrada pelos próprios moradores.

O documentário fez com que a comunidade participasse, eles queriam ver sua imagem e contar coisas que não contariam se eu não estivesse gravando. Talvez seja o fato da nossa sociedade hoje ser mais imagem, mais visual do que escrita. É por meio do uso da língua, em conjunto a outros aspectos do conjunto social em que se atua e vive, é que o indivíduo acaba se constituindo como sujeito que consegue estabelecer vínculos sociais com outras pessoas e conseqüentemente com outras culturas, construindo desta maneira, a sua própria história.

O pantaneiro, que está vivendo no Pantanal mato-grossense, que possui características sócio históricas e geográficas peculiares, constitui-se socialmente e historicamente, através da riqueza linguística que acaba se concretizando na convivência com outros falantes da língua portuguesa e também com o guarani e o espanhol, línguas estas presentes nos discursos interativos do dia-a-dia, resultado do convívio com os paraguaios e bolivianos.

Nesta expectativa, o questionamento apresentado é: em que medida se constrói a imagem do pantaneiro através de seu próprio discurso? Ou seja, em que medida é possível comprovar as imagens do pantaneiro edificadas pelo discurso oral do próprio pantaneiro? Diante destes questionamentos, o desafio maior foi descrever a memória oral e coletiva, que está presente em cada homem pantaneiro, dentro do documentário.

A questão do documentário ajudou a pesquisa, quando mostrava a câmera e argumentava o porquê estava gravando, todos ficavam com vergonha no início, porém,

respondia sempre que estaria entregando uma copia para eternizar aquele momento, assim, com esse argumento, todos queriam participar e gravar, mostrar o que eles realmente achavam importante ser colocado no documentário e de alguma forma, tentar explicar da forma deles certos contextos e realidades pertencentes ao cotidiano que eles estavam fazendo parte.

Sobre o olhar da câmera, eles esqueciam diversas vezes que havia um pesquisador do outro lado, como em um divã, onde contamos tudo para o psicólogo por saber que eles não podem falar ou por achar que nunca iria ver de novo.

O sentimento era esse, a realização do vídeo significou um avanço para a compreensão do que estava estudando, ate para refletir sobre as falas, pois assistia diversas vezes para entender o que eles realmente queriam dizer.

Uma coisa ficou muito clara, o filme foi feito com meu equipamento, mas a partir do momento que iniciou a pesquisa, e o primeiro segundo começou, ele não me pertencia mais, ele era uma construção coletiva que ganhava contornos e explicações sobre a rotina dos pantaneiros, suas crenças, costumes, cotidiano, sua forma de pensar na agricultura, na vida, sua formação familiar, e tudo o que mais eles queriam dizer e gravar.

O documentário faz parte da pesquisa, serve para aprofundar os conceitos discutidos nessa dissertação, além de dar forma e fala para os colaboradores. Ele será utilizado também para participação em festivais, discussões teóricas, como acervo dos colaboradores e poderá algum dia, ajuda-los na questão de demarcação de terras e entendimento e compreensão para futuras gerações.

Quando iniciei, a coleta dos dados foi realizada por meio de um roteiro que elaborei com base nos objetivos estabelecidos para o trabalho e com o intuito de estabelecer um primeiro contato com os pantaneiros. Esse roteiro que foi chamado de “Roteiro de conversa” é composto de dois pontos principais, sendo o primeiro deles com relação ao homem pantaneiro e o segundo sobre sua afinidade com os animais e o ambiente.

Inseri aspectos relativos à identificação enquanto pantaneiro, quando veio para a região, como é morar naquela localidade, dados pessoais, trabalho, e no segundo como se situa e/ou atua nesse espaço, sobre seca e a cheia e com outros animais da região, cada um deles com seus questionamentos, conforme roteiro em anexo.

O estudo foi desenvolvido entre 2016 e 2017, os dois anos de mestrado, recorrendo à pesquisa de campo, a entrevistas e, também, a participações em eventos relevantes para o aprofundamento do tema estudado.

As pesquisas bibliográfica e documental também foram imprescindíveis para a

realização do trabalho, permitindo grandes avanços na compreensão sobre a região, bem como sobre os pantaneiros e elementos constitutivos, ou seja, as continuidades e descontinuidades da reprodução histórica desses indivíduos.

Deve-se destacar a participação de diversos moradores colaboraram com a pesquisa, Airton Pereira, Ana Maciel de Araújo, Aristides Edivino, Joaquim Santana Rodrigues, João Batista Taques, Maria José da Silva, Narciso Tadeu da Silva Amorim, Santana Rodrigues, Silvério Dias Gomes, Otoniel Gonçalves Padilha, Pedro Silvestre, todos vão ter uma cópia da dissertação e do documentário, não apenas como acervo pessoal, mas uma forma de agradecer pela colaboração, paciência e toda explicação que constam nessa pesquisa.

Nenhum deles foi escolhido previamente, eu cheguei no município e fui conversando com os moradores, conhecendo através de indicações. Depois fiz as gravações apenas com aqueles que queriam participar ou aqueles que sempre estiveram comigo durante a pesquisa. Meu critério foi mais escolha por moradores mais velhos, que sabia sobre a região, sobre o cotidiano dos moradores.

Depois das entrevistas, revisando o material, percebi que o pensamento inicial havia mudado, pois o Pantaneiro trata-se de um indivíduo que é universal, uma vez que é como todos os outros cidadãos, porém é *sui generis* em justificativa da maneira como organiza e apresenta sua existência no Pantanal.

São características próprias de quem nasceu ou morou durante algum tempo naquela região, e assim, aprendeu a conviver com períodos de cheia e seca, com os animais, sabendo interpretar tudo que estava ao seu redor, aprendendo com os animais o tempo e sons presentes no ambiente.

Mantem-se o diálogo sem muitos cortes, prevalecendo o saber tradicional do pantaneiro sem deixar de lado o conhecimento científico, que foi representado pela edição não-linear. Todas as conversas foram realizadas durante o período da pesquisa, no qual o pesquisador viveu e morou com alguns pantaneiros e ribeirinhos, observando seu cotidiano, as conversas já tinham um roteiro semiestruturado e anotações de diário de campo, as informações foram sistematizadas por meio de leituras flutuantes, gerando temas que compuseram o corpus da dissertação em forma de narrativas descritivas.

Pantaneiro torna-se diferente não apenas pelas fronteiras que são impostas pelo governo, fronteiras que delimitam estados e municípios, esse morador da região não acredita que é limitado, o limite é até onde o rio acaba e termina, logo, ele não pertence “apenas um Estado” ou “um município”, o Pantaneiro é uma junção de paraguaios, bolivianos, mato-

grossense, sulistas, indígenas, quilombolas.

Pensando no início, o objetivo desta pesquisa foi demonstrar o convívio do povo pantaneiro com o ciclo de cheia nos pantanais mato-grossenses da região rural dos municípios de Barão de Melgaço, Poconé e Nossa Senhora do Livramento. Apresentando o ciclo das águas como fio condutor deste trabalho por ele ditar o ritmo de todas as formas de vida no Pantanal.

Sustentando esta discussão, foi usada uma postura interdisciplinar, que acabou permitindo aproximações teórico-metodológicas com várias áreas das ciências sociais e humanas, especialmente as pressuposições teórico-epistemológicos da teoria relação dos moradores da região e as mudanças que acabam sofrendo quando a paisagem e a natureza se modifica, permitindo compreender melhor os pantanais.

Essa diversidade não estava colocada no início da pesquisa, pois a reflexão era que o pantaneiro pertencia à região, teria jeitos, costumes, crenças, uma forma linear de pensar um conjunto de pessoas no mesmo conceito, porém, o que foi encontrado foi algo singular, pois ele possui diversas influências, demonstrando uma diversidade não tão comum encontrada em outros lugares., o que será descrito melhor nos próximos capítulos sobre essa pesquisa.

## 2 O PANTANEIRO E AS ÁGUAS

O capítulo trata da Análise dos Dados obtidos nas entrevistas do documentário produzido com os pantaneiros. As categorias de Análise foram selecionadas a priori a saber: Cultura, Organização social, Águas.

### 2.1 Cultura

Segundo Rosseto (2002), a cultura é uma justificativa para a preservação de um espaço ecologicamente equilibrado, uma vez que o ser humano vive tanto em ambientes culturais quanto em naturais. As condições físicas dos espaços naturais são determinadas pelas condições climáticas, pelos recursos hidrográficos e minerais e pela flora e fauna.

A desconstrução dessa citação pode ser percebida na própria fala durante o documentário ou no próprio texto dessa dissertação, não podemos colocar APENAS uma cultura, se pensarmos a cultura estritamente, observamos que as pessoas não precisam só comer, mas uma cozinha própria e específica, de uma maneira um tanto simplificada, você não pode colocar todas as cozinhas como iguais e nem diferencia-las tomando como base apenas uma, um modelo, pois sabemos que esse modelo estaria “viciado”, ou melhor, estaria contemplando apenas seu olhar sobre aquilo.

A cultura não se defini, mas algumas teorias existem e são aceitas sobre o conceito do que seria realmente. Edward Tylor, tentou colocar a cultura como algo adquirido ou algo socialmente adquirido, fugindo da ideia de genético, a cultura na visão dele seria um

“Ampla sentido etnográfico, este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou quaisquer outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (1871, pág. 15).

A cultura por vezes é associada as manifestações artísticas, como aparecem em alguns jornais escritos: a cultura do samba do Rio de Janeiro, Carnaval é algo cultural no Brasil, mas ninguém tentou tanto definir isso como Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn, que conseguiram 167 definições diferentes para o termo de “cultura” (apesar de não achar o livro para cita-lo, encontrei em diversas pesquisas sobre os dois autores e sua definição de cultura), e apesar de

tantas definições a conclusão foi que nenhum conceito ou definição poderia agradar a maioria dos antropólogos.

Clifford Geertz acreditava que deveríamos realmente ter uma conceituação sobre esse tema tão abrangente e ao mesmo tempo tão único para cada sociedade estudada, pois a Antropologia deveria ter algum argumento definido, talvez por isso ele colocou que cultura é “uma teia de significados tecida pelo homem, essa teia orienta a existência humana.

Trata-se de um sistema de símbolos que interage com os sistemas de símbolos de cada indivíduo numa interação recíproca”, da genética para a interação, a cultura começa a sair de algo “adquirido” para algo mais simbólico, sendo que o que prende os indivíduos são os símbolos que ele aprendeu no seu contexto social, uma interação não apenas individual de aprendizagem, mas recíproca, já que ele aprende, interage e repassa esses códigos aprendidos, algo bem mais fechado dentro da própria sociedade dele apenas.

Aprofundando ainda mais, alguns símbolos podem ser vistos em diversas sociedades diferentes, alguns com o mesmo conceito outros com conceituação diferente, é o caso do terere para os Pantaneiros, visto como uma bebida “da região”, algumas pesquisas sobre o Pantanal demonstram que ela foi algo que veio com o Paraguai e difundida entre os moradores da região, que gostaram do sabor e das facilidades do preparo. O que difere da bebida produzida na região sul, chimarrão, que é quente por causa do frio, porém, com a mesma forma de preparado e os ingredientes idênticos.

Pensar a cultura como algo unitário, “bem organizado dividido em dois aspectos fundamentais: um corpo de artefatos e um sistema de costumes” (Bronislaw Malinowski) seria também reduzir apenas uma parte do todo, reduzir a cultura apenas naquela comunidade, mas colocar que a cultura “abrange todas as manifestações de hábitos sociais de uma comunidade, as reações do indivíduo afetado pelos hábitos do grupo em que vive e o produto das atividades humanas, como determinado por esses hábitos” (Franz Boas), é colocá-lo como um “produto final” do seu coletivo, podendo ser apenas aquilo que a sociedade na qual ele pertence quer que ele seja.

Por outro lado, os espaços culturais são responsáveis pelas marcas históricas da cultura, da política, da economia e da sociedade, decorrem de atitudes humanas e do convívio social. De acordo com o autor citado, a cultura é um conjunto de valores, conhecimentos, técnicas, saberes e comportamentos reunidos pelo homem no decorrer de sua vida e pelo grupo que integra.

A cultura é “uma parte dos meios distintos pelos quais a população local se mantém

em um ecossistema e pelo qual essa população se mantém e coordena seus grupos e os distribui através da terra disponível” (Roy Rappaport).

Consiste em um bem passado de geração para geração, não se trata de um conjunto imutável e fechado de comportamentos e técnicas. Por sua vez, a cultural material pantaneira é caracterizada menos pelas mudanças e mais pelas permanências, havendo uma relação próxima entre os componentes naturais e os pantaneiros. Como na figura abaixo, que apresenta bem a permanência das tradicionais: O pantaneiro sempre em cima do seu cavalo, atravessando a água.

**Figura 1** Pantaneiro e seu cavalo



Fonte: Jose Medeiros (2017)

Se pensar todos esses contextos ou conceitos culturais colocados até agora, podemos pensar que ao chegar no Pantanal, os bandeirantes se depararam com diferentes tribos indígenas vivendo ali, cada uma com sua linguagem e sua forma de viver, que para ele, era completamente diferente de tudo. Os bandeirantes deixaram suas marcas nessas culturas, de maneira positiva e negativa, principalmente no modo como os moradores desse lugar conseguem se adaptar facilmente a ambientes novos e tornar possível a sobrevivência neles, pois eram “retirados” ou “expulsos” de suas terras.

Nessa parte, a cultura pode ser vista como Darcy Ribeiro colocou, como um “conjunto e a integração dos modos de fazer, agir, pensar, desenvolvidos ou adotados por uma sociedade como solução para as necessidades da vida humana associativa”

Nesse contexto de Darcy Ribeiro, volta a colocar o Pantaneiro naquele patamar idealizado, com uma cultura pertencente a um grupo, que somente pode existir nas fronteiras e conteúdos definidos daquela região. Manuela Carneiro da Cunha no livro “Cultura com aspas”, alertou sobre essa cultura sem aspas que pode ser uma rede de costumes e significações presentes na nossa realidade e a “cultura” com aspas, que é o exagero de traços típicos, como um projeto político para manter esse “efeito de *looping*” (conceito de Ian Hacking, citada no livro da Manuela Carneiro da Cunha), uma teoria da rotulação, trazendo para a realidade dessa pesquisa, quando rotulados institucionalmente, os Pantaneiros passaram a aderir ao comportamentos de tal estereótipos.

Refletindo mais especificamente sobre a cultura pantaneira e sua construção, podemos colocar que eles tiveram diversas influencias que foram formatando e conceituando os pantaneiros, como as inserções de indivíduos de países vizinhos como a Bolívia e o Paraguai, mas com ênfase nos paraguaios, que contribuíram mais diretamente, principalmente com suas marcantes músicas e culinária

Após a Guerra do Paraguai, muitos paraguaios emigraram para o Brasil em busca de trabalho na pecuária e em lavouras, trazendo seus costumes e também o seu modo de falar para a cultura do pantaneiro. No que se refere à música, trouxeram os chamamés, as polcas, as guarânias, características, hoje, desse povo (PROENÇA, 1992, p. 35).

Um outro legado deixado pelo paraguaio é o hábito ou a prática de tomar tereré (erva-mate que, diferentemente dos gaúchos, é tomada com água fria), que se tornou quase que lei para a população pantaneira:

Para a constituição desse vício, dois fatos foram importantes: o fácil

contato com os paraguaios, que eram vizinhos de território; e a comum e numerosa prestação de serviços por peões paraguaios, que, para os latifundiários de gado, eram mão de obra barata. Habitados ao nomadismo, tais peões disseminaram muitos costumes paraguaios, tanto de lazer quanto culinários (NOGUEIRA, 2002, p. 134)

Comumente, vê-se em sua indumentária aspectos próprios dessa região, como o chapéu de palha, largamente usado, que certos pesquisadores identificam com sendo um costume recebido dos cavaleiros guaicurus, que já o utilizavam.

O *tirador* – um avental de couro preso à cintura –, é muito usado pelos peões pantaneiros no exercício de suas atividades campestres. Além destes petrechos, muitos pantaneiros, influenciados pelos bandeirantes paulistas, utilizam a guaiaca, que é um tipo de cinco largo de couro de camurça ou macio, com diversos bolsos que servem para carregar armas, facas e miudezas.

Determinados comportamentos presentes até hoje, de forma marcante, na vida de grande parte dessas pessoas, de acordo com Proença (1992), são devidos aos indígenas. Eles foram os responsáveis pelo uso da canoa, a vida de nômade, o respeito pelos animais, o caminhar descalço, o uso dos troncos e paredes para se encostar, o costume de tomar banho em corixos e rios e o hábito de dormir em rede.

Já as mulheres, em específico, herdaram dos índios amazônicos a técnica de tecer redes em teares e o gosto culinário pela mandioca e pelo milho, assim como conservaram o emprego do pilão na cozinha e aprenderam o uso do guaraná ralado e a medicina das raízes e das sementes.

Hoje e voltando ao debate sobre essa rotulação ou apropriação sobre o que é ser pantaneiro, ocorre uma certa preocupação, pois apesar da cultura ser, nesse caso, um agregado ou um misto de aprendizado de outras convivências sociais (portugueses, africanos, etnias, bolivianos, paraguaios), o fazendeiro também se rotula dessa figura “criada”, querendo assim, explorar ainda mais a terra, pois quando este se autodeclara pantaneiro, ele não quer a “preservação” ou a defesa do Pantanal, como muitos Pantaneiros colocam, ele pretende explorar e aumentar sua renda, um objetivo final que pode ser devastadora para a região.

Alguns moradores tem medo do futuro, acreditam que algum dia tudo naquela região não vai existir, por isso, alguns colocam a prioridade de valorizar ainda mais o indivíduo e os coletivos que existem no Pantanal, de modo a investir em educação ambiental e estudos sobre o seu percurso histórico-cultural de toda a região, suas danças folclóricas, como o cururu e o siriri, que não são apenas tradições do homem pantaneiro, mas toda sua construção de

coletivo que eles aprenderam desde o berço e que querem repassar e ver sua continuidade.

A cultura é uma totalidade de padrões aprendidos e desenvolvidos em todo seu percurso geográfico, histórico, social, econômico da sociedade, todas as formas de organização social e tradições fazem parte dessa identidade. Tais manifestações fizeram e fazem parte do processo de aquisição de conhecimento pelo pantaneiro, o qual, mediante a integração e a assimilação, foi reunindo saberes e modos de vida que caracterizam, hoje, como comumente é colocada “a cultura pantaneira”.

## 2.2 Organização Social

Pensando sobre os domingos, feriados, semanas e meses que foi passado como pesquisadora com os moradores da região, um dia se destacou no Pantanal, um momento de diversão do pantaneiro: a caça de porco monteiro.

Interessante a forma como essas pessoas conseguem conciliar a tradição (caça de maneira que foi passada a eles por gerações) e o respeito (pela morte de um animal que servirá de alimento).

Tirei duas fotos, visto que estava no início do campo e, sem pensar muito mostrei a um amigo, aluno de Engenharia Civil: a foto era do pantaneiro montado num porco monteiro. Ele achou de extrema violência, um absurdo matar o animal daquele jeito, ou nas palavras dele foi uma “barbárie matar outro ser, podendo mais para frente matar outro humano por conta do sangue frio”. Eu perguntei:

“A qual distância estamos de um quilo de carne? Provavelmente no mercado na frente da universidade ou nos restaurantes do shopping tem. Aqui ele está mais ou menos a 150 km de um açougue, e mesmo assim matou apenas aquilo que ele ia consumir na hora, sem excesso, e no momento de agradecendo e rezando pela carne daquele animal. Você não acha que o frango frito ou o hambúrguer que você come já vem daquele jeito né?”

“Uma moça veio falar de sustentabilidade, sobre reciclar garrafa pet, fazer xixi no banho, desligar a luz de dia... Eu pensei que esse trem era para ensinar como cuidar das plantas e animais... Eu respeito o Pantanal, e por isso ele me respeita, não faço mal a bicho e planta por que sei que natureza tem vida minha filha, e ela sempre dá um jeito de dar o troco” (Ana Maciel de Araújo, entrevista 08 de dezembro de 2016).

A mineração, o turismo, a pesca e a pecuária constituem as principais atividades

econômicas. O território pantaneiro contém aproximadamente 3,2 milhões de cabeças de gado, de modo que a prática pecuária, há mais de duzentos anos, tem promovido a conservação da região.

Os rebanhos são criados extensivamente e em pastos nativos, e, além disso, são, hoje em dia, geneticamente melhorados. Campos Filho (2002) acrescenta que o gado bovino pantaneiro, também conhecido como tucura, foi introduzido na região, no século XV, pelos espanhóis. Criado solto, trata-se de uma raça obtida do cruzamento aleatório, adaptado ao clima e à vegetação locais, resistindo ao ciclo de cheias e secas.

Entretanto, apesar de ser melhor adaptado ao Pantanal, possui pouco peso, o que dificulta a sua comercialização. Por isso, a raça zebu foi introduzida pelos pantaneiros, passando a predominar sobre o tucura. Por meio de fontes orais, o autor descreve alguns benefícios do gado tucura em relação ao zebu: “[...] menor mortalidade, manutenção de melhor estado de saúde em épocas adversas, menor intervalos de partos” (p. 150). Contudo, há outras atividades significativas para a localidade:

“Lavrador. Eu sou lavrador, eu, com essa mulher, criei meus filhos, né. Então, meus filhos também, trabalham nessa luta. É de lavrador, de criar, ter uma criaçãozinha. E eu venho trabalhando, trabalhando. Uma hora é de roça de plantar mandioca, plantar milho, plantar arroz. Outra hora é de luta com a criação.” (**Joaquim Santana Rodrigues**, entrevista do dia 10 de dezembro de 2016)

“Minha profissão é lavrador e tocar bandeira. É de luta. De vez em quando toca sanfoninha saindo com a bandeira.” (**João Batista Taques**, entrevista do dia 08 de dezembro de 2016)

“Eu sou nascido e criado em Pimenteira, luto com lavoura na Fazenda Velha. Mexo com serviço de lavoura e para dar de comer para os filhos enquanto eu for vivo.” (**Narciso Tadeu da Silva Amorin**, entrevista do dia 20 de Julho de 2016)

“Minha família luta com a lavoura. Eu luto também com o desenho.” (**Aristides Edivino**, desenha e pinta bandeiras dos santos de devoção da comunidade, entrevista do dia 18 de Julho de 2016)

“Trabalho aqui nosso é de roça. Era difícil para estudar. Desde o sete anos quando podia peloteá passarinho, depois plantando, colhendo. Esse que foi nosso trabalho. Eu sou filha daqui, meu pai, minha avó, são tudo filho daqui.” (**Ana Maria Moura da Silva**, entrevista do dia 08 de dezembro de 2016)

Para grande parte dos peões, o dia tem início às 6h da manhã. Em 15 de julho, uma

quinta-feira, o café da manhã foi café preto, pão com manteiga e uma farofa, que é para dar energia na lida até a hora do almoço, entre 11h e 12h.

Os pantaneiros prezam o tradicional arroz com feijão, e, de mistura, gostam de carne e mandioca, a qual, às vezes, é comprada congelada na cidade. Após o almoço, não pode faltar o tereré.

Ao longo da seca, existem as famosas *macegas* (vegetação nativa endurecida e fechada que dificulta a pastagem). Para quem moram na região, inicia a queimada, sendo o fogo uma forma de limpar o campo, exterminar ervas daninhas e animais peçonhentos, como cobras e morcegos que atacam e prejudicam o gado.

A queimada é algo que já faz parte desse tempo-espço, eles têm um entendimento formulado com as experiências das sucessivas gerações de como queimar sem agredir muito o ambiente, uma queimada de maneira controlada.

Pode-se dizer que o uso do fogo é cultural. Porém, a imposição de restrições por instituições ambientais provocou mudanças nesse quesito, as quais, do ponto de vista dos pantaneiros, não foram positivas, uma vez que alterações nas técnicas de queimada ou a sua proibição são, segundo eles, uma forma de o Estado interferir em seus costumes.

Os pantaneiros entendem que não pode haver essa proibição, pois, sem a realização da limpeza pela queima, o rebanho não é capaz de sobreviver

Conforme o art. 225 da Constituição Federativa do Brasil/1988, o Pantanal é um patrimônio nacional. Ademais, sendo patrimônio ambiental é, ao mesmo tempo, um patrimônio cultural que precisa ser conhecido pelos brasileiros, de modo que, com isso, seja devidamente conservado e preservado (NOGUEIRA, p.11).

Qualquer coisa depende da água no Pantanal, são elas que determinam as paisagens, são elas que possibilitam o desenvolvimento de atividades econômicas e que definem o cotidiano do pantaneiro, o qual, dependendo desse lugar para sobreviver, precisa saber se adaptar às inconstâncias da natureza, sobretudo em períodos de cheia.

“Pantanal era circulação de lancha de embarcação, navegação do rio, é! E esse tempo era mais favorável do que hoje, porque tudo que fazia era disponível lá no rio, se a senhora colhia cem alqueires de milho, ia parar no Cuiabá. Chegava lá e vendia mais barato do que corre aqui hoje. É esse tempo, do rio. Era muito que tinha; o que se fazia era farinha, era galinha, era banana, era abóbora, e se pegava o carro, e esse tempo era carro mineiro... e, depois, o batelão. Nas água, era batelão. Fazia batelão ai que pegava 20, 30 saco de mantimento, chegava lá, em

Cuiabá. Era só chegar descarregar nas embarcações. Tirava o que queria. Saía daqui bem cedo quando era meio dia estava com tudo a carga aqui, o que precisava.

[...] E hoje ficou esse trânsito por aqui, né! E hoje daqui em Cuiabá, a pessoa vai, paga passagem, perde tempo. Freta um carro, vende lá, chega com<sup>[SEP]</sup>a mercadoria que é pouca; acaba saindo com<sup>[SEP]</sup>pouco dinheiro. Se ele freta um carro leva lá para<sup>[SEP]</sup>vender, mas chega lá e está mais barato do que o que compro aqui. E nesse outro tempo, não senhora, é o que tinha era ali mesmo que vendia. E os barcos traziam tudo para comprar.

[...] E aqui, era uma fartura, porque, tudo trabalhava, tudo tinha sua chácara, seu mandiocal, seu bananal, seu canavial. Todo mundo tinha tudo. Hoje, está numa falta de tudo. O povo acha que ficou mais fácil, por causa de trânsito, mas não ficou, porque tudo ficou mais custoso.” (Pedro Silvestre, entrevista do dia 08 de dezembro de 2016)

“Antes aqui era fácil e difícil. É como ele acabou de falar aí, que tinha que por no batelão aqui e levar na beira do rio. Aqui não tinha estrada, mas ir em Corumbá era coisa mais fácil que tinha, para ir em Cuiabá também.

[...] Hoje está mais difícil, porque espera o carro: tem dia ele vem, tem dia não vem. A estrada agora é difícil.” (Malaquias, entrevista do dia 08 de dezembro de 2016)

Uma marca da região é, conforme já exposto em capítulo anterior, o seu sistema hidrográfico, composto por vazante, salinas, baías e corixos. Os rios são responsáveis por toda a dinâmica do Pantanal.

Em períodos de cheia, têm seu curso constantemente desviado, assim, destroem pontes, danificam seriamente lavouras ribeirinhas, obstruem baías e vazantes, deslocam entulhos, alagam sedes de fazendas, mantam animais e cobrem campos de aviação.

Para o pantaneiro, de acordo com Schweizer (1992), há, anualmente, quatro estações no Pantanal: a seca, a vazante, a cheia e a enchente, como observamos na foto anterior. O nível das águas abaixa na seca, impossibilitando que a correnteza devolva os nutrientes necessários para o desenvolvimento das plantas.

Porém, trata-se de um “auxílio” que ocorre também por meio do enriquecimento de microrganismos, com a enorme quantidade de plantas que putrefazem, e ainda pelo brotamento de sementes que a água semeou.

O solo, então, é semeado e adubado. Dessa forma, (re)inicia-se um novo ciclo de vida, que se estende para os campos, fazendo com que os animais saiam em busca de alimento (PROENÇA, 1992, p. 22).

O período mais chuvoso vai de novembro a março. Portanto, de dezembro a janeiro é quando a quantidade de água aumenta significativamente. Contudo, há variáveis, isto é, depende do nível da enchente e da quantidade de água disponível nos rios mais relevantes do ecossistema pantaneiro (PROENÇA, 1992).

Os resultados obtidos dessa atenção dos moradores que entrevistei e convivi, sinalizaram na direção de duas grandes possíveis análises empreendida por eles: A água (percebida de maneira material) e o Pantanal (percebida de maneira simbólica), e os conflitos sociais decorrentes da utilização desses dois.

### 2.3 Águas

A água é de vital importância para a população e para o ecossistema pantaneiro. As pessoas vivem nessa região têm direito de a utilizarem, porém, essa é uma questão que gera muitos problemas socioambientais, o que pode ser notado no dia a dia do homem pantaneiro.

Os habitantes do Pantanal sabem quando e em que lugar a inundação vai ocorrer, de modo que constroem suas casas nas proximidades das baías para impedir que sejam afetadas pela água. Esse é um conhecimento historicamente obtido a partir de experiências com as mudanças climáticas.

A madeira utilizada nas moradias provém da vegetação nativa da região e algumas das moradias são edificadas com o barro das lagoas ou de lugares encharcados. Empregando essas técnicas, eles reproduzem o que aprenderam com os índios e, com isso, não necessitam de mão de obra especializada em construção.

A estrutura das casas são madeiras roliças como a pindaíva, que é bem mais fácil de quebrar e plantar. Com as influências do “mundo urbano”, atualmente temos uma predominância das casas de madeira, sendo materiais comprados nos municípios vizinhos, sendo essas casas pertencentes as pessoas de maiores posses, com algumas diferenças nas preposições e organizações dessas casas, como por exemplo a predominância das varandas ao redor de todo seu perímetro e principalmente as portas que ligam os aposentos à varanda ou um cômodo a outro.

As fazendas são divididas em regiões, sendo a grande maioria sem aquelas cercas que delimitam o espaço e mostram onde acaba e termina o território. Segundo os moradores, mesmo sem cerca, o gado de uma região não se mistura com a outra, fato que ninguém consegue explicar, nem mesmo eles que moram ali a muitos anos.

**Figura 2** Quatro estações ciclo



Fonte: Michele H. Arantes (2004)

As canoas pantaneiras, por incrível que pode parecer para algumas pessoas, são feitas de um único tronco cavado com machado ou com uma faca produzida por eles, sendo as espécies mais utilizadas o mogno (conhecido como araputanga); o cambará; o guanandi; a chimbuva; e o ipê (conhecido como peúva).

Além desse tipo, existe uma espécie de canoa grande chamada de batelão, com capacidade para mais de mil quilos de carga, servindo principalmente para carregar mercadorias de maior peso ou os materiais das pessoas que transportam animais nos rios do Pantanal.

Alguns dos instrumentos e utensílios de trabalho são produzidos nas fazendas, como os laços e as cordas, confeccionados a partir do couro de boi e empregados no manejo do gado ou em fechos de porteiras. Com o cife do touro, fazem a buzina, usada para chamar o gado, à semelhança do berrante. Fabricam ainda os potes de barro, presente em grande parte das casas, que servem para armazenar água fresca e alguns alimentos, como a mandioca, a farinha, o feijão e o arroz.

O pantaneiro está ligado a água, toda sua rotina durante o ano é pensada em cima da cheia e da vazante, pois caso não exista muita cheia, várias coisas precisam ser modificadas, como colheita e lida com o gado, assim como a questão da vazante, que pode atrapalhar a pesca, a plantação e também a questão do gado.

Resumidamente, a casa da maior parte dos pantaneiros é virada para o rio, não apenas para observar as mudanças que podem ocorrer no rio, mas como

“Moro olhando o rio, não é por medo do rio entrar e levar tudo, pensa comigo, sua visita não entra na porta da frente? O trem que mais me da tudo é o rio, ele merece ficar na porta da frente.” (**Pedro Silvestre**, entrevista do dia 08 de dezembro de 2016)

Pensar no Pantanal é pensar em água, fauna, flora, mato, patrimônio imaterial, conservação, natureza. Não pensamos logo nas pessoas que vivem e moram na região, como elas influenciam e são influenciadas pela região. E os conflitos? Achamos que a região é tão intocada que conflitos não existe na região.

Há dois principais conflitos a serem explicitados: primeiro, já mencionado, é o Pantanal como algo sempre a venda ou um patrimônio mercadológica e turística apenas; segundo, é a barragem da Furnas Centras Elétricas, hidroelétrica de Manso, a qual, mesmo não sendo a principal preocupação dos entrevistados, foi comentada por muitos deles.

Nos dois casos, contudo, coloco a emergência de ter políticas públicas e ações efetivas do Estado, que acabam por legitimar o uso dessa base material e simbólica, que é o Pantanal e o pantaneiro de maneira desregrada e sem nenhum planejamento efetivo e consolidado, com objetivos claros na preservação dos dois agentes principais dessa região.

Alguns moradores são a favor do turismo na região, pois colocam uma escassez de

recursos e empregos. Esses apontamentos já fazem parte das modificações que o mundo globalizado, pois cada dia mais eles precisam de alimentos que não podem mais ter, ou por restrições as terras marcadas por títulos de propriedade, concedidas pelo governo do Estado, e a conseqüente perda de território para grandes fazendeiros, ocasionando umas restrições para se fazer um plantio em outros locais, lembrando que antes o Pantanal não tinha limitações, hoje, quem pode pagar “compra” a terra.

A ausência de infraestrutura define o turismo pantaneiro. Santana Rodrigues se questiona, por exemplo, sobre como é possível receber turistas em um lugar onde não há água. Segundo ela, a falta de abastecimento hídrico é um problema antigo, mas que, nos últimos anos, vem se tornando cada vez mais grave por conta das frequentes excursões. Há ainda a questão do esgoto das pousadas, que tem sido lançado nos rios (**Santana Rodrigues**, 10 de dezembro de 2016).

Embora haja muita água doce na região, a população reclama que essa água “potável” constantemente é racionada pelos governantes, que, por sua vez, culpam a organização que faz o tratamento do esgoto e da água pela falta de infraestrutura adequada. Contudo, esse tipo de racionamento nunca ocorre nas pousadas.

A maioria da população não acredita que o turismo possa ser benéfico, pois eles colocam que “o turista só passa por Barão, come peixe, pesca e vai para as pousadas, só deixam o lixo para nós” (**Aristides Edivino**, entrevista do dia 18 de julho de 2016).

Outros debates pertinentes são as influencias que esse turismo ocasiona a longa prazo, como as construções feitas na região, sem planejamento prévio, não fazem pesquisa sobre os impactos ambientais e sociais, a comunidade não fica sabendo.

Alguns apontam a estrada que foi feita, dizem que antes dela o córrego ficava a 20 (vinte) metros da estrada, agora, está quase sem nada por conta do assoreamento ocasionando por uma obra sem pesquisa de impacto ambiental.

As primeiras estradas construídas eram para não apenas facilitar o tráfego, mas também funcionar como um dique, interrompendo fluxos de águas que poderiam atrapalhar os moradores.

Em 1978, um morador lembrou que uma dessas estradas / diques alterou tanto o fluxo das águas, que inundou áreas antes secas e secou outras que eram úmidas, ele, seu Narciso Amorim, ainda cita: “Qual o impacto que a estrada vai causar? Não querem saber o que pode acontecer com o povo, com o lugar, só querem saber de turistas. A gente não serve para nada, somos invisíveis para eles”. Brandão (2002, p. 41)

“Coloca que ser o personagem da história e ser o protagonista criador da cultura não são adjetivos qualificadores do indivíduo.  
[...]. Sendo assim, o seu substantivo a partir da intervenção agenciada de projetos, não raramente, acaba revelando a face autoritária ou populista de um sistema, resultando no enfraquecimento das estruturas tradicionais e dos movimentos de classe, em prol dos interesses de direção do sistema de poder em relação as classes populares nas comunidades.

Sobre a Usina, a barragem alterou o volume das águas que descem para o Pantanal, pois depois dela a Lufada (piracema) diminuiu, percebendo isso, os políticos tentaram remediar e criaram um programa de tanque, que tinha o intuito dos moradores criarem os peixes para comércio e alimentação própria.

No projeto, era previsto uma renda para quem aceitasse participar, além de rações mensais e ajuda técnica nos dois primeiros anos, porém, depois de três meses, não teve acompanhamento ou orientação por parte dos políticos, a renda foi cortada no sexto mês pois, segundo eles, os moradores não enviaram relatórios informando a situação do projeto, logo, apenas o buraco ficou aberto.

Referindo-se ao Pantanal, a situação é realmente grave, devido a extensão do seu território e do elemento água ser fundamental para o desenvolvimento local. O pantaneiro acaba colocando seu território tanto na terra como na água e com elas, acaba avançando e recuando, sendo por meio dela, que consegue afirmar sua essência e territorialidade.

Vistos como fatores que acabam também afetando o Pantanal, são os desmatamentos e consequentemente o uso de caminhões que acabam transportando o gado de fazenda a fazenda, ou da área rural para a urbana, minimizando assim o tempo gasto no transporte das boiadas, acabando assim com a sua mão-de-obra de pantaneiro.

Afastado dos recursos que as cidades oferecem o pantaneiro aprendeu a utilizar do ambiente em que vive, as substâncias especiais para o uso medicinal (sendo esta uma herança indígena e de antigos habitantes) como também dos povos vizinhos como os bolivianos e paraguaios.

Tanto os peões como o fazendeiro sabem, que tudo aquilo que os rodeiam, entende que as ações da natureza, como as secas e as enchentes, são responsáveis pela vida e riqueza no Pantanal.

O difícil acesso e as longas distâncias, em relação às demais regiões, possibilitou que o pantaneiro se acostume com a vida solitária e isolada, tal situação é alterada quando o mesmo participa e coopera no manejo do gado ou participando de festas tradicionais em

fazendas vizinhas.

Analisar o Pantanal e não pensar que existem conflitos que influenciam diretamente a vida deles, é como pensar que essa região é intocada, com pessoas com culturas que nunca modificam.

Todas as características do pantaneiro estão diretamente ligadas aos moradores que chegam para tentar um emprego ou ter um pedaço de terra, influencias paraguaias, boliviana, mato-grossense, sulistas e sul mato-grossense são mais forte, visto que fazem a “parte da divisa” ou da fronteira do Pantanal.

O Pantaneiro precisa de um estudo mais aprofundado sobre sua forma de viver, sua visão de tempo-espaço e seu cotidiano frente as mudanças climáticas que vem aparecendo e os governos que vem modificando algumas coisas naquela região. Não existe uma fronteira governamental,

“As fronteiras sobre as quais devemos concentrar nossa atenção são evidentemente fronteiras sociais, ainda que possam ter contrapartida territorial. Se um grupo mantém sua identidade quando seus membros interagem com outros, disso decorre a existência de critérios para determinação do pertencimento, assim como as maneiras de assinalar este pertencimento ou exclusão. Os grupos étnicos não são apenas ou necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos; e as diferentes maneiras através das quais eles são mantidos, não só as formas de recrutamento definitivo como também os modos de expressão e a validação contínuas, devem ser analisadas. (BARTH, 2000, p. 34).

Fronteiras aqui pode ser relacionada mais a social do que a territorial, o pantaneiro tem sua construção de forma heterogenia, a partir de diversos grupos (quilombolas, etnias, brancos, paraguaios, bolivianos, brasileiros) e esses grupos evidenciam a forma de vida deles, mas todo pantaneiro tem algo em comum: o respeito com a natureza.

Ele sabe que a forma como ele cuida será a forma como ela ira de retribuir, sabe o canto dos pássaros, onde vai ficar totalmente alagado, onde vai secar tanto que o solo vai acabar rachando, sabe quando o clima muda, o período de fazer plantio e o período de pesca, sabe que respeitando o ritmo da natureza, ela vai respeitar o ritmo dele, entregando sua sobrevivência básica (comida e moradia).

Nesse sentido, pautando-se numa abordagem histórico-cultural, entende-se que este padrão acaba subsidiando os estudos da constituição e da cultura do homem. Freitas (2003), considera o estudo sócio histórico, denominado, neste trabalho, com o mesmo sentido da abordagem histórico-cultural, ou seja, considerado como outro formato na área das ciências

humanas, reproduzindo o conhecimento, onde os procedimentos metodológicos englobam a descrição ligada à explicação, dando destaque a “a compreensão dos fenômenos”, pelo seu fazer histórico.

Na área de ciências humanas, o pesquisador não deve se limitar apenas ao ato contemplativo, pois diante dele, existe um indivíduo que tem voz e que necessita falar com ele, estabelecendo assim, uma interlocução Freitas (2003, p. 24 e 25): Invertendo, desta maneira, toda a ocasião que passa de uma interatividade entre o sujeito-objeto para uma relação entre sujeitos.

De uma direção monológica acaba se transformando em uma perspectiva dialógica. Estes fatores acabam interferindo na relação à pesquisa, pois o investigador e investigado se tornam dois indivíduos que se interagem entre si.

O homem não pode ser apenas objeto de uma explicação produto de uma só consciência, de apenas um sujeito, mas precisa ser compreendido, processo pelo qual se supõe que duas consciências, dois sujeitos, ou seja, o dialógico.

Ou seja, pode-se mencionar que exista diálogo entre o pesquisador e o pesquisado. Compreendendo-se as ações que são realizadas no meio cultural – sendo ele o pantanal ou não – captando a realidade e do homem em que está inserido, define a ação de pesquisa, atrelada na perspectiva sócio histórico e cultural.

Durante a pesquisa, dialoguei com os sujeitos para conhecer mais suas memórias, história local e as narrativas orais. Procurarei mostrar o contexto de mudanças causadas pelas influências externas (as cheias e as vazantes dos rios) em confronto com valores naturais e culturais, entendendo a relação dessa do Pantaneiro, como o acesso aos valores, significados, hábitos, modos de vida, visão de mundo e costumes estruturantes da comunidade em relação ao Pantanal, discutindo a utilização de categorias oriundas da prática social para pensar a relação com o meio ambiente em que vive.

Assim como Tim Ingold coloca sobre a relação da humanidade e da animalidade, pois a animalidade acaba transmitindo uma noção da qualidade de vida no estado de natureza, e neste estado que os seres “em estado cru” se encontram, onde o comportamento é conduzida pela paixão bruta em vez da deliberação racional e que são totalmente livres dos constrangimentos que a moral ou a regulação trazem dos costumes (INGOLD, 1995, p. 16)

“E como se faz para perceber estas diferenças? Segundo Gibson (2002), a percepção é um termo que precisa ser utilizado referindo-se a qualquer experiência do ambiente em que está envolvido o corpo de um animal, o

que pode-se utilizar o termo propriocepção (*proprioception*) relacionado as experiências que referem-se ao próprio corpo de um animal, como os movimentos, ou seja, “a visão, em outras palavras, acaba fornecendo não apenas a consciência sobre o ambiente, mas também a consciência de si” (GIBSON, 2002, p.78).

INGOLD contrapõe a natureza pertencer a cultura, colocando que

“Em certos casos, presume-se igualmente que a natureza forneça um modelo a cultura. Assim os ritmos naturais escondem o tempo social (calendário, ciclo, ritmo, tempo/temporalidade), assim as artes foram forçadas, numa certa época, a imitar a beleza da natureza (imitação). Assim, ainda, se tenta fundar o direito sobre uma referencia ao estado natural, contraposto ao estado social, ou posto como seu modelo (sociedade, socialização e também, instituições).

O autor mostra que natureza não se contrapõe apenas a cultura, ela pode abrir novos caminhos e pesquisas para realmente entendermos nossos colaboradores a partir deles e não das nossas certezas.

Apesar da nossa sociedade, na grande maioria, não acreditar em sobrenatural, algumas comunidades estudadas são reflexo daquilo que acreditam, transparecem seu cotidiano, ações e crenças a partir de seres fora do nosso plano material, ou seja,

“A natureza não se contrapõe apenas a cultura; o sobrenatural constitui um terceiro termo, diferente dos dois primeiros (deus, diabo). As diversas correntes da antropologia (*anthropos*) definem-se segundo as soluções que propõem para o problema das relações entre a natureza e a cultura; o mesmo acontece em filosofia (filosofia/filosofias). Análoga problemática se reencontra no debate sobre as relações entre ciências sociais e ciências natureza (ciência, leis), na psicanálise (castração e complexo, incesto), no marxismo (modo de produção) (INGOLD, 1989, p. 49)

Não podemos julgar, devemos sempre tentar pesquisar o cotidiano, crenças, costumes, tempo, cosmologia e valores sem colocar nossa carga cultural sobre eles, por isso a importância de aprender com eles e não se fechar no próprio mundo particular nosso.

Descola diz que essa importância de aprender mais com eles sobre os não humanos, ele coloca que o sistema concreto de interação com os não humanos não se levava em consideração (...)

“[Essa] relação de forma contínua, constante, interagindo o pessoal entre os humanos e também os não humanos, por meio de todos os diversos dispositivos (como os encantamentos, sendo estes, o discurso da alma que os humanos acabam dirigindo às almas das plantas e dos

animais, ou os sonhos que acabam mostrando como os não humanos, numa forma humana, acabavam vindo em direção dos humanos, para lhes comunicar mensagens.

[...]. Um mundo, em que existem além das relações entre humanos, o relacionamento com os seres da natureza que acabam desempenhando um papel primordial. O problema se encontrava em saber como tratar essa relação com os não humanos (DESCOLA, entrevista, 2001)

Tudo que ele descreveu acima foi parte do que percebi em campo, a relação dos moradores daquela região com os animais e totalmente diferente, Seu João por exemplo, sabe diferenciar o canto dos pássaros e principalmente o significado que eles têm, segundo ele, alguns pássaros podem avisar sobre uma visita que esta chegando, avisar sobre a chuva e até sobre a morte.

Seu João contou sobre o pássaro preto (mais conhecido popularmente como Urutau ou mãe da lua), tem hábitos noturnos, caça apenas a noite, sua coloração parece com um tronco de árvore, ele pode enxergar até de olhos fechados, mas o que diferencia essa ave das outras? Segundo ele o canto é de alguém desesperado, e caso você escute isso pode ser apenas duas coisas: mensagem dos mortos para você ou sua morte esta próxima.

A Zeneide também falou do pássaro que canta e caso você escute, sua morte esta próxima, mas segundo ela o pássaro é a cabeça-seca, um pássaro grande na região. Que faz seu ninho em áreas alagadas e bem acima das árvores. Apesar de serem pássaros distintos, temos a crença da morte que vem pelo canto dos pássaros, sempre perto da pessoa que escuta.

Mudar como pensamos e sobre tratamos a natureza é a grande chave para alguns antropólogos, mas o que existe na nossa maneira de perceber que não nos faz ver as delicadas interdependências em um sistema ecológico dada sua integridade?

No pantanal, percebi que nós não vemos essa interdependência na grande maioria e acabamos por quebrar algo, não entender realmente o fluxo daquela sociedade.

Por exemplo, quando Ingold (1986), referindo-se às sociedades de caçadores e coletores, mostra de que maneira a forma de apropriação do espaço como natureza externa à sociedade condiciona a forma de distribuição da produção, ou seja, em muitas sociedades como essa os indivíduos não tem direito ao que caçou mas a caça torna-se do grupo, a repartição do animal terá regras culturais, já na nossa sociedade capitalista consideramos tudo como propriedade privada, somente nosso, logo se casamos algo ou pescamos, fazemos o que bem desejamos.

Mas é o homem que mora no Pantanal, que caça e pesca, sobrevive do que produz, existe uma relação invisível entre ele e o que ele mata para comer, a natureza aparece como

uma extensão do corpo desse indivíduo, ou seja, o peixe do rio em liberdade, pertence a esse homem, pois a natureza pertence a ele, por isso ele apenas mata aquilo que ele vai comer. Temos a apropriação da natureza de um lado (o homem que vive, cuida e sobrevive naquele ambiente) e a propriedade privada do solo do indivíduo que não se importa com os outros, pensa somente em si.

Por isso a utilização desta base mais ecológica para a dissertação, acaba desestabilizando a hierarquia de controle e poder que venha a ser observado na sociedade, até nos pequenos atos da vida cotidiana.

Os recursos que o antropólogo precisa utilizar neste projeto não são tanto metodológicos ou técnicos quanto epistemológicos e políticos (Ingold, 2000). Tal fato acaba colocando em cheque a relação de natureza/cultural, percebendo que a ideia de cultura é o resultado do consumo, resultado da construção de um modelo da nossa sociedade, resultando no não entendimento pleno dos sujeitos por estarem presos a estes conceitos, consumindo a cultura, as novas gerações acabam fazendo a sua própria, interiorizam-na e, por essa via, se convertem em seus transmissores. Ingold coloca,

“Os cientistas acabam trabalhando para revelar a realidade objetiva “lá fora”, porém, o antropólogo deve se contentar em descobrir os princípios da construção cultural “no interior da cabeça das pessoas”, que são criadas supostamente a partir crenças e atitudes convencionais de racionalidade questionável, mais do que por meio da observação empírica e análise racional” (2000, p. 222).

Com fazer pesquisa sem cair somente na cultura e nos conceitos básicos que nos ensinaram? Descola e Pálsson (1996) colocam

“Paradoxalmente, uma fé renovada no projeto comparativo pode ter emergido da riqueza mesma da própria experiência etnográfica, isto é, do reconhecimento partilhado de que certos padrões, estilos de prática e conjuntos de valores, descritos por colegas antropólogos em diferentes partes do mundo, são compatíveis com o conhecimento que cada um tem de uma sociedade particular.

[...] Em outras palavras, a etnografia promove o foco no particular, e a multiplicação de particulares etnográficos reaviva o interesse pela comparação” (p. 17-18).

Continuar a fazer etnografia respeitando e aprendendo, mais do que impondo sua carga cultural, poderá ajudar outros antropólogos na parte de comparar os estudos,

resumidamente, a etnografia bem-feita através do respeito da natureza do indivíduo, poderá criar uma compreensão maior sobre sua vida.

### 3 O PANTANAL E AS PESSOAS DO PANTANAL

#### 3.1 Compreender o passado para entender o presente

Dessa maneira, com rica variedade cultural, a Bacia do Alto Paraguai apresenta uma miscigenação de povos, idiomas, cultura, arte e história, que inclusive permeia toda a população pantaneira. Começando pelos conquistadores que chegaram ao Pantanal por volta de 1523 a 1525. Diversas expedições foram realizadas por portugueses e espanhóis que buscavam riquezas, pois havia um mito de que existiam na região uma Serra de Prata, um Eldorado e jazidas de metais preciosos (NOGUEIRA, PROENÇA e SIQUEIRA, são alguns autores que influenciaram nessa parte da dissertação)

As conquistas dos colonizadores foram definitivas para o início do extermínio de muitas etnias indígenas do Pantanal, sendo o principal os *Payaguá*, um povo canoeiro que tinha autoridade e compreendia extraordinariamente bem a navegação fluvial. Posteriormente, os *Guaykuru* que eram aliados aos Paiaguás em oposição aos portugueses, tentaram resistir em suas terras, porém os *índios cavaleiros*, como eram/e são conhecidos popularmente, sucumbiram à pressão da colonização europeia e às migrações do Brasil.

Outas etnias também influenciaram e influenciam o pantaneiro, como a etnia Guató, que foi considerada extinta durante alguns anos por pesquisadores, até pesquisas recentes que conseguiram encontrar alguns indivíduos vivendo na ilha Bela Vista do Norte e nos arredores da periferia de Corumbá, como consta no livro “Argonautas do Pantanal”, do Professor Doutor Jorge Eremitas.

Professor ainda coloca que os Guatós eram conhecidos por serem nômades no passado, eles provavelmente são os últimos indígenas que preservam tradições tipicamente pantaneiras como a arte de construir canoas e navegar pelos rios. Max Schmidt exemplifica isso quando coloca que “o Guató é um habitante aquático por excelência, mais do que qualquer outra tribo do continente sul-americano” (1942, p. 249).

Como o tempo de pesquisa é escasso, não consegui achar alguém da etnia Guato, mas a literatura sobre eles e a relação que eles tem com a água, demonstram como os pantaneiros possuem influencias dessa etnia. Anna Maria Ribeiro F. M. Costa, no artigo “*Guató: povo das águas*” coloca que

“Os Guataes, Guatás, Guathós, Guatos, Guatòs, Goatos, Guattos e Guatues, povo do Pantanal, tanto os dos núcleos populacionais de

Mato Grosso como de Mato Grosso do Sul, na Terra Indígena Baía dos Guató como na Terra Indígena Guató, respectivamente, autodenominavam-se maguaató, frango d'água (*Phimosus infuscatus*), uma espécie encontrada em rios, brejos, corixos e baias.” (p. 200)

Ela explica que para eles o rio é como uma rua para o *Guató*, e seus veículos são canoas finas e compridas, confeccionadas com a vegetação local. Segundo a Funai, em 1989 eram 382 índios, porém no último censo de 2010 apenas 313 indígenas foi contabilizado (IBGE, 2010).

Há similarmente também os Bororo ou como está escrito e definido no **Museu Rondon** (UFMT) em Cuiabá: Bororo Ocidental, Coroados ou Porrudos, e particularmente autodenominados Boe.

Descrevem em alguns documentos antigos que os jesuítas conseguiam “manipula-los”, uma vez que eles eram “amigáveis”, servindo de “acompanhantes ou guias aos brancos” e ainda, alguns “trabalhavam” nas fazendas.

Contabilizado anteriormente com cerca de 10.000 índios, entretanto esse número foi reduzido devido a Guerra do Paraguai (seu território ficava na divisa), epidemias e extermínio por parte dos fazendeiros, baixando para 2.348 indígenas (IBGE, 2010).

Os Umotinas, conhecidos como “*barbados*” pois utilizavam barbas, às vezes de mentira (feita de pêlos de macaco ou de cabelos dos Bugres). Além disso, no Mato Grosso, ainda vamos ter nessa região os *Paresi, Kayabi e Nambikwára*.

No Brasil, a a microrregião do Mato Grosso, denominada Alto Paraguai, onde fica localizada o município de Barão de Melgaço, abriga comunidades indígenas de 31 (trinta e um) aldeias, com 13 (treze) no Estado de Mato Grosso (MT) e 18 (dezoito) em Mato Grosso do Sul (MS).

### 3.2 Histórico de Mato Grosso

De 1943 até 1946, uma porção a sudoeste do território do Mato Grosso passa a constituir o Território de Ponta Porã. Por fim, no ano de 1977, o Estado de Mato Grosso foi formalmente dividido pelo governo federal, com a justificativa de que, por ser uma região muito extensa e composta por grande diversidade, era muito difícil ser desenvolvida. Nasce, assim, o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul (AB’SABER, 1998, p. 56).

O Estado do Mato Grosso já foi dividido muitas vezes. A primeira em 1789, data em



A explicativa para tal recorte temporal é pelo simples caso de que em 1870 a região passou por grandes transformações, não apenas com a Guerra do Paraguai, ou com a reabertura da navegação fluvial (fazendo com que o comércio da Província se intensificasse), o barco a vapor que diminuiu o tempo de viagem, mas esses três eventos concomitantes que fizeram a região entrar no comércio internacional, iniciando assim uma modificação social, econômico e cultural.

Os lucros aumentaram a partir da entrada, no Mato Grosso, de capitais de outras regiões brasileiras e estrangeiros. Desse modo, foi possível investir nas usinas de produção de açúcar e nas fazendas, resultando no aumento de população na região por conta do aumento da oferta de empregos e, também, porque se tornou costume a atividade de vendas e trocas de produtos caseiros, de lenha, de animais domésticos, entre outras mercadorias com as embarcações que lá paravam.

Nos dizeres de Madureira (2002, p. 36), o cultivo da soja por migrantes da região sul do Brasil cresceu muito no Mato Grosso na década de 1980, por conta do apoio do governo federal. Isso levou o estado a alcançar a primeira posição no ranking da produção desse produto no país.

Mas a expansão agrícola não foi a única, visto que veio acompanhada do crescimento da criação de gado, que, inclusive, gerou vários conflitos, sobretudo entre os indígenas e os posseiros de terras, que brigavam por conta da posse e pelo desmatamento da terra.

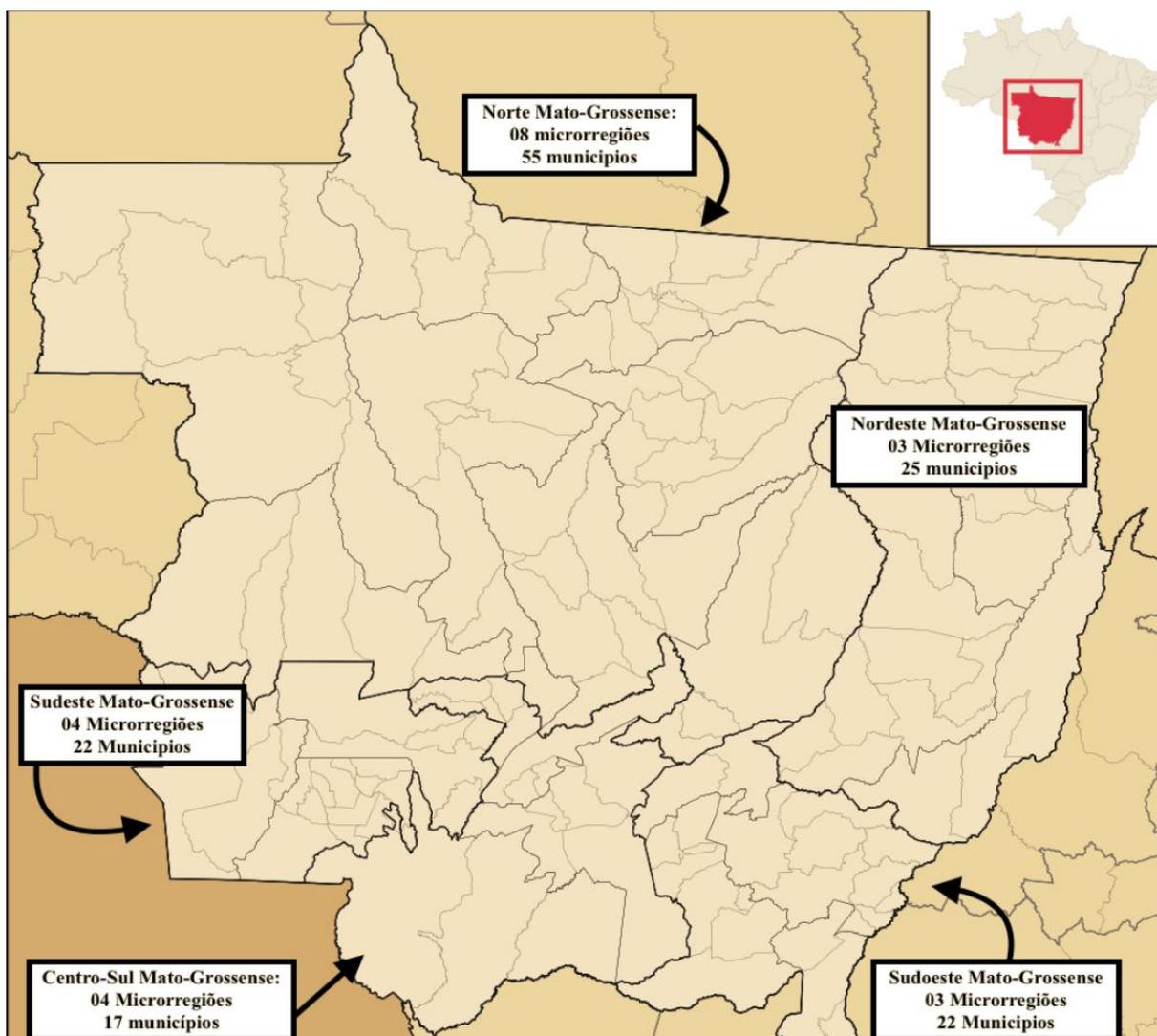
Com a adoção de outros produtos como a pecuária (que cresceu muito no estado), os proprietários precisavam de pessoas de confiança deles, sujeitos que entendiam do gado para que este pudesse chegar a São Paulo sem grandes perdas. Foi assim que o “peão pantaneiro” ganhou seu destaque dentro da região e nacionalmente.

Hoje, o estado tem 22 (vinte e dois) microrregiões e 05 (cinco) mesorregiões, dividindo em 141 (cento e quarenta e um) municípios. A maior parte de planícies e planaltos, uns 74%, encontra-se abaixo dos 600 m de altitude. Os rios principais são Juruena, Teles Pires, Xingu, Araguaia, Paraguai, Rio Guaporé, Piqueri, São Lourenço, das Mortes e Cuiabá.

De acordo com o site da EMBRAPA, o Pantanal, por ser a maior planície alagada do mundo, um dos maiores ecossistemas do planeta, bem como a terceira maior reserva ambiental, é considerado um “paraíso ecológico”. Como já foi discutido anteriormente, um rotulo criado não apenas para uma “falsa preservação” desse território, mas principalmente essa frase: “paraíso ecológico” é usada para “espetacularizar” (conceito presente no livro do autor Guy Debord,

A sociedade do Espetáculo, conceito este não aprofundado nessa dissertação, mas que serve para elucidar a forma produzida, criada, do que é o Pantanal) o Pantanal como algo exótico, atraindo diversos turista para essa região (haverá um capítulo sobre turismo).

**Figura 4** Microrregiões do Mato Grosso



Fonte: Atila Guerreiro (acesso: 30 de agosto de 2016)

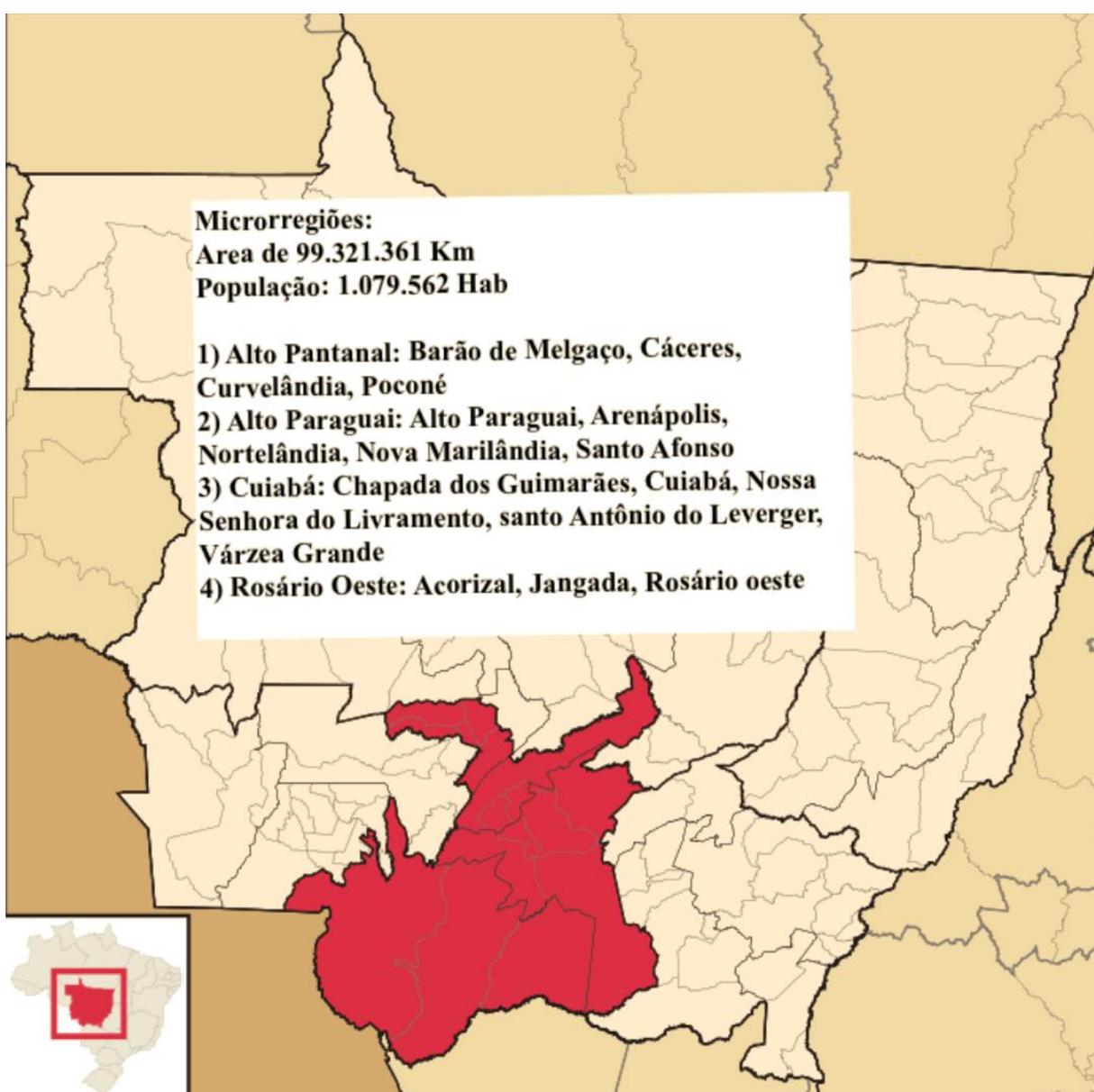
Sua área tem uma extensão de aproximadamente 230.000 quilômetros quadrados e atinge três países, sendo que 20% de seu território está na Bolívia, 10% no Paraguai e 70% no Brasil. Da parte que ocupa as terras brasileiras, 40% está no Mato Grosso e o restante, 60%, no Mato Grosso do Sul (DANTAS, 2000, p. 67).

Refletindo, o Pantanal é quase impossível de ser delimitado geograficamente por um

ente político, ele perpassa qualquer delimitação, a partir do momento que suas próprias águas não sabe onde acaba e termina seu território. Pensando assim, podemos concluir que o território pantaneiro são fronteiras sociais, mesmo que alguns digam que existam fronteiras territoriais

O pantaneiro não está enraizado apenas naquele território delimitado pelo governo, mas o pertencimento enquanto pantaneiro está nos usos, costumes e modo de ser como condições inerentes a organização social.

**Figura 5** Microrregiões do Centro-sul Mato Grosso

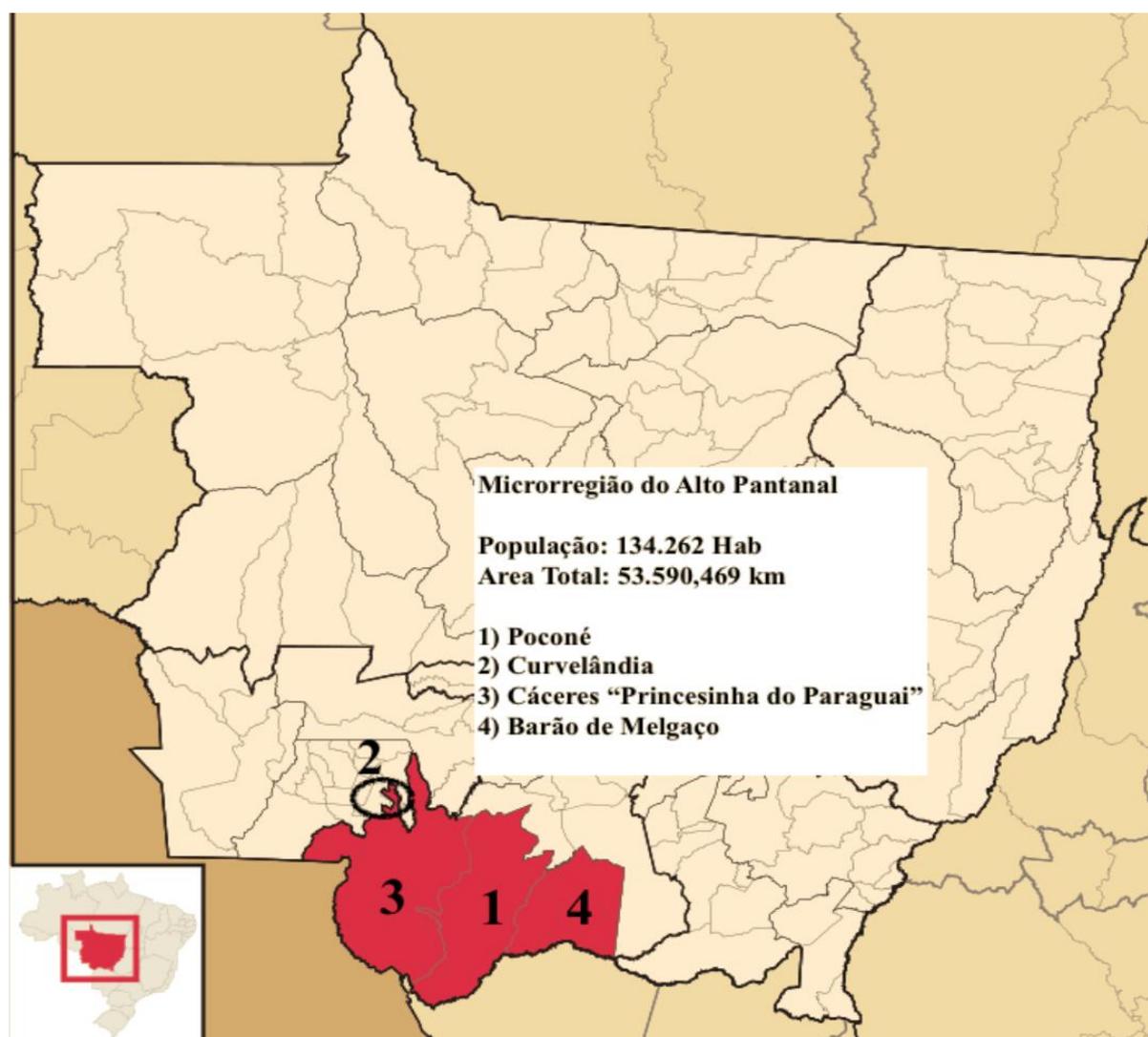


Fonte: Atila Guerreiro (acesso: 30 de agosto de 2016)

As configurações atuais do Pantanal ajudam a compreender a relação entre pantaneiro e meio ambiente, pois é nítido que, tanto historicamente quanto geograficamente, esse ambiente não possui um “território” fixamente delimitado, ao passo que suas dividas, assim como as águas do rio, são “flutuantes”. 84,6% da área original do Pantanal, ou seja, 127.248 quilômetros quadrados, é preservada, segundo dados de 2013, ocupando o lugar de segundo bioma mais preservado do Brasil; o primeiro é a Amazônia Legal.

Coelho Neto (2002), discorrendo sobre um estudo realizado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária do Pantanal (EMBRAPA – Pantanal), esclarece que, dentro do Pantanal, existe uma distribuição regional, na qual existem subdivisões de acordo com as especificidades de vegetação, solo e clima.

**Figura 6** Mesorregião Alto Pantanal



Fonte: Atila Guerreiro (acesso 28 de agosto de 2017)

No Mato Grosso e Paraguai, tem as regiões de Poconé, Cáceres e Barão de Melgaço; já no Mato Grosso do Sul, tem Nhecolândia, Aquidauana, Paiaguás, Nabileque, Miranda e Porto Murtinho.

Depois dessa breve mais necessária história geográfica do Mato Grosso e do Pantanal, vamos iniciar o foco principal dessa pesquisa: os pantaneiros da região Norte, mais especificamente do município de Barão de Melgaço, Mato Grosso, Brasil.

### 3.3 História de Barão de Melgaço

**Figura 7** Mesorregião Alto Pantanal: Barão de Melgaço



O município de Barão de Melgaço fica no “Pantanal Norte”, assim como Cáceres e Poconé. Barão de Melgaço possui uma população estimada em 7.800 (sete mil e oitocentos) habitantes, e uma área de 18.503 Km, com divisas entre os rios de Cuiabá e Itiquira. Barão também é conhecido por ter um ecossistema variado, com rios, baias, áreas alagáveis, mata ciliar.

Barão de Melgaço foi um local de resistência durante a Guerra do Paraguai, uma vez que aquela localidade era o ponto de ligação para capital Cuiabá e São Paulo, ligação feita pelo do rio.

Melgaço foi o primeiro nome do local. O título honorífico de barão concedido ao almirante Augusto João Manoel Levenger é a referência da nomenclatura posterior, Barão do Melgaço. O almirante Levenger, homenageado por suas qualidades como homem, como militar e como Presidente da Província de Mato Grosso, fez-se notável quando, durante a Guerra do Paraguai, para conter as tropas paraguaias, mandou construir uma trincheira fortificada nas colinas de Melgaço, à margem do rio Cuiabá.

(...) Muito embora não tenha ocorrido a invasão, a movimentação militar levergeriana de resistência foi grande. Muitas dúvidas sobre o termo Melgaço surgiram quando o almirante foi receber seu título de Barão, por isso, ele solicitou que seu projetista elaborasse um brasão e um diploma que lhe afirmasse o título recebido e, na carta escrita a próprio punho com esse pedido, o almirante explicava que ele mesmo não sabia o significado e nem a etimologia da palavra Melgaço, mas sabia que era o nome de um conjunto de colinas que bordam o Rio Cuiabá (Trecho do livro Leverger - o Bretão Cuiabanizado, de Virgílio Corrêa Filho, fonte: Biblioteca do IBGE, site, 30 de agosto de 2016)

Um ponto engenhoso para enganar o inimigo, caso ele conseguisse avançar, pois quem mais conheceriam os rios, que modificam em alguns períodos do ano, se não os próprios moradores daquela região? Os rios podem ser traiçoeiros e as montanhas altas, podendo os brasileiros se esconder sem serem percebidos.

A baía de Chacoré já foi o nome para aquela região, pois é um dos locais mais conhecidos não apenas pelos turistas, mas para aqueles que vivem a procura de lugares altos durante a cheia. Em 1943, o nome de Melgaço passou para Chacoré, e somente em 1948 que o município finalmente ganhou o nome que tem hoje: Barão de Melgaço.

A partir de 1914, iniciou uma nova etapa na vida dos mato-grossenses e especialmente dos pantaneiros, com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que faz com que o deslocamento fluvial começasse a cair.

Sua implantação fez com que aquela região tivesse um crescimento vertiginoso, sendo construída outras estradas e favorecendo a ocupação da região, principalmente o acesso para os turistas e pescadores esportivos.

Hoje o município sofre com uma falta de divisa efetiva, pois o clima na região modifica a paisagem e acaba por modificar essas linhas imaginárias e criadas pelo governo. Na época de cheia, o rio avança e cria novos territórios, muitos moradores colocam que não podem definir onde acaba e onde termina o Pantanal, pois *“o rio não sabe o território que deve ficar, e se a natureza não coloca limites, quem é o homem para definir as regiões?”*.

O nome Pantanal, nesse contexto, não está relacionado a pântano, mas, segundo Nogueira (1990, p. 12),

“É a denominação recebida pela superfície por ser banhada por um complexo hidrográfico composto por uma diversidade de rios, chegando a somar centenas, todos com suas nascentes nos planaltos adjacentes e que deságuam no rio Paraguai.”

**Figura 8** Município de Barão de Melgaço



Fonte: AgoraMT (25 de Novembro de 2016)

Por isso, muitos moradores acreditam que colocando no RG (registro geral) o município de Barão de Melgaço é algo que possa diminuir o que eles realmente se consideram, pantaneiros. Para a maior parte dos meus entrevistados, no Registro Geral deveria constar que eles são do Pantanal, pois é a construção que eles têm enquanto indivíduos pertencentes de uma comunidade.

### 3.4 Aspectos Geográficos

Não apenas as histórias dos moradores da região ajudam a entender suas fronteiras não definidas, fronteiras que já discutimos anteriormente e que resumidamente vão muito além do que aquela delimitação no mapa do Brasil (uma delimitação político-partidária, sem contexto histórico, social, cultural e econômico).

Além disso, os costumes, jeitos e modos de agir, cotidiano, e também os fatores geográficos ajudam a compreender essa mobilidade espacial que o Pantaneiro faz durante o ano.

De acordo com AB'SABER (1988, p. 68), o Rio Paraguai exerce grande influência sobre a planície do Pantanal. Lá, o clima é úmido, com o verão quente e inverno seco. Entre os meses de novembro e abril, é marcado por chuvas e cheias dos rios. As cheias nesses períodos acontecem por conta da grande quantidade de rios da Bacia do Paraguai, ao todo, 170, e, também, da baixa declividade (20 a 30 centímetros por quilômetro).

A região está na Bacia do Alto Pantanal e tem o Paraguai como o mais importante dos rios. Amplamente navegável, do lado brasileiro são afluentes os rios Cuiabá (afluentes: São Lourenço e Piquiri), ao Norte; Taquari (afluente Coxim) e Miranda (afluente Aquidauana), ao Sul. Esses rios e demais que compõem a rede hidrográfica do complexo pantaneiro (explicações no Site Ambiente Brasil, acesso no dia 10 de agosto de 2016), desempenhando um papel de grande importância para o Pantanal. Segundo Proença,

A vida na planície, tanto a vegetal quanto a animal, é influenciada pelos rios que descem do planalto. Estes são responsáveis pelo que acontece de bom e de ruim e, além disso, regem as normas e estabelecem respeito por conta de suas iras e hábitos. Durante as cheias, eles mudam de curso constantemente, destroem plantações, derrubam pontes, inundam fazendas, carregam entulhos, cobrem campos de aviação, entopem baías e vazantes e matam animais (PROENÇA, 1997, p. 56).

**Figura 9** Início da Baía



Fonte: Eveline Bezerra (2016, Barão de Melgaço, Pantanal, Brasil)

Como na figura acima, as planícies da região apresentam áreas alagáveis tal como as *baías*, *vazantes*, *corixos* e *salinas*. Começando pelas *baías* são lagoas de água doce, rasas ou profundas, com variedades de plantas e peixes. De acordo com SOUZA (1973, p. 29), as mais importantes são alimentadas pelo rio Paraguai.

Próxima imagem mostra uma grande quantidade de água, ganhando espaço em meio a paisagem cheia de árvores e outras plantações. No Pantanal uma grande porção de pequenas e médias baías, drenando as águas para os rios. Chamadas de *vazantes*, essas são baías de água corrente, geralmente serve como leito de escoamento das enchentes (ARANTES, 2004, p. 2). Elas aparecem sempre nos períodos de cheia, entre os meses de janeiro até abril.

**Figura 10** Vazante do Rio



Fonte: HAROLDO (2008, Vazante Pantanal)

Os *corixos* (imagem abaixo), aparentam ser estradas em formado de água, e servem exatamente para isso, pois interligam regiões e comunidades, e seus moradores utilizam barco para chegar e sair de casa, além de transporte permanente.

**Figura 11** Corixo



Fonte: HAROLDO (2008, Vazante Pantanal)

Os corixos são pequenos cursos d'água com leito certo, que no tempo das secas diminuem, no entanto não secam, frequentemente estão relacionados a um rio. São conhecidos por manter a ligação entre algumas comunidades dentro do Pantanal em períodos de seca, que mesmo diminuindo o fluxo, os barcos menores (o principal meio de transporte dos moradores daquela região) continuam podendo trafegar nas águas.

Alguns desses cursos servem como rota para entrega de comida durante um período de estiagem, apesar de ter mais “terra firme”, trafegar pelas águas é mais rápido e seguro, segundo alguns entrevistados.

No Pantanal ainda existe as *salinas*, que são lagoas de água extremamente alcalina, com sabor, cheiro e cor acentuados, apresentando estas características em razão do “intenso desenvolvimento de algas microscópicas” (MORAES, 2004, p. 2). É uma água muito procurada pelo gado e por outros animais da região por ser rica em carboidratos de potássio e de sódio.

**Figura 12** Salinas



Fonte: HAROLDO (2008, Salinas Pantanal)

É possível encontrar árvores de grande porte nas regiões mais altas, enquanto encontram-se gramíneas nas partes mais baixas. Nesta região, é possível observar espécies do Cerrado, da Amazônia e do Chaco Boliviano.

### 3.5 Turismo

No Pantanal o turismo, é uma atividade econômica importante e lucrativa, voltada, em grande parte, para o turismo contemplativo e para a pesca amadora. O Ecoturismo é um fator relevante, tem ocorrido como uma opção de atividade econômica sustentável. Muitas propriedades pantaneiras, inclusive, já se adequaram ou estão em processo de adequação para a recepção de pessoas que vêm das cidades a fim de conhecer a cultura e as belezas da região.

Esse turismo cultural, conforme Banducci (2003), pode ser visto como uma forma de a comunidade local afirmar a sua identidade, visto que as excursões ajudam, de alguma forma, a conservar a história dos pantaneiros ao passo que os excursionistas vão conhecendo, por meio dos guias, às histórias locais e às características da flora e da fauna desse tipo de ecossistema: Turismo Contemplativo; Turismo de lazer; Turismo de aventura: podemos colocar aqui as cavalgadas; Turismo ecológico: Com ênfase na educação sustentável, através das caravanas de estudantes; e Turismo Rural.

Os turistas não apenas geram empregos na região, mas muito renda no Pantanal. A exploração turística teve seu avanço na década de 1960, com a prática da pesca de maneira intensiva. Conhecido mundialmente como destino de pesca, com rios fartos, o Pantanal passa a representar o cenário nacional como destino turístico de pesca.

Mato Grosso contabiliza a pesca como uma atividade turística rentável, seus deputados, vereadores das regiões pantaneiras e o empresariado vê nesta atividade uma oportunidade de investimento, crescimento e desenvolvimento na região. Mas ninguém perguntou as comunidades ou fez planejamento para esse tipo de economia tão rentável para o Estado.

As comunidades que fazem partes desses núcleos turísticos locais não têm a oportunidade de acompanhar o processo de exploração turística que acontece de forma acelerada e desorganizada, mexendo não apenas com o cotidiano deles, mas modificando a paisagem do Pantanal. Esse mesmo turismo que gera renda para os habitantes, por vezes acaba sendo um turismo de exploração, o que modifica não apenas o ambiente, mas toda a vida das pessoas.

Processo que somente pensa na demanda, através da exploração de recursos naturais da região de uma forma inadequada e desordenada em favor de um lucro imediato. Entende-se que a única forma de se manter a atividade turística integrada na comunidade, é optar por um desenvolvimento sustentável ordenado, estudando maneiras de não afetar todos.

Esse abuso na exploração dos bens naturais não apenas degrada a região, porém modifica todo o ambiente, sendo a principal mudança em Barão de Melgaço e que mais incomodam os moradores da região: pesca esportiva.

**Figura 13** Turismo de exploração



Fonte: Fazenda São Francisco (site da fazenda, 2016)

Várias pessoas pescam e em seguida soltam os peixes no rio, poucos sabem mais alguns peixes ficam feridos e não consegue realmente retornar ao seu habitat natural, morrem logo em seguida quando retornam para o rio. Isso preocupa os habitantes pois acaba por fere o principio básico e o respeito que eles têm com a natureza: o que você pesca é para alimentação.

Eles reclamam que esse descanso com o meio ambiente e a caça esportiva vem destruindo o pantanal, exemplo é que algumas vezes eles não conseguem capturar peixes para a própria sobrevivência e colocam a culpa nesse tipo de exploração.

Quando o Pantaneiro fala em exploração, que vai ocorrer uma escassez de peixe, penso que o gado dos Nuer de Evans-Pritchard já não está tão presente nessa região, ocorreu uma composição social, uma mudança, onde há um novo lugar dos animais nas nossas vidas, intimamente, não apenas no ciclo de vida dos humanos, mas ao inverso também. Nota-se muitas vezes na fala dos pantaneiros, uma simetria de animais e humanos enquanto agentes de relação. Esses animais ganham uma personalidade criada pelos agentes, ganham um domínio da sua própria agência e da sua personalidade.

No documentário, alguns entrevistados comentam que somente retiram o que precisam, que o “peixe está triste com tanta pesca”, que o gado sente e fica irritado com a presença constante dos turistas, que alguns animais nem aparecem mais por conta dessas modificações do Pantanal (pessoas estranhas). Isso tudo são atribuições humanas que os animais cada dia ganham nas suas personalidades (esse conceito pretendo trabalhar mais amplamente durante meu doutorado).

Santana Rodrigues, um dos moradores do Pantanal, disse que “somente mata aquilo que realmente vai comer, pois matar por diversão pode trazer energia negativa para quem mata.” O Estado está tentando aliar uma legislação de pesca e à exploração da atividade, mas quem lê e vê as atitudes do estado percebe que apenas os moradores do Pantanal que sofrem sanções.

A principal forma de sanção é a cota de pescado que cada pescador tem direito, essa cota serve apenas para seu alimento, não conseguindo fazer a venda e, muitas vezes, esses pescadores de maneira desesperada, pescam de forma precatória, para serem mais ágeis na pesca e assim, garantir sua mercadoria.

Entretanto, a não preservação das margens dos rios e o desmatamento acelerado do cerrado para a prática da agricultura, não é fiscalizada e nem citada pelo Estado (usada aqui para referenciar nossos políticos que nada fazem efetivamente pelo ecossistema do Pantanal), trazendo para os rios problemas ambientais e de difícil recuperação.

“Se o peixe de primeiro tinha de fartura quando a água vinha – aí, o peixe nadava aí, na porta, todo mundo tinha peixe – agora vai lá na beira do rio e o fiscal esta lá em cima, se facilitá vai preso, toma rede, toma tarrafã. Até prende ele e ainda bate e você fica com medo de ir na beira do rio colher um peixe. Então, esta lá o peixe lá, mas fica com medo de ir.

[...] Tem, tem, tem a época [de ir] que fala lufada mês de maio, junho, esses que gente fala, ta subindo tem muito peixe. Ah, vai tudo lá, vai pescar para fazer até gordura, depois de uns cinco anos para cá que o fiscal bateu duro mesmo; ninguém não pode fazer gordura. Não vai fregar um peixe nem de anzol, eles costumam as vezes tomar até vara de anzol, quebra e joga fora. Quebra a canoa, tora a canoa, liga a motosserra. Pega o senhor pescando lá ele pega a canoa, joga lá no meio de lá. ” (**Silvério Dias Gomes**, entrevista no dia 20 de dezembro de 2016)

“Porque há vinte anos atrás, por exemplo, eu tava com vinte e dois anos, eu saía daqui, ia na beira do rio, usava lá, eu chegava e vinha com oito, dez pacu. Hoje quando pego dez pacus numa semana ou numa quinzena eu já estou feliz, porque o peixe hoje da região nosso, hoje eu sou credenciado à pesca profissional, mas o peixe da região acabou. Mas num pensa que Barão acabou com peixe; num é eu que sou com a carta de pescador, são os grande pessoal de fora que tem recurso financeiro.

[...]. Então, por causa de que hoje o cara, se for para ele montar no cavalinho dele e deslocar dez quilômetros para ir busca um peixe para dar o sustento para a família dele, é preferível ele trabalhar por uma diária e ir no açougue e comprar cinco quilos de carne. Ele está mais certo que ele vai jantar bem com a família. Então, eu, por exemplo, tenho hoje, tenho quinze anos de pesca profissional, mas estou quase abrindo mão da minha profissão, porque se eu fosse depender só da minha profissão (que eu vivo da pesca), meus filhos estavam até passando fome, não tinha nem como comprar um chinelo havaiana para por nas minhas crianças, nem para por eles na escola, sabe! É porque acabou, é verdade isso, estou falando para comunidade, eu vivo dentro do Rio Cuiabá.

[...]. Pode acreditar que nós não temos mais aquelas maravilha, aquelas riqueza do tempo de meu pai, de meus tios. Tudo que está aqui presente sabe do que eu estou falando, que eu acompanhei e vi, criei lá vendo aquela riqueza. Hoje o maior peixe que tem na região do Rio Cuiabá, chama-se curimbatá, que é o peixe mais (quer dizer, uns fala curimbatá, outros papapeva, né!), mas é o peixe que menos tem influência para consumo da comunidade, né! ” (**Pedro Santana Bueno**, entrevista no dia 08 de dezembro de 2016)

Hoje, a ausência ou escassez dos peixes no Pantanal não é apenas uma questão de quantidade, e sim da qualidade dos rios. Sofrendo com falta de respeito e uma depredação criminosa, a ponto de alguns rios que servem de afluentes do Pantanal serem encontrados completamente assoreados (sem água, vazios, sem chance de vida) devido à exploração da agricultura e pecuária extensiva.

O turismo sustentável de um determinado espaço requer mais do que boa vontade e iniciativas próprias, individuais ou comunitárias, passando por uns planejamentos,

promovendo ações e colocando objetivos, promovendo assim uma articulação segura e forte com a comunidade, explicando os aspectos políticos, ecológicos, sociais, institucionais e culturais.

Mais do que preservar essa região, os moradores querem uma forma de utilizar sustentavelmente e de maneira responsável os atrativos turísticos que o Pantanal possui, pensando de maneira clara e focando na melhor forma de manter a qualidade de vida da população.

De acordo com o autor Nogueira (1990), o Pantanal e os pantaneiros se complementam, pois, eles interagem e acabam formando parcerias para preservação, mas para Gonçalves (2000), os turistas e a exploração deles na região, acabam por modificar a vida e o comportamento dos pantaneiros.

O grande influenciador desse turismo de exploração por vezes é o próprio Pantaneiro, que se “apropriou” desse rótulo criado para ele de “homem do pantanal” para mostrar o Pantanal através dessa roupagem de região “exótica”.

Antigamente, alguns autores de forma romântica, descrevem os pantaneiros como quietos, introvertidos e raramente gostava de uma conversa formal, sendo que nos dias atuais, com o advento dos turistas, esses mesmos moradores da região passaram a ser reconhecidos por pessoas mais falantes e que “conta com requintes e minúcias” suas vidas para os turistas ou para pessoas “que ali buscam desenvolver pesquisas para conhecer o Pantanal” (BARROS, 1998, p. 45).

Outro exemplo clássico são os trabalhos do dia-a-dia que são acompanhados pelos turistas, como no caso dos peões, que fazem suas atividades de diárias na presença de pessoas estranhas, que querem saber e viver a rotina deles, levando esses pantaneiros a procedimentos não costumeiros. Eles acabam por vezes adotando comportamentos diferentes e influenciados por outras pessoas, os turistas.

Além do desenvolvimento da atividade turística, da eletricidade, do acesso a mídias e das transformações na ecologia e na relação entre peão e patrão, um fator que promove significativamente mudanças de costume e comportamentais do pantaneiro é o seu crescente contato com as cidades. Tais fatores afetam também o modo como o pantaneiro se veste. Trata-se da transculturação, isto é, do processo de adequação ao meio, que faz com que a cultura e o modo de ser do peão mudem. Pelo viés da valorização de sentido particular, ele rememora o universo cultural do homem pantaneiro, e, assim, o ser humano é colocado como componente fundamental para a conservação do ecossistema (NOGUEIRA, 2002, p. 57).

As atividades de turismo devem ser utilizadas como portadoras de reconhecimento e valorização da cultura, e não servindo para tornar um instrumento de fragilização de seus costumes e crenças.

Pensar o turismo nessa região é saber que deve ser direcionado, integrado e atento à cultura local, tentando fazer uma ponte entre a valorização, socialização e interação de conhecimentos, focando sempre no tripé que alguns autores colocam como essenciais ao turismo ecológico: turismo, cultura e patrimônio, todos em harmonia e equilíbrio.

Segundo Barros (1998, p. 7), há urgência em realizar essa tarefa, considerando que cada vez se torna mais explícita a ideia de que o pantaneiro é, nesse núcleo ecológico, a única espécie em extinção.

Para que isso não ocorra realmente, deve-se compreender o território pantaneiro em sua totalidade, englobando os seus diferentes aspectos, como ambiental, cultural, político e geográfico, por exemplo. Sendo necessário, ainda, dar enfoque para os lugares, para os espaços e para as dimensões que o compõem. Porém, para tanto, é de fundamental importância respeitar não só a natureza, mas aqueles que ali vivem.

### 3.6 Paisagem

Para o senso comum, a “paisagem” consiste meramente em espaços que podem ser observados pelos seres humanos. No entanto, são mais que isso, as paisagens são históricas, resultam das ações dos indivíduos, no decorrer do tempo, sobre o ambiente natural.

Possuem ainda uma dimensão espacial, uma vez que tais ações sucedem em uma área específica. A paisagem comporta significados, quer dizer, expressas os mitos, as crenças e os valores daqueles que nela residem.

Com base no exposto, é necessário refletirmos sobre a *ação*, a *transformação* e o *movimento* das diferentes formas de vida presentes no espaço natural ou físico, que, por sua vez, vai sendo moldado ao longo do tempo e se transforma em paisagem cultural. As mudanças, evidentemente, ocorrem conforme a conjuntura histórica e os valores econômicos, culturais e políticos que vigoram em cada sociedade.

A ideia de que a paisagem natural se converte em paisagem cultural a partir de contínuas mudanças é corroborada por inúmeras pesquisas antropológicas, estando presente, em especial, no âmbito do Desenvolvimento Sustentável.

As paisagens da região são construídas por atores sociais que habitam essa região, famílias que ali residem por sucessivas gerações e desenvolveram práticas como a do trato com o gado, que foram ensinadas por gerações, construindo os saberes que resultaram em formas diferentes de organização dentro dessa paisagem. Como o peão, as etnias, os ribeirinhos, formas diferentes e similares dos representantes do Pantanal.

As atividades econômicas, baseadas na pecuária extensiva e na pesca artesanal, estabelecem uma ação diferenciada dos usos dos recursos naturais, que ajudam a moldar a paisagem e manter um equilíbrio nessa região.

Porem, ocorre que hoje já podemos perceber uma transição, onde as características da tradição e da modernidade convivem e reproduz nossos hábitos, transpondo não apenas no cotidiano dessas pessoas, mas nas modificações do próprio Pantanal.

A modernização não só está alterando a forma e as técnicas de trabalho, como também produz novas necessidades como os produtos industrializados, casas com tijolos, menos tempo no campo e mais na cidade, dentre outros. Isso influencia as relações no interior das famílias e dos grupos e acaba por ameaçar essa a paisagem pois interfere no ritmo estabelecido durante gerações.

A rotina dos habitantes dessa região é significativamente influenciada pela atividade de turismo, considerando que algumas áreas do Pantanal estão se modificando e se adaptando com vistas a uma sobrevivência pautada na produção local (pesca e pecuária), prestando serviços de suporte ao turismo contemplativo.

Tais mudanças significam o rompimento com o tradicional e a abertura para o novo. Por conseguinte, pressões sobre o espaço local (sociedade e natureza), capazes de refletir política públicas integradas, que abranjam atores locais, poderiam ser de grande ajuda para um efetivo planejamento econômico e sustentável para essa localidade.

A paisagem natural e cultural estão sendo modificadas substancialmente nos últimos cinco anos e os pantaneiros tradicionais, antes adeptos das antigas técnicas de convívio na região (natureza e indivíduos), que resistiam de certa forma as transformações do tempo, agora estão confrontando seus saberes com as ideias e propostas dos filhos e das gerações que estão chegando, e acabam por abrir mão das técnicas que aprenderam, colocando que os novos meios resultam em maior rentabilidade econômica e diminuição dos gastos.

#### 4 BREVE HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO HUMANA NO PANTANAL

Foram os índios que iniciaram a história da ocupação humana no Pantanal e por lá viveram alguns séculos livremente, tornando-se os donos das terras alagadas, se adaptando às dificuldades da região, formando grupos tribais e linguísticos, cada qual com seus costumes.

Segundo Proença (1992), havia entre eles e a natureza um tratado de paz, que logo foi quebrado com a chegada do homem branco, que invadiu os campos já ocupados, usando da força das armas para expulsar esses indígenas. Assim, resultou o enfraquecimento das tribos que perderam suas liberdades e seus valores, no entanto, duas resistiram e lutaram por mais de três séculos, desenvolvendo técnicas de guerrilha: os *paiaguás* nas canoas, e os *guaicurus nos cavalos*.

Desde o século XVI, quando o Pantanal começou a ser trilhado por espanhóis e portugueses em busca de um caminho para o Peru, as duas tribos não pararam mais com as lutas. Os *paiaguás* atacando pelos rios e os *guaicurus* abordando os acampamentos dos espanhóis para roubarem cavalos, como comenta Proença (1992, p. 26):

Os paiaguás, unidos aos guaicurus, com quem se cruzavam indiscriminadamente, formariam, sem disputa de hegemonia, a grande resistência contra as expedições portuguesas e principalmente espanholas, a atacá-las sem trégua e sem piedade por quase todo o século XVI, enfrentando as armas inimigas, roubando-as muitas vezes para entrega -lá às futuras gerações com promessas de novas lutas, num ódio incontido e avassalador, que os fizeram cada vez maiores na arte de guerrear, sobretudo como heróis.

Nos caminhos transitados pelos brancos na grande planície, foram surgindo moradas e iniciando as criações. Os campos do Pantanal, com suas riquezas de pastagens nativas e de água, ofereciam condições favoráveis às atividades pastoris, permitindo aos novos criadores vender seus produtos aos viajantes que por ali passavam em troca do que necessitavam, como por exemplo, sal, tecidos entre outros (RONDON, 1972).

Mas, há outras hipóteses existentes sobre o aparecimento do homem do Pantanal, como, por exemplo, aquela que Proença (1992) se refere: a de terem sido polinésios que, após deixarem suas terras cruzaram o pacífico usando fracas embarcações e chegaram às costas da América do Sul. Daí, atravessando as montanhas nevadas dos Andes, dirigiram-se ao planalto, para depois seguirem em direção Leste, uns alcançando os pampas sulinos e outros o Pantanal.

Barros no livro *Gente Pantaneira* (1998) tece uma crítica ao descobrimento do Pantanal enquanto santuário ecológico. Ele afirma que somente na década de 1970 o Pantanal foi descoberto. Antes disso, houveram pessoas, bravos lutadores, colônias, várias etnias, mas o reconhecimento é devido aos primeiros turistas e, principalmente, ecologistas e naturalistas que passaram a olhar o lugar com outros olhos e o definiram como santuário ecológico.

Assim como outros pantaneiros, ele ficou orgulhoso, mas com o passar do tempo começaram a entender que esta gente que lá morava não fazia parte do santuário. O homem pantaneiro havia sido excluído da paisagem, não havia preocupação com estas pessoas, e sim, com a fauna e flora.

De acordo com Rondon (1972), o regime de criação de gado foi importante fator de posse das terras pantaneiras, de civilização e de expansão geográfica. Algumas causas foram essenciais para o desenvolvimento da pecuária nesta região, como os campos de boas pastagens nativas, os fatores climáticos, a abundância de água e grandes áreas possibilitando criação extensiva com pouca despesa. Assim, os campos do Pantanal tiveram como domínio a pecuária, que se proliferou, dando origem às fazendas de criações de gado.

Para Moraes et al. (2016), hoje mais de 80% do Pantanal são de fazendeiros, criadores de gado. Vários estudos realizados sobre o Pantanal resultaram em um vasto conhecimento do ecossistema em seus aspectos ecológicos, mas, no entanto, são escassos os trabalhos sobre o habitante pantaneiro.

Por homem pantaneiro, segundo definição de Congro e Nader (2004), entende-se que é um indivíduo natural do Pantanal ou aquele que, mesmo não tendo nascido no Pantanal, assimilou a vivência desse nativo, compartilhando dos hábitos e dos costumes típicos da região.

Lacerda (2014) também faz sua definição descrevendo a personalidade do pantaneiro. Segundo ele, os pantaneiros são diferentes de outros povos em todo o mundo, de ótima índole, e bastante receptivo. Num primeiro encontro costuma receber com alegria as pessoas, como se já se conhecessem há muitos anos e é com satisfação que hospedam a quem precise.

A pesquisadora Nogueira (1995 apud BRUM, 2001, p. 14) complementa a definição do pantaneiro, ressaltando o relacionamento harmonioso com a natureza:

Ambientalista nato, o pantaneiro típico, no convívio diário com o ambiente, aprendeu a fazer a leitura da natureza, a fim de captar suas mais sutis transformações, incapaz de realizar ações que venham a prejudicar o Pantanal, há dois séculos mantém um relacionamento harmonioso que contribui para o fortalecimento das propostas de preservação dos seus diversos ecossistemas, ou seja, de seus diferentes conjuntos de elementos, que se inter-relacionam para garantir a

manutenção do equilíbrio ecológico, como flora, fauna, fatores climáticos, biológicos, hidrográficos, etc. Por homem pantaneiro, entende-se, aqui, o elemento nativo do Pantanal ou aquele que nele vive há mais de 20 anos, compartilhando hábitos e costumes típicos da região.

O pantaneiro é muito supersticioso, conta histórias, lendas, mitos que se seguem, histórias de boiada, de bichos que podem trazer sorte ou azar. Eles aprenderam no decorrer do tempo a fazer suas próprias previsões de acordo com os fenômenos naturais (NOGUEIRA, 2012). O autor descreve um pouco das crenças que foram feitas do pantaneiro no documentário:

“Quando você vê um pássaro preto cantando em cima da sua casa, coisa boa não é, todo mundo sabe que algum coisa ruim vai acontecer... alguns dizem que é morte, mas ainda não perdi ninguém, mas muita coisa ruim aconteceu depois que o bicho cantou perto da minha casa. Sempre que ele canta, eu rezo para tentar afastar a maldição dele”  
(**Pedro Santana Bueno**, entrevistado)

Nogueira (2012), como sempre romantiza a figura do pantaneiro e o descreve como sendo botânico, zoólogo, astrônomo, geógrafo acostumado à leitura semiótica da natureza, fazendo previsões diárias. Essas previsões vêm com o decorrer dos anos, passando de geração a geração, com relativa margem de acerto através das experiências de vida. É através do comportamento dos animais, da flora e dos astros visíveis a olho nu, que o pantaneiro avalia quando terão enchentes e secas mais ou menos intensas, se orienta sobre modos de agir em relação ao manejo da criação, ao seu tratamento, ao uso da medicina caseira, ao plantio e à colheita.

A autora oferece exemplos de algumas crenças em relação a elementos naturais que lhes dão significados e respostas conforme o que é visto, como por exemplo, o *anu preto*<sup>5</sup>, quando canta no pátio da fazenda, é sinal de notícia ruim, e um *beija-flor* que, dentro de casa, já anuncia que irão acontecer coisas boas.

O homem aprendeu e acostumou a retirar do ambiente apenas o necessário para sua sobrevivência, segundo alguns ambientalistas isso acontece no Pantanal, um respeito a natureza, porém, podemos perceber que não a um fundo de razão lógica ou uma pesquisa aprofundada sobre isso, o que percebemos é que eles retiram alimentos da região, mas não apenas o essencial, por vezes retiram um pouco mais para vender ou trocar. As variações de clima e vegetação, marcam o comportamento das plantas, dos animais silvestres e domésticos

e do próprio pantaneiro, que se adaptou ao ambiente de forma em que ambos possam colher os frutos.

O pantaneiro nunca perdeu a direção nem agrediu o ambiente, apenas o alterou com os passos da sua criação, da sua própria história e como medida de sobrevivência ao mundo atual. O Pantaneiro teve papel modificador como toda presença humana em qualquer ambiente. O homem chegou lutando para sobreviver, criando condições para se adaptar, deixar-se dominar pelo ambiente que o cercava (PROENÇA, 1992).

Contudo, faz referência ao homem pantaneiro comparado ao urbano, sobre o quanto é difícil para um homem criado no campo perceber a quantidade de informações diferentes que existe em um grande centro. O mesmo acontece quando uma pessoa da cidade vai para o campo e parece ser-lhe difícil também a percepção das riquezas de detalhes que existe no campo, principalmente em se tratando do Pantanal.

Barros (1998), pantaneiro, fazendeiro, filósofo e escritor, refere-se ao homem pantaneiro como a única espécie em extinção neste santuário ecológico. Segundo ele, o homem pantaneiro está perdendo seus costumes, sua origem, seus anseios, sua vida. A citação abaixo menciona o perfil psicológico do homem pantaneiro:

Na caracterização do perfil psicológico do vaqueiro nhecolandense, temos insistido no caráter alegre, despreocupado e brincalhão de seu estilo de vida. Entretanto, ao contrário do vaqueiro gaúcho, um extrovertido e socialmente desinibido, devemos admitir que o vaqueiro pantaneiro é, claramente, um introvertido social. Isto é, apesar da alegre e barulhenta convivência interna, fecham-se fortemente diante de estranhos, assumindo uma atitude de passiva discrição. Não emitem opiniões, perdem a espontaneidade e, como animais acuados, parecem não aceitar intrusos em sua intimidade [...]. Parece-me importante está complementação do caráter pantaneiro porque, na busca da avaliação dessa gente que passou a ser objeto de repórteres, pesquisadores e intelectuais, temos assistido a contundentes desacertos. [...]. Creio que qualquer estudo do seu comportamento deve passar por um estágio de demorada convivência (BARROS, 1998, p. 180).

A pele queimada pela excessiva exposição ao sol é responsável pelo envelhecimento precoce do pantaneiro, que desenvolve a maioria de suas atividades no campo. A aparência física dos pantaneiros mostra em sua maioria pessoas altas e fortes, com músculos rígidos devido ao trabalho pesado (REIS; RIBEIRO; BOURLEGAT, 2006).

Os pantaneiros têm hábitos tradicionais como pedir benção aos mais velhos, atos praticados no cotidiano deles, bem como o tratamento de senhor, senhora, dona e patrão para se referir às pessoas.

Os integrantes da família pantaneira crescem na fazenda. Hoje em dia, graças aos meios de transporte que facilitam o acesso, as esposas dos proprietários de fazenda podem viver nas cidades, perto da fazenda. Os filhos do patrão vão para a cidade quando alcançam a idade escolar e por lá ficam, alguns nem seguindo mais as tradições dos pais. Os filhos dos peões quando crescem, passam a ajudar no trabalho dos pais. Algumas esposas de peão, quando não estão cuidando dos filhos, são contratadas para desempenhar funções domésticas na sede (REIS; RIBEIRO; BOURLEGAT, 2016).

Rosseto e Brasil Jr. (2012) relatam a cultura como um indicador importante para a conservação de um ambiente ecologicamente equilibrado, pois os seres humanos vivem em ambientes naturais e culturais. Os ambientes naturais são aqueles que reúnem condições físicas associadas à fauna, à flora, recursos minerais, hidrográficos e climáticos.

Já os ambientes culturais são representados pelas características históricas da cultura, da sociedade, da economia e da política, resultantes da convivência social e de atitudes humanas.

Conforme os autores, a cultura é somada pelos comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos e valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. É herança transmitida de uma geração para outra, e não um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos.

A cultura material pantaneira ainda é marcada mais pelas permanências do que pelas mudanças, ocorrendo estreita vinculação muito estreita entre os pantaneiros tradicionais e os elementos naturais.

Quando os bandeirantes chegaram ao Pantanal, encontraram-no habitado por diversificadas tribos indígenas, cada qual com sua cultura e traços linguísticos próprios. Então, os bandeirantes deixaram algumas contribuições que foram juntadas aos elementos da cultura indígena, como por exemplo, variados costumes na forma de se adaptar, assimilar e tornar possível a sobrevivência na região.

As influências africanas também enriqueceram a cultura pantaneira, com a chegada do negro para a mineração e para o trabalho das lavouras de cana-de-açúcar. Ainda, a essas culturas foram acrescentadas as influências de países vizinhos como a Bolívia e o Paraguai, sendo que este último, contribuiu mais diretamente, deixando influências mais marcantes, principalmente na música e culinária (PROENÇA, 1992).

Depois da Guerra do Paraguai, muitos não encontraram meios de sobrevivência neste país e vieram para o Brasil em busca de trabalho em lavouras e na pecuária, introduzindo seus costumes, inclusive no linguajar do pantaneiro. Da música vieram as guarânias, as polcas, os chamamés, característicos atualmente da região. Também deixaram contribuições na culinária, como o puchero (espécie de cozido), a sopa paraguaia e a chipa (PROENÇA, 1992).

O hábito de tomar tereré (o mesmo mate dos gaúchos, porém, tomado com água fria) foi outra herança paraguaia e tornou-se hábito quase obrigatório na região, como conta Nogueira (2002, p. 134):

Dois fatos são relevantes na formação desse vício: primeiro, a facilidade de contato com os vizinhos paraguaios, segundo, a contratação de serviços de grande número de peões paraguaios, que constituíram mão-de-obra de baixo custo, nas grandes fazendas de gado. Esses peões, acostumados ao nomadismo, difundiram muitos costumes paraguaios, presentes na alimentação, no lazer, e principalmente, no hábito comum ao sul- mato-grossense, e, em especial aos pantaneiros.

Encontram-se na indumentária pantaneira, hábitos que se caracterizam por existir nessa região. O chapéu de palha muito utilizado, veio dos cavaleiros *guaicurus* que já o tinham como hábito. Na lida do campo, o tirador<sup>6</sup> também é muito comum, marcante nos peões pantaneiros. Ainda, por influência dos bandeirantes paulistas, usam a guaiaca, uma espécie de cinto largo de couro macio ou de camurça, com vários bolsos para carregar miudezas, facas e armas.

O Paraguai contribuiu com a faixa colorida e larga amarrada à cintura, denominada de faixa paraguaia ou pantaneira, que ajuda a sustentar a coluna do peão na cavalgada (NOGUEIRA, 2002).

De acordo com Proença (1992), os comportamentos verdadeiramente marcantes vieram dos índios. Deles, herdaram o hábito de dormir em rede, de tomar banho nos rios e corixos, de se encostar nas paredes e nos troncos das árvores, de andar descalço, de respeitar os animais, o gosto de andar a cavalo, de viverem como nômades, o amor à liberdade, o costume de festas, a utilização da canoa, a mania de botar fogo no campo, além de comportamentos de desconfianças, cismas e timidez. As mulheres herdaram o costume de tecerem redes nos teares.

Na culinária, também deixaram seus gostos pelo milho e pela mandioca, o uso do pilão, o conhecimento de sementes e raízes, o vício do guaraná ralado, importado dos índios da Amazônia, também herdados pelo homem do Pantanal.

O autor afirma que as contribuições de elementos étnicos, assim como o folclore pantaneiro, ainda sim merecem maiores pesquisas e estudos. Segundo ele, as instituições destinadas a defender o Pantanal têm como dever valorizar o homem pantaneiro, analisando sua trajetória histórico-cultural, preservando festas de origem religiosa, bem como as danças folclóricas como o siriri, o santa fé e o cururu, que representam as tradições e refletem a alma do homem pantaneiro.

Essas manifestações culturais desenvolveram-se durante um longo processo de aprendizagem, integração e assimilação, e assim foram se somando até constituírem o que hoje se caracteriza como cultura pantaneira. Diz ainda que se não houver regras para preservá-las, valorizá-las, certamente desaparecerão ou serão incorporadas aos costumes daqueles que chegam buscando trabalho e abrigo.

Segundo Nogueira (apud BRUM, 2001) após ser indagada em uma pesquisa sobre o Pantanal, nesta região há dois tipos principais de identificação cultural, sendo que um deles é a cultura refinada do fazendeiro, que valoriza a tradição burguesa, com seus rituais e convenções, e o outro a cultura rústica do peão, que mostra a simplicidade e espontaneidade de um saber e de um fazer empíricos, transmitidos, oralmente, através de gerações sucessivas.

Em análise sobre a cultura regional, Brum (2001) faz uma observação sobre antigos padrões de relação com a natureza. Ele cita que estes estão sendo substituídos por novas formas de percepção do mundo, que podem resultar do incremento e da diversificação da economia, dos novos padrões sociais veiculados e afirmados pelos meios de comunicação, pela aproximação cada vez maior entre o meio rural e o urbano, dentre outros.

Um dos veículos de comunicação que pode se ter como exemplo destas mudanças é a televisão, que vem exercendo influência nos costumes e cultura do homem pantaneiro. As imagens da TV chegam por antena parabólica, via satélite, eliminando a programação local, que estaria de acordo com a realidade da região, o que não acontece. As influências estão no modo de falar e de se vestir, e podem chegar aos relacionamentos familiares e sociais (BRUM, 2001).

Como descreveu Proença (apud LACERDA, 2004), o Pantanal parece estar mudando de dono, pois novas mentalidades, recursos, tecnologias estão surgindo e o tradicional desaparecendo. Os veículos de comunicação como a TV e o rádio, aceleram o processo de desintegração de identidades, e assim há uma transformação devido à globalização. Segundo ele, é necessária, uma tomada de consciência em proveito da defesa de valores culturais ameaçados.

Por isso, o maior medo de quem vive e sobrevive são essas mudanças naturais que estão correndo e afetando a vida deles. Estudos foram feitos pelo Centro de Pesquisa do Pantanal (CPP), e as pesquisas vem mostrando que, com o passar do tempo, a paisagem não resistirá, ela vai acabar principalmente pela exploração inadequada do Pantanal, principalmente pela destruição natural, de animais e migrações dessas pessoas que ainda vivem na região. No próximo capítulo vou falar sobre essas mudanças e como isso esta afetando os moradores da região.

## 5 O PANTANEIRO

Reflexão do Pantaneiro e sua organização social pelos entrevistados, com muita transcrição das falas dos entrevistados por achar necessário a fala integral deles do que conceitos ou textos de autores falando sobre eles. Então segue as narrativas com os colaboradores, formados por homens, mulheres e crianças que enfrentando adversidades, criaram métodos e ações para adaptar-se:

**Figura 14** O Pantaneiro e a água



Fonte: Jose Medeiros (O pantaneiro e a água)

Os primeiros tempos da Fazenda Firme foram muito duros para a Chechê; em depoimento [...], de certo modo se recusa a falar daqueles tempos, diz-se muito esquecida. Explica “que quase não se lembra desses tempos passados, porque não gostava de recordar”. Ficava triste lembrando o passado, tanto mais que sofreu muito.

[...] Ao vir do Livramento não foi diretamente para o Pantanal, ficou algum tempo em Corumbá. Tempo que o Nheco dava alguma providência para recebê-la na tapera do Barão – pelo menos um rancho. A viagem de Corumbá até Palmeira foi em um batelão “que tinha

camarotinho e tolda”

[...]. A partir de Palmeira a viagem foi feita em carro de bois que costumava ser toldado com couros para o abrigo do sol e chuva. O gado viajou junto. Da chegada à Fazenda Firme lembra que “a casa era um rancho”

[...]. Nesse rancho se abrigou. Trazia no colo o primeiro filho, com seis meses – Mario. (BARROS, 2007, p. 51).

A mulher pantaneira merece muito destaque. Seguindo o marido pelos caminhos do Pantanal, participou da fundação das primeiras fazendas, o que é motivo de grande admiração. Enfrentavam viagens cansativas em canoas, bois e batelões, bem como encaravam o isolamento da região, a comunicação precária, a escassez de recursos médicos e a saúde dos filhos, que, costumeiramente, estudavam nas escolas da cidade. Essas condições moldaram as regras da mulher pantaneira, que vivia pelo amor ao seu companheiro, pelo grande apego à fé em Deus e pela afeição à região que a consagrava como heroína. O desenvolvimento econômico e social do Pantanal teve forte estímulo da mulher, que inspirava coragem e unia a família em torno da esperança por boas novas (PROENÇA, 2003, p. 78).

A pega de um gado bagual de modo geral, representa uma tarefa árdua e arriscada. Era um trabalho penoso, principalmente pelo calorão do Pantanal e pelas suas intermináveis secas.

[...] Quantos e quantos anos não se ficava à espera de uma chuva boa para ajuntar água nas lagoas e para iniciar o serviço. O Pantanal era só nome, pois água era uma raridade e uma preciosidade de tão grande valor que nenhum trabalho de gado poderia ser feito antes das grandes chuvas. (RIBEIRO, 1984, P. 101)

No dia 7 de fevereiro de 2007, de forma inédita na história, o governo federal reconheceu as chamadas populações tradicionais por meio do Decreto Presidencial nº 6.040. Esse reconhecimento aos quilombolas, indígenas e pantaneiros já havia sido feito de forma parcial na Constituição Federal de 1988, mas, no referente decreto, que estabelece a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), esse reconhecimento é ampliado, beneficiando o conjunto das populações tradicionais, incluindo os ribeirinhos, os caiçaras (pescadores do mar), os geraizeiros (habitantes do sertão), os castanheiros, os ciganos, as quebradeiras de coco babaçu, entre outros.

Cabe retornar à história do pantaneiro para abrir parênteses: a ocupação “humana” no Pantanal foi iniciada pelos índios, que habitaram a região livremente por séculos, se adaptando ao local, formando grupos com diferentes costumes e firmando-se como os donos das terras alagadas.

Quando o Pantanal passou a ser “invadido” pelos portugueses e espanhóis que buscavam um caminho para o Peru, no decorrer do século XVI, iniciaram-se as disputas por

território naquela região. Os guaicurus agiam roubando cavalos dos colonizadores enquanto os paiaguás faziam suas defesas pelos rios. Nos dizeres de Proença (1992, p. 26),

Os Guaicurus e os Paiaguás se cruzavam de forma indiscriminada e, juntos e sem lutas por hegemonia, se tornariam uma grande resistência, sobretudo contra as expedições espanholas. Durante quase todo o século XVI, eles atacavam os inimigos sem piedade e sem pausa. Eles roubavam as armas dos espanhóis e, prometendo novas lutas, as entregavam às futuras gerações de seus grupos. Esse ódio desenfreado e avassalador fez com que se tornassem grandes na arte da guerra, aumentando, também, o entendimento destes como heróis.

Conforme os brancos caminhavam pela grande planície, moradias e criações de animais surgiam em seu trajeto. As atividades pastoris eram favorecidas pelas águas e pastagens nativas do Pantanal, assim, os novos criadores trocavam e vendiam seus produtos com os viajantes que passavam por ali (RONDON, 1972).

No livro “Gente Pantaneira”, Barros (1998) constrói um estudo sobre o Pantanal como um santuário ecológico. Segundo ele, a região foi descoberta apenas na década de 1970, pois, mesmo que existissem moradores na região antes disso, somente com as visitas dos turistas e, sobretudo, dos pesquisadores ecologistas que veio o reconhecimento. Excluía-se da paisagem do Pantanal o pantaneiro, visto que a preocupação pairava somente com a flora e a fauna da região.

De acordo com Rondon (1972), para a chegada de novas pessoas na região e para a posse das terras pantaneiras, foi fundamental o regime de criação de gado, mas não só isso. Foram relevantes, também, o progresso da pecuária, a abundância de água, os fatores climáticos e áreas que tornavam possível a criação extensiva com custo reduzido.

Atualmente, os fazendeiros criadores de gado possuem mais de 80% do Pantanal. Segundo Moraes (2000), as características originais da região são mantidas por conta dessa exploração que existe há mais de dois séculos. O pantaneiro é um sujeito nativo do Pantanal ou aqueles que, apesar de não terem nascidos lá, assimilaram a vivência do nativo, compartilhando costumes e hábitos tradicionais da região (CONGO; NADER, 2004).

O Pantaneiro é quem vive ou viveu nessa região, e que vai além dos moradores do Paraguai, Bolívia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, ou grupos sociais como etnias indígenas, quilombolas, negros ou fugitivos. São pessoas que compreendem o ritmo que as águas impõe nessa região.

Tem relevância nessa região a formação dos grandes latifúndios, a criação de gado, o

peão pantaneiro, bem como o cavalo pantaneiro, o qual se constituiu no essencial meio de deslocamento. Proença (1992, p. 55) coloca que:

Era preciso implementar uma outra atividade econômica no Pantanal depois da fase de consolidação das fronteiras, construção dos povoados e, também, depois de fundar os fortes e apagar a chama de guerra dos índios Paiaguás. Vale lembrar que as lavras auríferas estavam em decadência, pois se exauriam com muita facilidade. Quatro elementos foram importantes para essa nova incrementação: o desbravador-pioneiro, o vaqueiro, o cavalo e o boi.

De acordo com Proença (1992, p. 55), o pantaneiro é uma mescla de descendente de índio e bandeirante, mameluco, paulista, sendo que a miscigenação do pantaneiro um forte e cheio de influências de diversos grupos.

Podemos colocar que do nativo veio a humildade, desconfiança e paciência; do mameluco o ardor, coragem e ambição. Essas peculiaridades são fundamentais para que esse indivíduo pudesse passar os obstáculos que a região apresentava e apresenta ainda hoje.

O vaqueiro por sua vez é colocado como uma mistura das etnias indígenas (Guató, Bororo e Guaicuru) e com os donos da terra. O escravo que trabalhou nas minas e depois foi para a cana de açúcar, contribuiu na formação étnica do vaqueiro, bem como o paraguaio de quem o vaqueiro assimilou muitos costumes, principalmente o tereré (erva com água gelada). O homem coloca aqui sempre tiveram ao seu lado a companhia das mulheres, que segundo Proença (1992, p. 57),

Também é necessário reservar o lugar da mulher, ela que foi companheira do vaqueiro e do desbravador; a mulher índia (cunhã), que trabalhava na lavoura carregando seu filho nas costas, que servia de besta de carga ao marido e que participava das danças festivas, entretendo os visitantes; a mulher negra, escrava, mãe dos mulatos e criadora das estórias e dos quitutes nas cozinhas; a mulher portuguesa, que nos ensinou seus costumes e se integrou aos nossos e que administrava o patrimônio com tanta força quanto um homem.

O grupo social surgiu ao longo da colonização, como apresenta RONDON (1982), os Guató combatiam os Guaicuru que, na seca, traziam seus animais para o território, e caso perdessem a batalha, seriam por eles escravizados, e segundo FINOCCHIO (1988, p. 90), “enchentes surgiam os canoieiros Paiaguas”.

Os Guató eram dividida em “pequenos grupos, famílias acampadas em redutos seco”. O mesmo autor coloca os Guató como formadores do povo Pantaneiro, juntamente com os

Beripocone, “paulistas, portugueses, (...) escravos de origem africana e índios escravizados, e posteriormente alguns estrangeiros e brasileiros de diversas regiões”, CORREA FILHO (1995, p. 56) afirmar que ser o “caboclo regional, descendente de bororos, de pareci, de Guató”.

**Figura 15** Foto da etnia Guató



Fonte: arquivo público (Socioambiental, foto etnia Guató, 25 de novembro de 2016)

Banducci Junior (1995, p. 89) resume que o pantaneiro é um misto de “aprendizado com os cavaleiros Guaicuru”, com hábitos alimentares de caça, pesca e coleta com outras etnias; e o aprendizado com Guató sobre a construção da canoa.

Pode-se dizer que basicamente parte dos indivíduos dessa região possuem uma forte ligação indígena, nem sempre reconhecida através das fontes orais, mas percebida com a confirmação das histórias de famílias contadas por eles, onde citam avós ou outros parentes como indígenas

Um complemento para a interpretação sobre o pantaneiro é pontuado pela pesquisadora Nogueira (1995 apud BRUM, 2001, p. 14), que ressalta o equilíbrio no

relacionamento desses indivíduos com a natureza. De acordo com ela,

O pantaneiro típico é um ambientalista nato, pois aprendeu a ler a natureza por conta de sua interação diária com o ambiente. Ele consegue captar até as mais sutis transformações na região e nunca age de modo a prejudicar o Pantanal. Sua relação harmônica com a natureza nesses dois séculos fortalece as propostas de preservação dos vários ecossistemas que compõem esse ambiente.

**Figura 16** Índio / Peão com o cavalo pantaneiro



Fonte: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (autor desconhecido)

Em uma comparação entre o pantaneiro e o homem urbano, Coelho Neto (2002) discorre sobre como é complicado para um sujeito do campo compreender a grande quantidade de informações variadas presentes em uma cidade, mas, ao mesmo tempo, quando um indivíduo urbano vai ao campo, também não consegue perceber a fartura, tanto alimentícia quanto visual, nem a riqueza de detalhes, sobretudo quando se fala do Pantanal.

A reflexão ou compreensão de Barros (1998, p. 180), a única espécie em extinção no santuário ecológico que é o Pantanal é o pantaneiro, pois, para ele, este sujeito está perdendo seus hábitos e costumes do cotidiano. O autor ainda traça um perfil psicológico do pantaneiro:

Primeiro, sobre a caracterização do perfil psicológico do vaqueiro de Nhecolândia, insiste-se que esse sujeito é despreocupado, alegre e brincalhão. Em contrapartida, o pantaneiro é, de fato, um introvertido social, pois, embora sejam alegres e extrovertidos entre si, diante de estranhos assumem uma postura de passiva discrição, fecham-se, deixam de emitir suas opiniões, ou seja, não aceitam com facilidade os intrusos em sua intimidade. No entanto, para evitar erros na construção da ideia sobre o caráter pantaneiro, como se tem visto nas tentativas de pesquisadores, repórteres e intelectuais, é necessário um estágio longo de convivência (BARROS, 1998, p. 180).

Praticado cotidianamente, o ato de pedir benção é um hábito dos pantaneiros, assim como é costume o uso de pronomes de tratamento, como patrão, dona, senhor e senhora. Tradicionalmente, os membros da família pantaneira se desenvolvem na fazenda, porém, atualmente, em virtude dos meios de transporte, que tornam o deslocamento mais fácil, as conjugues dos donos de fazenda podem viver nas cidades, nas proximidades da propriedade. Os filhos do fazendeiro partem para a cidade ao atingirem a idade escolar e ficam por lá, alguns acabam abandonando as tradições familiares.

Segundo Reis, Ribeiro e Bourlegat (2006), ao crescerem, os filhos dos peões passam a colaborar com os pais na execução das atividades rurais. Em alguns casos, quando não precisam cuidar dos filhos, suas esposas são contratadas para a prestação de serviços domésticos na sede da fazenda

Devemos constantemente refletir que o Pantaneiro não é somente o “Pantaneiro”, ele adquire vários conceitos ao longo do ano e ainda depende de qual região se localizada. O termo pantaneiro antes de 1975 era uma designação para “Boi”, após a enchente de 1976 que não apenas elevou o Pantanal diante do conjunto de meios de comunicação nacional, com divulgação sobre os fatos e as belezas naturais, acabou por modificar o termo pantaneiro para os habitantes do Pantanal.

A partir desse instante, o pantaneiro passa a adquirir influências em filmes, séries, livros, transformando essa figura do “homem pantaneiro” em valente e peão. Começa um processo amplo de identificação da alteridade por parte dos fazendeiros, que pegam o conceito romantizado de pantaneiro e incorporam para si, não exclusivamente para obter status de morador da região, mas para ser categorizado como um participante da região, tudo isso apenas com intuito de adquirir latifúndios legalmente.

A homogeneidade econômica nessa região não existe, uma vez que são “diversos Pantaneiros” em um Pantanal, existem relações de autoridades e poder, fazendo acontecer vários embates dentro daquela região, como os embates entre Bororo e Guató, fazendeiro e

peão, ribeirinho e peão, compreender esses conflitos pela terra e a não conformidade ou simetria econômica é o início para refletir sobre esse ambiente.

As relações do Pantaneiro com seu ambiente é o meu objeto, pois é através dela que as relações entre meio ambiente e cultura se unem, buscando um olhar sobre as relações sociais do Pantaneiro, “que habita e participa ativamente dessa transformação dos rios” (SADOVSKI, 1997, p. 35), que não apenas se modificam durante a cheia ou evasão das águas, mas modifica a paisagem do pantanal e a rotina do Pantaneiro.

“Trabalhavam em regime de *muxirum* quase em tudo, na pesca, na limpeza de estradas e de cemitérios e na colheita de roças. Faziam azeite de peixe na pesca e ia quase toda a comunidade. Para fazer o azeite e para fazer gordura, ia quase todo mundo a uma baía.” (**Otoniel Gonçalves Padilha**, entrevista 24 de Julho de 2016)

“(…) A criança é socializada na cultura onde é criada, e enquanto adquire os seus hábitos linguísticos, aprende simultaneamente a categorizar os papéis, as relações e as coisas que pertencem ao mundo humano, e, segundo critérios de semelhança e de contraste, a categorizar também as relações e as coisas que pertencem ao mundo da natureza. A construção de modelos processa-se segundo duas direções: os homens são levados a interpretar a natureza como uma elaboração cultural e a ver a cultura como uma transformação da natureza.” (LEACH, 1989, p. 83)

O pantaneiro não apenas nasceu naquela região, mas esse indivíduo aprende que as fronteiras são imaginárias, a natureza define e redefine essas divisões, logo, ele não pode limitar o “ser pantaneiro” para apenas para quem nasceu no local.

Todos aqueles que moraram ou moram na região são pantaneiros, aprendem não apenas os ciclos das águas, mas respeitam a natureza, formas de plantio, e especialmente aprendem que a construção identitária do pantaneiro perpassava qualquer fronteira conceitual, que vem desde os Paiaguas, Guaicurús, Guató até os portugueses, espanhóis, paraguaios, chilenos, uma heterogeneidade homogeneia (apesar de diferentes em nomes, tornam-se iguais na região).

Alguns autores colocam que as relações natureza/cultura são concebidas, em particular, na forma da oposição entre nós e os outros (cultura / Culturas), sendo estes últimos assimilados por vezes a seres naturais (etnocentrismo, selvagem/barbárie/civilizado). LEACH escreve que

“Em certos casos, presume-se igualmente que a natureza forneça um modelo a cultura. Assim os ritmos naturais escondem o tempo social

(calendário, ciclo, ritmo, tempo/temporalidade), assim as artes foram forçadas, numa certa época, a imitar a beleza da natureza (imitação). Assim, ainda, se tenta fundar o direito sobre uma referência ao estado natural, contraposto ao estado social, ou posto como seu modelo (sociedade, socialização e também, instituições). Mas a natureza não se contrapõe apenas a cultura; o sobrenatural constitui um terceiro termo, diferente dos dois primeiros (deus, diabo). As diversas correntes da antropologia (anthropos) definem-se segundo as soluções que propõem para o problema das relações entre a natureza e a cultura; o mesmo acontece em filosofia (filosofia/filosofias). Análoga problemática se reencontra no debate sobre as relações entre ciências sociais e ciências natureza (ciência, leis), na psicanálise (castração e complexo, incesto), no marxismo (modo de produção) (1989, p. 49)

**Figura 17** Cavaleiro e sua boiada



Fonte: José Medeiros (23 de Janeiro de 2017)

Considerando essas distinções, nota-se que alguns entendem a natureza de maneira um tanto quanto abstrata, à semelhança de um imenso dicionário de características, do qual as sociedades se utilizavam para conceber sistemas simbólicos, como classificações, mitos etc. Por conseguinte,

“Era desconsiderado o sistema concreto de interação com os não

humanos. [...] trata-se de uma relação que permanece, constante, na interação entre não humanos e humano por meio de dispositivos (tais quais encantamentos, quer dizer, o discurso da alma que os seres humanos comunicam às almas dos animais e das plantas; ou os sonhos que evidenciavam como os não humano, em forma humana, dirigiam-se aos humanos para lhes transmitir mensagens). Uma realidade em que, para além das relações entre humanos, o contato com a natureza tinha fundamental importância. Contudo, a questão era saber como lidar com essa relação entre não humanos e humanos (DESCOLA, 2001).

É na ação cultural que essa relação está apoiada. Um dos mais importantes antropólogos brasileiros, Roque de Barros Laraia, para explicar esse dinamismo das manifestações culturais, diz que a cultura não é imóvel, elas se alteram com o tempo, algumas mais lentamente e outras mais rapidamente por força de fatores instantâneos.

A fim de embasar sua compreensão, o antropólogo estabelece uma analogia entre os costumes de determinados indígenas e os hábitos das formigas saúva. Segundo ele, caso alguém tivesse catalogado os hábitos dos índios e os das formigas há quatrocentos anos e os comparasse com os de hoje em dia, perceberia que as formigas não mudaram em nada o modo como fazem as coisas, no entanto, por outro lado, notaria que os indígenas, vivendo isoladamente ou não, mudaram seus costumes.

O autor completa que mudaria, do ponto de vista de um antropólogo, seria o andamento da alteração, que caso a sociedade fosse isolada, seria mais lento. Assim, percebe que as mudanças nos hábitos humanos, ou seja, o dinamismo da cultura é decisivo, o que é discutível é a periodicidade em que ela acontece e os elementos influenciam-te para essa transformação.

Segundo Durham, que descreve um pouco sobre o conceito de dinâmica cultural, principalmente ela discute as formas de retóricas da cultura, que no ponto de vista dela, a cultura deve ser

[...] uma “variável” que apresenta um “nível de realidade” igual ao de outras “variáveis”, como a urbanização, a industrialização, entre outras. [...] Por assim dizer, a cultura é um processo mediante o qual os homens, a partir de manipulações simbólicas, atributo de qualquer prática humana, dão significado e orientam as suas ações. Dessa forma, a resposta para o impasse em que se vê a ciência antropológica está na sua capacidade não só de verificar e de descrever a diversidade cultural, mas de explicar o modo pelo qual ela é socialmente produzida. Faz-se necessário, então, tentar compreender a natureza do processo de heterogeneização. [...] As diferenças culturais, nessa nova conjuntura, são vistas como

manifestações de aceitações ou oposições que implicam o contínuo reposicionamento dos grupos sociais na dinâmica das classes e não como mera expressão de peculiaridades de modos de vida (DURHAM, 1977, p. 229-230).

Para além das dinâmicas, a maneira que as fontes orais colocam as paisagens, usando em seu lugar o termo vista. Com mais de um significado é similarmente bastante utilizado o termo lugar. Esse, em seu primeiro aspecto é concebido como reservado ou conservado, sendo um local de qualquer ocorrência participar, muitas vezes recebendo um nome.

**Figura 18** Pantanal e seus mitos



Fonte: Bruna Obadowski (Pantanal e seus mitos, 2017)

Considerar que o pantaneiro vai ser caracterizado por causa da região, do local onde se esta estudando, que grupo está sendo focalizado e principalmente qual a atividade dessa comunidade tradicional, uma vez que o Pantaneiro não é somente aquele que nasce no Pantanal ou vive naquele ambiente, mas é um conjunto de fatores que pode conter outros conceitos como peão, vaqueiro, camponês, ribeirinho e até pescador, ou seja, a definição do pantaneiro hoje não passa de um romance criado pela mídia e pelo poder publico para criar uma imagem daquela região.

No contexto do Pantanal, os moradores locais precisam cooperar uns com os outros. Airton, habituado a lidar com as adversidades cotidianas, isto é, com situações em que é necessário, por exemplo, colocar tábuas pouco estáveis sobre uma ponte caída para atravessar um caminhão, diz que existe um tipo de compromisso entre os populares da localidade.

Se por ventura eu atolar na estrada, os primeiros que por ela passarem de carro param, descem com uma pá, com um pedaço de pau, uma enxada e logo estou desatolado. Ocorreu já de eu perder um pneu furado que caiu da caçamba e depois vir um colega me oferecer um aro que encontrou. Após eu ter dito que era meu, ele veio até aqui me devolver. Nesse lugar funciona dessa forma (**Airton Pereira**, entrevista do dia 26 de julho de 2016).

## 5.1 IDENTIDADE

Apresento a seguir a forma pela qual se deu a configuração da sociedade e das relações sociais nas quais os pantaneiros inseridos, o que permite compreender de que maneira, a partir de modelos de contratos sociais, fomos construindo pactos em nome do social, ao mesmo tempo em que fomos desconsiderando que, para o progresso e para a sobrevivência humana, também era necessário incluir a natureza, ou seja, construir uma expectativa etnográfica dos pantaneiros.

Por volta do século XVII e XVIII, alguns filósofos do direito, dentre eles Thomas Hobbes (2003) e Jean-Jacques Rousseau (1973), cada um à sua maneira, argumentaram a favor da necessidade de pactuação do contrato social, pois a humanidade encontrava-se em estado de natureza. A noção de estado de natureza remete ao momento pré-social, quando as pessoas viviam isoladas (CHAUÍ, 2000) e possuíam duas explicações complementares.

Em primeiro lugar, para Hobbes (2003), no século XVII, o estado de natureza produzia o isolamento dos humanos e, conseqüentemente, as guerras entre os povos. Emerge dessa relação o medo da morte violenta, a produção de armas para proteção pessoal e a delimitação das terras ocupadas.

No entanto, nada disso adianta, pois prevalecerá sempre a lei do mais forte sobre o mais fraco. Em segundo lugar, já no século XVIII, Rousseau (1973) trata o estado de natureza como o momento em que as pessoas viviam isoladas nas florestas, comunicando-se por meio de gestos e sobrevivendo com aquilo que retiravam do meio ambiente. Entretanto, essa condição de “bom selvagem” muda quando as pessoas começam a se apropriar e a delimitar as terras, gerando o estado de guerra entre os povos.

A partir daí tem início o estado de sociedade. Diante do clima de ameaças e incertezas, a humanidade passa do estado de natureza para o estado civil por meio da criação da política e das leis. A passagem do estado de natureza para a formação da sociedade civil se dá por meio do contrato social. Explica Serres (1990, p. 60):

Os filósofos do direito natural moderno fazem, por vezes, remontar as nossas origens a um contrato social que teríamos, pelo menos virtualmente, estabelecido entre nós para entrar no coletivo que nos transformou nos homens que somos. Estranhamente lacônico acerca do mundo, esse contrato, dizem eles, fez-nos abandonar o estado natural para formar a sociedade. A partir do pacto, tudo se passa como se o grupo que o assinara, ao construir o mundo, apenas passasse a enraizar-se na sua história.

Por meio do contrato social, as pessoas renunciaram à liberdade natural, aderindo ao acúmulo natural de bens, riquezas e armas, atribuindo ao poder político a responsabilidade pela gestão dos bens comuns mediante a aplicação de leis, dando início ao poder soberano. Assim, a sociedade abre mão de direitos individuais em detrimento de uma convivência coletiva mediada por normas sociais.

No entanto, o contrato social não aborda limites para a relação das pessoas com o mundo externo, fato que legitima a apropriação, exploração e degradação desenfreada da natureza sob o pretexto de suprir as necessidades econômicas e sociais da humanidade. Como diz Boaventura de Sousa Santos (1998, p. 2): “[...] o contrato social é a metáfora fundadora da racionalidade social e política da modernidade ocidental. (...) Como qualquer outro, assenta-se em critérios de inclusão – que, portanto, são também de exclusão”.

A modernidade ocidental foi propulsora da clássica distinção entre natureza e sociedade. Nesse sentido, a “[...] palavra *moderno* designa dois conjuntos de práticas diferentes. O primeiro cria misturas entre gêneros e seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado; e a dos não humanos, de outro [...]” (LATOURE, 1994, p. 16).

De acordo com esse autor, o segundo conjunto foi muito bem estruturado na sociedade moderna, de maneira que as funções eram distribuídas de formas distintas entre os órgãos representativos: aos cientistas eram atribuídos os trabalhos relacionados à natureza, enquanto aos políticos cabia a administração da sociedade.

Essa divisão de tarefas e a demarcação entre humanos e não humanos se fortalecem com o advento da Revolução Industrial e, posteriormente, com a Revolução Francesa.

Durante a Revolução Industrial, por meio da técnica, celebrou-se o domínio da ciência sobre a natureza. Com o empirismo de Francis Bacon (1561-1626) e o método racionalista de René Descartes (1596-1650) a humanidade passou a compreender os recursos naturais como infinitos e a legitimar o projeto de exploração da natureza sob a promessa de que a humanidade jamais padeceria novamente de fome e frio, como ocorrera no período pré-histórico.

Já durante a Revolução Francesa, pelo viés ideológico, se comemorou a promulgação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Esse tratado refere-se a uma série de artigos inspirados no pensamento iluminista e no direito natural, que abordam os direitos individuais e coletivos como sendo universais. Em contrapartida, o direito natural passou a ser entendido como

[...] um conjunto de regras que existiriam à margem de qualquer formulação. Por ser universal, decorreria da natureza humana e, como fonte de leis positivas, deriva da razão porque ela governa todos os homens. A natureza reduz-se à natureza humana que, por sua vez, se reduz à história ou à razão. O mundo desapareceu (SERRES, 1990, p. 60).

Ao analisar o contrato social, o direito natural e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, Michel Serres (1990) concluiu: todos eles desconsideram a natureza. Decorre desse modelo de convivência antropocêntrico, focado apenas no social, os índices alarmantes

de desastres que têm afetado as sociedades ao redor do mundo e são amplamente divulgados pelas diversas mídias: enchentes, deslizamentos, alterações climáticas.

Contribui também para esse cenário a ideia de que o problema ambiental está relacionado às grandes interferências humanas, ou seja, de que ele está sempre no outro; porém “[...] a nova natureza não é apenas global como tal, mas reage globalmente às nossas ações locais” (SERRES, 1990, p. 59). Essa reação nada mais é do que a linguagem utilizada pela natureza para sinalizar à sociedade de que há um desequilíbrio de forças entre elas, e há uma necessidade de a humanidade ceder, inserindo a natureza na arena social e política.

Para tentar reverter esse quadro de desequilíbrio que ameaça a sobrevivência humana, Serres (1990) propõe um novo modelo de convivência, baseado no aditamento do contrato natural ao contrato social. Diz ele:

[...] por mim, passarei a entender por contrato natural, em primeiro lugar, o reconhecimento, exatamente metafísico<sup>37</sup>, por parte de cada coletividade de que vive e trabalha no mesmo mundo global de todas as outras; não só cada coletividade política associada por um contrato social, mas também qualquer um dos coletivos, militar, comercial, religioso, industrial..., associado por um contrato de direito e ainda o coletivo técnico associado pelo contrato científico [...] (p. 76).

Os termos metafísico e natural presentes nesse contrato natural referem-se à inserção global da proposta defendida pelo autor. A ideia é alcançar a mesma simetria dos contratos social e científico, incorporando-o no mundo e na história. Nesse sentido, procura superar “[...] as limitações vulgares das diversas especialidades locais e, em particular, da física” (SERRES, 1990, p. 76).

Esse novo acordo reconhece os direitos da natureza, preservando-a da exploração do mercado capitalista, estabelecendo limites, retirando direitos da humanidade, como o de enriquecimento por meio da apropriação dos recursos naturais. Implica, prossegue o autor, substituir uma relação na qual

[...] o parasita agarra tudo e não dá nada; o hospedeiro dá tudo e não agarra nada. O direito de dominação e de propriedade reduz-se ao parasitismo. Pelo contrário, o direito de simbiose define-se pela reciprocidade: aquilo que a natureza dá ao homem é o que este lhe deve dar a ela, tornada sujeito de direito (p. 66).

As noções de simbiose e reciprocidade são centrais no contrato natural. Propõem uma relação de troca entre as pessoas e a natureza, de forma a equilibrar a relação de forças entre ambos. Não se trata de eliminar o parasita nem o hospedeiro, mas de garantir condições para que ambos possam se desenvolver, sem que um dos lados seja extinto.

**Figura 19** Cavalos Pantaneiros



Fonte: Cavalos Pantaneiros (Foto de Ahmad Jarrah, 2016)

Procurando refletir sobre as maneiras pelas quais a humanidade poderia retribuir à natureza aquilo que tem retirado dela, Serres (1990, p. 66) exemplifica e nos provoca:

“[...] outrora o cultivador transformava em beleza, pela sua conservação, o que devia à terra e dela arrancava alguns frutos com o seu trabalho. Que podemos nós oferecer ao mundo? Que podemos escrever no programa das restituições?”

Sem procurar criar um manual de conduta humana, mas sinalizando de maneira sutil que a problemática passa pela noção da relação entre as pessoas e a natureza, somos instigados pelo autor a pensar em novos modos de relacionamento com a natureza, entendendo-a, agora, como sujeito de direitos. Não cabe mais a sua apropriação e exploração.

Portanto, Serres (1990) nos fala em ligações, interações, conexões. Isso significa assumir uma nova postura diante do mundo, em que a figura humana é compreendida como parte de uma rede complexa, da qual também fazem parte os não humanos.

Busca-se superar, assim, a velha noção de natureza – essencializada, dominada pela ciência e separada da sociedade e da política –, assumindo-a como aquilo que se define por “[...] um conjunto de relações, cuja rede unifica a Terra inteira; o contrato natural conecta, nessa rede, o segundo com o primeiro” (SERRES, 1990, p. 77). É essa a noção de natureza assumida nesta pesquisa. Falamos em laços produzidos pela rede de contratos e fortalecidos pelas relações entre humanos e não humanos.

A soma destas cordas, malhas e nós, concentrados em diversas redes, por toda a parte conexas, define a natureza de uma forma simples, clara e distinta, especulativa e técnica, e de tal maneira que talvez o passado a tenha sonhado, mas seguramente nunca a concebeu nem praticou. Ela é um conjunto de contratos (SERRES, 1990, p.173).

Por fim, procuramos superar as dicotomias produzidas na modernidade lançando mão de vários autores tem se empenhado nesse sentido. Mary Jane Spink (2003), ancorada em Dona Haraway, afirma a necessidade de desfazer dicotomias ontogênicas, como animal/humano, organismo/máquinas e físico/não físico, enquanto Hannah Arendt (1989) critica a noção de política do mundo moderno, bem como a distinção entre social e privado, e Bruno Latour (2004) rechaça distinções como humano e não humano, entre sujeito e objeto ou entre social, natural e tecnológico.

A formação de um indivíduo em sua diversidade, implica uma passagem por fases de desenvolvimento, e diversas vezes, muitas variações dão margem a várias diferenças entre esses indivíduos. Um dos elementos de maior valia do processo da personalidade na infância

é o processo de identificação, segundo Papalia e Olds (1998, p. 330):

Trata-se do processo mediante o qual um indivíduo assimila as características de outro ou de um grupo. Por meio da identificação, portanto, uma criança pode assumir comportamentos, valores, atitudes e crenças de um grupo ou de uma pessoa.

O mesmo inclusive ocorre na fase adulta, nós selecionamos diversos aspectos das personalidades de outros indivíduos com quem desejamos ser similares (para participar do grupo) e acrescentamos essas características as nossos, ou seja, juntamos aquelas características de quem herdou e aquelas características que surgiram de sua experiência inicial, assim, formamos conceitos sobre coletivos e indivíduos, a partir das semelhanças do grupo e diferenças dos indivíduos.

**Figura 20** Cavaleiros do Pantanal



Fonte: Ahmad Jarred (2017)

Para elucidar e ficar mais evidente, coloquei abaixo alguns comentários dos moradores sobre: Pantanal e o Pantaneiro:

“É pantaneiro mesmo porque foi criado com as coisas daqui do pantanal, né; do povoado do pantanal, povo daqui. Pantanal, que eu sei, é onde desce a água, vai descendo, tem os morrote da mata, mata alta, e tem as várzeas que são os baixos, então, é isto que consta. O pantanal é a beira de rio que passa para o meio dele: do rio. Aqui a água que desce para nós é dos rios Cuiabá e o São Lourenço” (**Joaquim Santana Rodrigues**, entrevista no dia 10 de dezembro de 2016)

“O povoado quer dizer que é o povo reunido, né, no lugar, não é cidade. E o pantanal é lugar baixo, com muitas lagoas, muitos corixos, então aí é o pantanal, que desce a água, é corrente, e os rios que nós temos que põe água aqui, é dois, é rio São Lourenço e rio Cuiabá.” (**Pedro Silvestre**, entrevista no dia 08 de dezembro de 2016)

“É povoado pantaneiro porque nós somos bastante; somos uma povoação aqui; e sempre só no pantanal. Quando enche, vem muita água, nós ficamos presos, não temos aonde ir; de uma casa muda pra outra, nós não temos onde ficar. Diversas pessoas ficam na mesma casa, e tudo fica assim: um pra lá e para cá quando a água vem grande. E é por causa disso que é pantanal. Agora está seco, todo mundo vem e pensa que é seco, mas na hora que enche ninguém vem mais aqui. Nós ficamos aqui sem direito a nada, só correndo para cá numa casa, noutra, em qual é mais alto, em qual tem mais cômodo para nós ficarmos. Aquele que mora num lugar mais baixo tem que mudar. É isso que é pantanal.” (**Maria José da Silva**, entrevista no dia 10 de Janeiro de 2017)

A cidade de Barão de Melgaço se situa entre os dois mais importantes rios pantaneiros, São Lourenço e Cuiabá. Seus moradores se interligam por uma rede de parentesco, de afinidade ou de consanguinidade, que lhes possibilita reconhecer os grupos. Os vínculos afetivos se dão, em grande parte, entre primos e irmãos.

“Igual que nós somo irmão, éh! Um casa com filha daqui [São Pedro] mora na Pimenteira, outro casa com rapaz de lá mora aqui, outro casa com um lá do Retiro. Casa daqui mora lá, e assim vai aquele bastante pessoa. Nós somo igual irmão, tudo nós conhecemos um ao outro, tudo nós sabe qual é essa precisão que tem, o que um tem tudo tem essa precisão porque nós sofremos aqui. Aqui é um lugar que nós sofre muito, porque nós num tem estrada, nós num tem nada que serve pra nós aqui, nós estamos vivendo porque nós gosta do lugar. Nós nascemos aqui, nós vivemos aqui, morar noutra lugar eu num vou em outro lugar.” (**Maria José da Silva**, entrevista no dia 10 de Janeiro 2017)

“A primeira tapera que existiu aqui dentro deste sertão foi da família do Joaquim Leite. Então, que entrou três irmãos. São três irmãos, que entraram neste sertão. Daí, como eu estava contando, meu advogado ele falou: se ele cercasse tudo ficava negócio bom, mas ele era um povo demais de bom, chegava um, chegava outro e que queria trabalhar,

então dizia – pode trabalhar. Nunca ligaram, nunca ligamos de cercar.”  
(**Pedro Silvestre**, entrevista do dia 08 de dezembro de 2016)

“Era só mato virgem, só mato alto mesmo. Lá tinha bicho; lá tinha onça, lá tinha pé de garrafa; lá tinha tudo quanto era coisa. Eles foram lá, foram fundando, foram morando, foram fazendo casa, aí foi afastando essas coisas. Eles (os três irmãos) fundaram aqui. Eles tinham muito gado e vieram.” (**Ana Maciel de Araújo**, entrevista do dia 08 de dezembro de 2016)

“...nós aqui somos lá do Centro de Barão, então lá têm aquelas famílias, tem aquele jeito de união nossa. É daquele lugar; é nosso jeito. Lá, por exemplo, no Retiro, no Mocambo, no São Pedro tem outro jeito de união. É do grupo deles.” (**José Dias** entrevista no dia 15 de Julho de 2016)

De acordo com GRUBITS (2000, p. 83), a identidade do eu se forma pelas interações sociais e é gerada pela socialização, conforme relata:

[...] A identidade é produzida pela socialização, conforme o indivíduo, apoderando-se dos universos simbólicos, passa a participar de um determinado sistema social. Posteriormente, ela é desenvolvida e assegurada pela individualização, quando esse indivíduo, em relação aos sistemas sociais, vai se tornando mais independente.

A identidade é fundamental para entender a constituição do ser social e designar o princípio da permanência, que permite ao ser humano continuar o mesmo, de insistir no seu ser, ao prolongamento de sua existência narrativa, caso as mudanças que ele provoca, sofram de forma mais inesperada.

A abordagem contextual, segundo Agier (2001), não define propriamente a identidade. Fora de contextos não existem processos identitários, quer dizer, eles se dão sempre relativamente a alguma coisa que está em jogo.

Sendo dependente da relação com os outros, o processo identitário é o que torna a cultura problemática e a transforma. O mesmo vale para mudanças em uma mesma conjuntura local.

MACHADO (2005) entende que a identidade é enriquecida no momento em que se analisam as narrativas a partir de apontamentos culturais, sendo que estes dão acepção à identidade, ou seja, não se pode entender a identidade sem observar a cultura e ao contrário também. GUNTHER (2003) fala sobre identidade de lugar argumentando o local físico como um ambiente dinâmico para a vida das pessoas, visto que modifica o comportamento

influenciando as reflexões, interações sociais, sentimentos e bem-estar físico.

A identidade está em conexão com as representações, pois as pessoas representando de certo modo duas identidades, seus acúmulos de aprendizagem do seu meio social no dia-a-dia. MOSCOVICI (1989 apud BENITES, 2004) compreende a identidade como representação do ator social, um acontecimento em que o próprio ator social é a compreensão do seu conhecimento, e ele/ela faz uma projeção da sua identidade no objeto que representa.

A representação que um indivíduo faz de uma qualquer coisa demonstra quem ele é, possibilitando seu entendimento sobre a visão das coisas e do que está em volta dela. As representações sociais são para entender a maneira como um grupo constrói um conjunto de saberes que expressam a identidade do grupo social, sendo assim, as representações que ele de certa forma ele apresenta sobre vários objetos, e principalmente o conjunto dos códigos culturais que definem, em cada momento e as regras de uma comunidade.

**Figura 21** Pantaneiro e seu rebanho



Fonte: Bruna Obadowski, (Novembro, 2016)

A teoria avalia a importância dessas pessoas em conhecer essas representações para se entender e compreender o comportamento das pessoas. Para Moscovici (1981 apud

OLIVEIRA; WERBA, 1998), as representações sociais são um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado da vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são equivalentes aos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais.

A memória e identidade tem um papel de importância nesse contexto. A identidade é a força que as minorias no sentido de pertencimento (pertencer a algo), de ser parte de algo foram do comum, e se por este lado, identidade e diversidade social **fazem** parte como complementares, logo, estas duas noções podem também se distanciar de certa forma.

Conforme esta pesquisa pretende sustentar a **respeito** dos pantaneiros, o desenvolvimento de uma identidade de grupo mostra que esses indivíduos não são iguais aos não pantaneiros ou a qualquer outra pessoa.

Temos, portanto, uma imagem comum, com atributos que suplantam a diversidade social e as desigualdades, de modo que esse indivíduo, o pantaneiro, é levado a reconhecer a sua identidade como igual a outras pessoas.

Da mesma forma que outras, a sua identidade decorre de uma determinada imagem do passado desse indivíduo, sendo concebida e fortalecida no decorrer de sua vida.

**Figura 22** Água luz



Fonte: Arquimedes (2015)

A imagem que se constrói sobre o pantaneiro, ou melhor, sobre o esse grupo social denominada de “pantaneiro”, produz um personagem em uma realidade social única, um ser ideal (no sentido weberiano do conceito) que passou algum tempo vivendo da forma dele, podendo ser classificado de maneira “tradicional”, “isolado” da sociedade considerada urbana, mas não menos mítica sociedade “moderna” ou industrial.

A figura do Pantaneiro não tem limite, ela perpassa o território Pantanal que foi desenhado pelo Estado, como já coloquei logo acima do texto. O indivíduo que nasceu na região, alguém que esta morando ou já morou, podem ser classificados e considerados como um pantaneiro, por ter aprendido os hábitos e costumes inerentes da região.

As fronteiras são imaginárias pelos nossos governantes, que querem definições objetivas sobre tudo e todos, e acabam por não considerar as pessoas e o sentimento de pertencimento de cada um, como exemplo o próprio pantaneiro, que acredita e coloca em entrevista não saber onde acaba ou começa o Pantanal.

## 5.2 Pantaneiro e seus codinomes

O “Pantaneiro” ao longo de sua vida e do seu cotidiano recebe outros conceitos ou designações como peão, cavaleiro, camponês ou ribeirinho, sendo que esse reconhecimento do que seria Pantaneiro vai além daquele que nasceu na região.

Não estou criando uma nova categoria colocando pantaneiro e mais um “nome conceito” na frente (ribeirinho, camponês, vaqueiro, peão), apenas quero exemplificar que muitas vezes esse homem que vivem naquela região ganha diversos outras formas de serem chamados durante o ano por conta do clima e da diversidade de atividades que eles participam, por isso separei e sinto não ter aprofundado muito em cada conceito, mas o tempo do mestrado é muito escasso para tanto.

Considerando que ele tem origem em papéis sociais distintos, de forma que solidifica uma identidade híbrida e particular, esta vista como resultado do legado deixado pelos diferentes processos de ocupação que ocorrem e que ocorreram naquele lugar, não são tipos ideais, mas rótulos que pontuei desde o início da dissertação, rótulos criados e aceitos por eles e incorporados em suas vidas. Tais identidades pantaneiras são as seguintes:

### 5.3 Pantaneiro-peão-vaqueiro

Pantaneiro-peão-vaqueiro é quem pratica a atividade e tem conhecimento com o gado, com o cavalo pantaneiro. Sua jornada de trabalho tem início às quatro da manhã e termina apenas às vinte e uma horas da noite, quando o gado “dorme”. Mais especificamente o vaqueiro / peão é alguém designado a cuidar de um rebanho de gado.

O vaqueiro, como coloca BARROS (2007), vai além de ser uma definição profissional, serve como um tipo de “qualificação adjetiva”, já que ser vaqueiro é algo que a grande maioria desenvolve com orgulho e as crianças sonham em um dia pertencer a esse meio. Inclusive alguns patrões ou donos de fazenda adoram colocar que fazem parte desse meio. A origem do peão é descrita por alguns autores como:

A origem do vaqueiro é indígena, descende dos primitivos donos da terra: dos guaicuru, dos xamacoco, dos Guaná e dos Guató; assim como do negro trazido para ser escravizado nas minas de ouro e, posteriormente, nas lavouras de cana-de-açúcar. Seguiu o desbravador por diferentes caminhos e obteve influência dos paraguaios no Sul, incorporando-lhes os traços fisionômicos e os costumes, compondo um tipo de vaqueiro distinto do vaqueiro do Norte: o emblemático poconeano. Porém, a figura do vaqueiro não se limita a um tipo físico, para além disso, consiste em um indivíduo que é célebre por seu trabalho, isto é, pela sua determinação na lida, por suas maneiras corretas, pela sua fidelidade e coragem.

[...] O vaqueiro é glorificado e o seu trabalho é reconhecido como um dos mais importantes para o êxito na conquista do território pantaneiro, por isso, era uma atividade desempenhada, em outros tempos, até mesmo pelos patrões, em uma união que anulava a hierarquia entre empregados e patrões, uma vez que estes se viam como parceiros de lida (PROENÇA, 2003, p. 21).

Quando dizemos, por exemplo, que Nhô Juca da Esperança era vaqueiro, estamos falando da qualificação adjetiva, pois ele era patrão; melhor dizendo: ele era um patrão muito vaqueiro. Vê-se que o nome substantivo se adjetivou. Isso se explica por uma situação muito própria da lida campeira: o seu aspecto competitivo e alegre. (BARROS, 2007, p. 55)

Quando o mano e eu chegamos, formados, para trabalhar no Taboco, ainda lidamos muito tempo com empreiteiros de pega de gado. O nosso gado era da pior qualidade. Urgia melhorá-lo e amansá-lo.

[...] Foi uma luta intensa, mas sempre fui auxiliado por pessoal muito bom. A pega do nosso gado bravo – o touro, principalmente, que era uma verdadeira fera – representava um desafio ao homem do campo. Quantos e quantos cavalos morreram estripados pelos chifres dos touros

e vacas.

[...] O trabalho do vaqueiro era árduo, mas cheio de satisfação. Toda manhã, antes de clarear o dia, cada peão contava suas façanhas na rodada do chimarrão. Eram verdadeiros heróis, lutando pela consolidação das conquistas do solo pátrio, procurando firmar o povoamento da região. O vaqueiro foi o consolidador das conquistas dos bandeirantes e mineradores, por isso aproveitou para render a minha gratidão e homenagem a esses brasileiros simples, ignorantes, mas muitas vezes inteligentes e audazes. (RIBEIRO, 1984, p. 110-118)

À meia noite uma sirene estridente acordava toda a comunidade. A faina ia começar. O homem lá em cima no mangueiro deveria começar o uso do punhal para desnucar as rezes que, laçadas, se aproximavam puxadas por uma catraca movida a motor. Iam caindo desacordadas em um carrinho sobre trilhos que abrigavam três animais de cada vez. Puxado o carrinho as três rezes eram distribuídas aos ressoleadores que já aguardavam amolando facas. Eram operários especializados que, em poucos minutos, deveriam tirar o couro, as vísceras e esquartejar o animal, tudo no chão. Os quartos eram pendurados e entregues à turma da desossa. Depois os manteadores abriam as peças em grandes mesas com as tampas curvas [...] Antes do amanhecer começava a faina da pandilha – a turma que cuidava da secagem da carne.

[...] Os pandilheiros faziam o transporte diário de toda a carne das pilhas para os varais ou para o depósito, em carrinhos de madeira empurrados à mão – serviço pesado. Acho que estas anotações não caberiam bem neste livro, mas são memórias, talvez caibam. São memórias de menino, pois no meio daquele cheiro forte de sangue e carnes passava minhas férias de fim de ano, tempo de safra. Memórias de meu pai, um homem franzino, pequeno, sempre sorrindo, comandando aqueles homens, maioria paraguaios, uruguaios e correntinos. (BARROS, 2007, p.198)

Simples. Muito simples. Montado num burrinho de estimação, cigarro de palha no canto da boca, alforje com a rede e pareio das roupas, chapéu de feltro sombreando o rosto barbado e seco de poeira, o laço, o guampo para o tereré do quentar do dia e uma guaiaca estufada de dinheiro, assim chegava o boiadeiro, comprador de gado das antigas e tradicionais fazendas do Pantanal. Aparecia sempre detardinha e já o gadão estava preso no mangueiro para o aparte do dia seguinte.

[...] Transportadores de gado, muitos desses boiadeiros tornaram-se amigos dos fazendeiros, figuras conceituadas pela seriedade com que realizavam os negócios. (PROENÇA, 2003, p. 84)

Esse peão ou vaqueiro, ou como alguns autores e o próprio pantaneiro na grande maioria coloca: “*pantaneiro tradicional*” é uma figura mais “romantizada”, como expliquei em outros capítulos. Recapitulando, a imagem foi criada logo depois da enchente de 1973, que teve uma grande repercussão na mídia.

A mídia não apenas divulgou toda a enchente, mas criou um homem pantaneiro que

sobrevive naquela região, “um homem que sempre esta em cima de um cavalo e não tem medo de animais” (Fantástico, 1973).

Depois disso, vários livros e filmes foram criados com essa ideia de homem do pantanal era aquele peão ou vaqueiro, que vivia sobre um cavalo cuidando do gado. Até hoje muitas pessoas ainda tem essa ideia e constrói a imagem através dela, não apenas para divulgar o turismo como para garantir terras na região.

#### 5.4 Pantaneiro-ribeirinho

O ribeirinho do Pantanal esta mais enraizada por causa do clima naquela região, seca e chuva abundante, isso influencia que os moradores fiquem com suas casas voltadas para os rios, lagos e pequenas represas, uma forma não apenas de saber quando há cheia e vazante, mas principalmente demonstra essa ligação que eles têm mais com “*água do que com a terra*”.

Pode-se definir o ribeirinho como aquele que percorrer os rios e que sobrevive a partir dele. É possível pensar essa população pelo viés de suas formas simbólicas do cotidiano e de suas representações, com valores que são assimilados a partir de experiências e da vivência nesse ambiente.

De acordo com Diegues (1998), os estudos de sociedades dos ribeirinhos se iniciaram já nos inícios da Etnologia, quando os pesquisadores ingleses começaram a fazer ciência com base em trabalhos de campo.

Fraxe (2004) fala da validade e importância que esse ribeirinho possui para seu auto identificar a partir do local que ele esta situado, não podendo generalizar essa categoria.

#### 5.5 Pantaneiro-camponês

Possivelmente a categoria mais difícil ou complicada de definir, visto que se trata de uma categoria campesinato que precisa ser observada mediante os aspectos políticos, econômicos e sociais da região de estudo,

[...] sociedade brasileira é marcada pela relação dialética entre componentes da modernidade e da tradição, uma vez que essa relação está associada a processos característicos do desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo. Em nossa sociedade, não se pode afirmar que o campesinato tem um destino pré-determinado,

considerando que o destino desse grupo social, ao decorrer de sua própria história, é determinado pela posição social que este ocupa no âmbito das lutas que surgem em torno da questão agrária e das estratégias e escolhas que faz diante dos possíveis historicamente decisivos (MARQUES, 2008, p. 60)

Woortmann (1990, p. 13), coloca a noção de campesinato enquanto “uma qualidade presente em maior ou menor grau em distintos grupos específicos”, já Shanin (2005) coloca que

[...] o camponês consiste em uma mistificação, ele não existe em nenhum sentido estritamente específico ou imediato. Em qualquer região, estado ou mesmo continente, as pessoas assim chamadas se distinguem em conteúdo de forma tão rica quanto o mundo. Ademais, a história soma a sua parte da diversidade, isso porque o camponês poderia não ser igual em diferentes séculos, décadas ou anos.

[...] Para salientar tudo isso e mais, basta uma conceituação mais estrita do contexto social, uma vez que, servindo-se de alguns exemplos, podem ser atribuídos significados semelhantes a camponeses de sociedade e períodos históricos diferentes, seja na Gezira produtora de algodão para a indústria, seja no cerrado queimado e devastado da Tanzânia, ou na Borgonha feudal. Por fim, termos gerais, fora de contexto e a-históricos tendem, odiosamente, a se transformarem em reificações da realidade ou em manipulações conscientes em pró de acadêmicos em busca de prestígio ou políticos espertos. É dessa forma que camponeses se transformam em mistificação (SHANIN, 2005, p. 01 e 02).

Para Shanin, não podemos colocar o camponês de maneira generalizada, mas devemos pensar no contexto e espaço-tempo-momento-histórico que ele está inserido, não julgando esse indivíduo de forma tão generalista, mas contribuindo para um amplo debate que o cerca.

Edward Thompson (1998) coloca que tudo deve ser escrito e refletido no período que se insere, pensando sempre nas “leis do mercado”; para Goffman (1998) o estigma é o grande problema, se for pensar no contexto do campesinato e na sociedade que vivemos hoje que valoriza a propriedade privada da terra como se fosse mercadoria, onde fazendeiros matam para formar grandes latifúndios no Pantanal e criam um processo de estigmatização por meio da mídia, que desmobiliza os movimentos e as pessoas que vivem naquelas terras, promovendo uma violência simbólica e física.

“(…) muitos dos esforços dos camponeses serão vistos pelas classes apropriadoras como truculência, fraude, vagabundagem, furto ou arrogância – em resumo, todas as etiquetas planejadas para denegrir as muitas faces da resistência” (SCOTT, 2002, p. 30).

No Pantanal não é diferente, uma terra que possui vários latifúndios com enormes fazendas que foram criadas e tomadas por pessoas, e que na grande maioria vem de São Paulo ou da região sul, com intuito apenas de criar gado e desmatar, sem respeito com aquele ambiente ou com as pessoas que estão vivendo ali. Muitos casos de mortes ou ameaças por causa de pedaços de terras são foram contadas por moradores daquela região, que pedem uma maior preocupação do poder publico.

A maior parte das terras não possui escrituras, nem sequer a FUNAI conseguiu ate hoje resolver a demarcação de algumas terras indígena, pois alguns lugares que eles consideram sagrados e intocáveis, acabaram sendo “loteados” por grandes fazendeiros.

Cito como exemplo o caso dos Bororos na região, que perderam a maior parte de suas terras para as fazendas de gado; os Guatós, que foram expulsos das terras tendo que migrar dentro do próprio Pantanal para sobreviver.

Contudo, o campesinato na região tenta manter uma agricultura de subsistência, planta apenas para alimentação própria, mas caso acha abundancia na plantaçao, eles vendem.

Alguns agricultores de pequeno porte reclamam da falta de visibilidade, de local para vender seus produtos e principalmente da dificuldade de competir com o mercado, visto que as pessoas preferem comprar nos mercados pela “segurança e certificação dos alimentos”. Não existem uma divulgação e nem uma auxilio para esses pequenos produtores.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XX para a região do Pantanal foi marcado por mudanças essenciais: a decadência do comércio fluvial, a construção da ferrovia, o declínio das usinas no Pantanal, visões e imagem criada de um Pantanal “místico”, mas o mais importante e perigoso foi a abertura para os fazendeiros, que cercaram suas fazendas, inserindo o gado e as plantações de soja.

Todos esses fundamentos tiveram uma ação nas modificações do cotidiano do Pantaneiro. Um intenso processo de mudanças ou transformações por conta do redirecionamento da economia do país, com influencia do projeto “marcha para o Oeste” que visava a exploração de um país “desabitado”, mas que somente serviu para uma corrida atrás de terras e legalização de bens que já tinham donos, além da introdução da agricultura mecanizada e da pecuária.

A criação de animais ou a caça e pesca para a própria subsistência tornou-se cada vez mais difícil, pois no Pantanal o gado antes andava livremente, sem cercas que o dividia em territórios e o proibia de ir aos lugares.

Essa falta de cerca física, material, ajuda nos tempos de cheia e seca, quando o gado anda de um lado para o outro a procura de abrigo e alimento, levando sempre pelo Pantaneiro, que sabia os caminhos que deveria percorrer.

Não apenas o gado perdeu sua liberdade, mas o Pantaneiro deve que se adaptar e criar novos “caminhos” nesse mundo globalizado que proíbe e fixa territórios que ele pode ou não habitar.

Assim, a agricultura também foi comprometida pela diminuição da fertilidade, pois essa questão do gado e do pantaneiro em tempos de cheia e seca ajudavam na fertilização do solo, devido à quantidade escassez de terras, alguns territórios tornaram-se francos e a recuperação do solo não conseguiu atingir objetivos para um novo plantio.

Durante a pesquisa, percebi que fatores sociais, econômicos e culturais influenciam muito esses sujeitos que vivem nessa região. O pantaneiro não é apenas um, mas vários, ele é uma construção de varias etnias, brancos, quilombolas, negros, migrante e imigrantes, com costumes variados, ou seja, dependendo da região que se estuda no Pantanal, vamos encontrar diferenças e semelhanças entre eles.

São pessoas que não podem ser limitadas por territórios delimitados pelo governo, seu espaço geográfico vai além desse limite fixo que nossos políticos tentam impor. Sua cultura não

apenas mescla diversas regiões, grupos e pessoas, mas ultrapassa e atinge outros países.

Posso concluir que os pantaneiros são um grupo social heterogêneo, que deve ser estudado sem pensar em fronteiras políticas-administrativas imposta pelo Estado, colocando diferenças e procurando “rotular pantanais” através de uma divisão por Estado, um município ou até, uma comunidade. Seria como falar da “cultura brasileira”, indicando apenas aqueles “tipos ideais” já difundidos e estereotipados do que é essa cultura.

O Pantanal não se limita aos territórios tradicionais (político-administrativos), pois o pantaneiro é o resultado e síntese de “diversos pantanais”, com sua peculiaridade e diferenças, mas que de certa forma, tem sua similaridade na maneira de relacionar-se entre si e com a natureza.

A cultura é aprendida, simbólica, compartilhada, dinâmica e principalmente no caso do pantaneiro, a cultura pode ser entendida como integrada, como uma teia, que linguagem, economia, religião, social, geografia, se unem para complementar esse indivíduo.

Não podemos desconectar ele das sociedades urbanas ou dita industriais. Longe disso, apesar das relações dos pantaneiros com o meio ambiente terem se modificado, não só nas últimas décadas, mas também em épocas anteriores, quando houve importantes descontinuidades, ele apresenta o que vários autores colocam: nenhum grupo fica parado no tempo, todos se adaptam e se modificam.

Não existe e nunca existiu UM pantaneiro, o que realmente existe é um povo pantaneiro, desigual e com uma vasta pluralidade, englobando os ribeirinhos, fazendeiros, mestiços, camaradas, vaqueiros, brancos, negros, ameríndios, mulheres e homens, que são marcados por várias culturas e trajetórias.

Porém, não se pode observar as comunidades rurais pantaneiras como uma realidade completamente *sui generis*, mas sim uma combinação *sui generis* de elementos de uma sociedade rural brasileira.

O documentário mostrou isso com as memórias e narrativas orais da comunidade, a cultura daquela comunidade foi modificada com o tempo-espço, uma mudança que ocorreu não apenas dentro da comunidade, mas principalmente, nos sujeitos que ali vivem até hoje e não querem sair.

Frequentemente, tal modo de vida que se conecta aos elementos da natureza é descrito na literatura clássica como cultura e tradição pantaneira. Porém, sinaliza-se que novos atores, como a construção de aterros, estadas-parque, diques e usinas, acabam interferindo nos pantanais, o que conseqüentemente altera o ciclo de cheias.

A região, merece não somente o apoio governamental, mas também o interesse de cientistas a fim de se produzir estudos que venham contribuir para a melhoria da vida e de toda ordem social de quem mora na região.

Sugere-se que os estudos e projetos que abordem o homem pantaneiro possam ser executados na própria região pantaneira, ampliando os horizontes e saindo dos “muros” das universidades.

Trazendo, para aquelas populações novas perspectivas, não com o propósito de rejeitar suas heranças, mas, de preservá-las em termos de costumes, cultura e identidade, a par das interferências ou avanços tecnológicos que os cercam.

Daí concluir-se que uma nova configuração de sociedade pantaneira – já presente em algumas fazendas do Pantanal com acesso às comunicações via satélites e internet – poderá preservar a identidade do homem pantaneiro, que tem assimilado as mudanças ocorridas ao longo do tempo sem efetivamente o descaracterizar.

## REFERÊNCIAS

- AB'SABER, AZIZ N. **O pantanal matogrossense e a teoria dos refúgios**. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, numero especial, 1988
- AGEL, MICHEL. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. *Mana*. vol.7, n.2, 2001.
- ALVES, G. L. **Mato Grosso do Sul: o universal e o singular**. Campo Grande, MS: Editora Uniderp, 2003.
- ARANTES, A. A. e MARTINS, L. M. **“A produção do conhecimento científico: relação sujeito-objeto e desenvolvimento do pensamento”**. Artigo do Scielo na interface – Comunicação, Saúde, Educação, 2015.
- BANDUCCI JUNIOR, ALVARO. **Sociedade e natureza no pensamento pantaneiro: representação de mundo e o sobrenatural entre os pões de fazenda de gado na “Nhecolândia”**, Corumbá – MS, São Paulo, 2003
- BARROS, A. L. **Pantanal pioneiros: álbum gráfico e genealógico de pioneiros na ocupação do Pantanal**. Brasília: Senado Federal, 2007.
- BARROS, ABILIO DE. **Gente pantaneira: (crônicas de sua história)**: Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.
- BATESON, GRAGORY e MEAD, MARGARET. *Balinese Character. A Photographic Analysis*. New York: The New York Academy of Sciences, 1942.
- BRUM, E; FRIAS, R. **A mídia do Pantanal**. Campo Grande: Editora UNIDERP, Edição 01, v. 1, 2001.
- CAMPESTRINI, H. **Cancioneiro do Pantanal**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2010.
- CONGRO, CHRISTIANE RODRIGUES; NADER, NAGILA GOMES. **Turismo Cultural: uma alternativa para o desenvolvimento sustentável do Mato Grosso do Sul**. In: Simpósio sobre recursos naturais e socioeconômicos do Pantanal, Corumbá: Embrapa-Pantanal, 2004.
- CORRÊA FILHO, VIRGILIO. **História de Mato Grosso**. Várzea Grande: Edição da Fundação Júlio Campos, 1994.
- DANTAS, MARIO. **Pesquisa para o desenvolvimento sustentável do Pantanal Brasileiro**. IN: Simpósio sobre recursos Naturais e Socioeconômicos do Pantanal, Corumbá-MS: Embrapa Pantanal, 2000.
- DESCOLA, PHILIPPE. **Entrevista sobre: A Antropologia da natureza de Philippe Descola**. Scielo: <http://www.scielo.br/pdf/topoi/v14n27/1518-3319-topoi-14-27-00495.pdf>. acessado em 05 de setembro de 2016.

DESCOLA, PHILIPPE. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.

DIEGUES, ANTONIO C. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário**. São Paulo: Hucitec, 1998.

DURHAM, EUNICE RIBEIRO. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. In: Ensaio de opinião 2+2, Rio de Janeiro – RJ, Editora: Cosacnaify, 1977.

FINOCCHIO, ANA LUCIA FERRO. **O processo de constituição da identidade: as apreensões e mediações sociais e o ato educativo. Um estudo do Paiaguás no pantanal mato-grossense**. Campo Grande, 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

FRANCE, CLAUDINE DE. **Cinema e antropologia**. Campinas: Editora UNICAMP, 1998.

FRAXE, THEREZINHA DE JESUS PINTO. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo – SP, editora Annablume, 2004

FREITAS, M T A. **A Pesquisa na Perspectiva Sócio-Histórica: Um Diálogo Entre Paradigmas**. Texto apresentado na 26ª Reunião anual da ANPED. UFJF, 2003.

GIBSON, JAMES J. **A theory of direct visual perception**. In: NOE, Alva; THOMPSON, Evan T. *Vision and mind: selected readings in the philosophy of perception*. Cambridge: The MIT Press, 2002.

Gibson, JAMES J. (1979). **The ecological approach to visual perception**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

GOFFMAN, ERVING. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.<sup>[L]  
[SEP]</sup>

GOMES, JOÃO C.; SATO, MICHELE. “**Mulheres e homens: partes diversificadas da terra**”. In SATO, M. (Coord.) *Sentidos pantaneiros - movimentos do projeto Mimoso*. Cuiabá, KCM, 2002.

GONÇALVES, D. F. BERNART, F. de A. ZARDIN, S. G. et al. **O peão pantaneiro sul-mato-grossense: sua vida e sua história**. Trabalho de Conclusão de Curso. Campo Grande – UCDB, 2000.

GONÇALVES, MARCO ANTONIO. **O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch**. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2008.

GRUBITS, SONIA; DARRAULT-HARRIS, IVAN. **Ambiente, identidade e cultura: reflexões sobre comunidades Guarani/Kaiowa e Kadiwéu de Mato Grosso do Sul**. *Psicologia e sociedade*, v.15, n.1, jan. 2003.

GUNTHER, ISOLDA DE ARAUJO. **Lugares favoritos de adolescentes no Distrito Federal. Estudos de Psicologia**. Natal, V.8, n.2, maio/ago, 2000.

INGOLD, TIM. **“Humanity and Animality”**. Companion Encyclopedia of Anthropology, Londres, Tradução Vera Pereira para Anpocs, 1995.

LACERDA, OTAVIO AUGUSTO COSTA DE. **Entendendo o Pantanal**. Campo Grande – MS, Editora da UNIDERP, 2004.

LARAIA, ROQUE DE BARROS. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, Edição: 14, editora: Zahar, 2001.

LEACH, EDMUND. **“Natureza/Cultura”**. In: Enciclopédia Einaudi: Anthropos Homem, V. 05, Editora: Lisboa, 1989.

MACHADO, MARCELA. **No meio do Pantanal, Memorial está entregue ao abandono há 10 anos**. 24 jan. 2014. Fotografia: Iara Rezende. Disponível em <http://www.rdnews.com.br/materias-especiais/mimoso-e-rondon/governo-preve-retomada-das-obras/51447>. Acesso em 6 jul. 2014.

MARQUES, JOSE G. W. **Pescando Pescadores: etnoecologia abrangente do baixo São Francisco**. São Paulo: Hucitec, 2008.

MENEGAZZO, M. A. **“Cultura e Arte em Mato Grosso do Sul”**. Livro didático para o Professor de Arte, produzido pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2006.

MORAES, A. S. **Embrapa Pantanal: 2 anos de pesquisas em prol da conservação do Pantanal**. Corumbá, Mato Grosso do Sul, 2004.

MORETTINI, M. T.; URT, S. C. **Introdução**. In: **Cancioneiro do Pantanal**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2010.

MALINOWSKI, BRONISLAW. **Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: abril Cultural, 1976.

MONTE-MÓR, PATRICIA. PARENTE, JOSE INACIO. **Cinema e antropologia: Horizontes e caminhos da antropologia visual**. Rio de Janeiro: Interior Produções, 1994.

MORAES, ANDRE STEFFENS. **Embrapa Pantanal: 25 anos de pesquisa em prol da conservação do Pantanal**. In: Simpósio Sobre Recursos Naturais e Socioeconômicos do Pantanal, Corumbá - MS, 2000.

NETTO, S. L.; MATEUS, L. A. F. **Comparação entre a pesca profissional artesanal e pesca amadora no Pantanal de Cáceres, Mato Grosso, Brasil**. B. Inst. Pesca, São Paulo, v. 35, no 3, 2002

NICHOLS, BILL. **Introdução ao documentário**. Campinas: Editora Papyrus, 2005.

NOGUEIRA. & VALLEZZI. **A reinterpretação resinificada do universo natural pantaneiro**. Revista MS - Fundação de Cultura, MS, 1995

NOGUEIRA, FLAVIA. **Cultura material: a emoção e o prazer de criar, sentir e entender objetos.** Disponível em: <http://geocities.com/sandrix65/oficiosemocao2.htm>, Acessado em: 27 ago. 2002.

NOGUEIRA, ALBANA XAVIER. **O que é pantanal.** São Paulo: Brasiliense, 1990. Coleção primeiros Passos.

NOGUEIRA, ALBANA XAVIER. **Pantanal: entre o apego às antigas tradições e o apelo às mudanças.** Albuquerque: revista de História. Campo Grande, MS. V 1, n.1. p.1-246. Jan/Jun.2009.

NOGUEIRA, ALBANA XAVIER. **Pantanal: Homem e Cultura.** Editora UFMS. Ano 1990. Campo Grande – Mato Grosso do Sul.

OLIVEIRA, FATIMA DE; WERBA, GRAZIELA CUCCHIARELLI. **Representações sociais.** IN: Jacques, Maria da Graça Correa. Psicologia social contemporânea. Petrópolis: Vozes, 1998.

PAPALIA, DIANA E.; OLDS, SALLY WENDKOS. **O mundo da criança.** 2 edições. São Paulo: Markon Books, 1998.

PEIXOTO, CLARICE EHLERS (org.). **Antropologia e Imagem: Narrativas diversas.** Vol 1 e 2. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2011.

PEIXOTO, CLARICE EHLERS (org.). **Memória em imagens.** In: KOURY, Mauro (org). **Imagens e memória: Ensaio em antropologia visual.** Rio de Janeiro: Gramond, 2001, p. 173-187.

PROENÇA, A AUGUSTO CESAR. (Org.). **Memória pantaneira.** Campo Grande, MS: Oeste, 2003.

PROENÇA, AUGUSTO CESAR. **Pantanal: gente, tradição e história.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1992.

REIS, APARECIDO FRANCISCO DOS; RIBEIRO, ELIANE CRISOSTOMO Dias; BOURLEGAT, CLEONICE ALEXANDRE. **Cultura y territorialidad en la tranci3n del Pantanal de Corumbá y Landario en Mato Grosso do Sul.** Revista On-line de la Universidad Bolivarian, v.5, n.14, 2006.

RIBEIRO, R. A. **Taboco – 150 anos: Balaio de Recordações.** Campo Grande, MS: Prol Editora Gráfica Ltda, 1984.

RONDON, LUCIDIO N. J. **Tipos e aspectos do Pantanal – Mato Grosso.** São Paulo: Livraria Nobel, 1972.

ROSA, M. DA G; SA, DUNCAN I. N; M. M. A. **História da Arte em MATO GROSSO DO SUL.** Campo Grande: UFMS/ CECITEC,1992.

ROSSETTO, Onélia CARMEM; BRASIL JR., ANTONIO C. P. **Entre cheias e vazantes: características históricas da ocupação e sustentabilidade do Pantanal Mato-grossense.**

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (RIGMT)*, Cuiabá, p. 91-112, 2002a.

ROSSETTO, ONELIA CARMEM; BRASIL JR., ANTONIO C. P (Orgs.). **Paisagens pantaneiras & sustentabilidade ambiental**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, Universidade de Brasília, 2002.

SADOVSKI, ROBERTO. **O delicado equilíbrio do pantanal**. Revista Os Caminhos da Terra, ano 6, n. 9, edição 65, p. 52-71, setembro de 1997.

SATO, MICHELE. **Sentidos Pantaneiros: Movimentos do Projeto Mimoso**. Cuiabá: KCM, 2002.

SCHWEIZER, G. **Ariranhas no Pantanal: ecologia e comportamento da *Pteronura brasiliensis***. Curitiba: Edibran. 1992.

SCOTT, JAMES C. **Resistência cotidiana no campo: uma avaliação crítica**. In: BIB, RJ, no 49, 1o sem. de 2000 (p. 95-121).

SHANIN, TEODOR. **A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista**. Revista NERA - Presidente Prudente. Ano 8, no. 07. Julho/Dez de 2005.

SIQUEIRA, ELIZABETH Madureira. **O processo histórico de Mato Grosso**. 3 ed. Cuiabá. Guaicurus, 1990.

SOUZA, LAERCIO GOMES DE. **Historia de uma religião: Pantanal e Corumbá**. São Paulo, SP, Editora: Resenha Tributária, 1973.

TEIXEIRA, FRANCISCO ELINALDO (org.). **Documentário no Brasil: Tradição e Transformação**. São Paulo: Editora Summus, 2004.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

WOORTMANN, K. **"Com parente não se neguceia": o campesinato como ordem moral**. In: ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO 87. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

### 1 - ROTEIRO DE CONVERSA COM OS PANTANEIROS:

#### 1) PANTANEIR@

##### a) Dados pessoais

- Nome
- Idade
- Sexo
- Grau de escolaridade/profissão (peão, capataz, cozinheira, etc)
- Nasceu nos pantanais e/ou há quanto tempo vive nos pantanais
- Constituição familiar (filhos, esposo (a), moradia, as relações familiares)

#### 2) Trabalho

- Conte o seu cotidiano na fazenda: o que faz desde a hora em que se levanta até ao anoitecer.
- Como se sente morando (vivendo) neste lugar? Como encara essa vida? Gosta dela?
- Diversão

#### 3) Como se situa e/ou atua nesse espaço

- Pretende mudar de vida? Por quê?
- Gostaria de ter sua própria fazenda e/ou morar na cidade? Por quê?
- Qual é a sua relação com os vizinhos?
- Sentimentos: tem algum medo; como lida com isso; você é feliz vivendo aqui?
- Conte um fato que aconteceu com você e que foi marcante em sua vida.
- Você é feliz?